



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LEONARDO DE OLIVEIRA COLARES

PONTO DE VISTA E REDES REFERENCIAIS EM *FAKE NEWS*

FORTALEZA

2023

LEONARDO DE OLIVEIRA COLARES

PONTO DE VISTA E REDES REFERENCIAIS EM *FAKE NEWS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

FORTALEZA

2023

Universidade Federal do Ceará
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C649p Colares, Leonardo de Oliveira.
Ponto de vista e redes referenciais em fake news / Leonardo de Oliveira Colares. –
2023. 134 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós- Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

1. Fake news. 2. Redes referenciais. 3. Ponto de vista. I. Título.

CDD 410

LEONARDO DE OLIVEIRA COLARES

PONTO DE VISTA E REDES REFERENCIAIS EM *FAKE NEWS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 05/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Abniza Pontes de Barros Leal
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico esta dissertação à minha irmã Ana Lara de Oliveira Colares. Eu te amo eternamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Edmilson Colares e Luciana Oliveira que, ao longo de toda a minha jornada, investiram na minha educação, fazendo-me acreditar que eu poderia alçar voos altos. Ser um dos primeiros da família a chegar a uma universidade pública foi um sonho que eles viveram junto comigo. Agradeço também todo amor, carinho e companheirismo que, sem sombra de dúvidas, colaboraram para o que eu sou hoje.

À minha amada irmã, Ana Lara, que, desde que chegou a minha vida, tornou-a mais colorida, mágica e linda. Dividir a vida (e o quarto) com você é uma experiência incrível. Obrigado por me fazer sentir o amor mais genuíno e lindo que um dia eu pude conhecer.

À minha orientadora, a professora Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, que, desde o princípio, acolheu-me, ensinou-me, e fez-me perceber a pesquisa como um processo mais prazeroso e saudável. Agradeço imensamente por todas as orientações, conselhos e afetos em forma de palavras. Certamente eu não poderia ter uma melhor pessoa para conduzir esta pesquisa.

Às professoras que participaram de todo o processo desta pesquisa, desde a qualificação até a defesa.

À professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, que sempre foi uma inspiração e referência, desde a minha graduação. Tê-la em minha banca é um sonho, e sinto-me muito feliz em realizá-lo. Agradeço a todas as sugestões e conselhos que recebi ao longo desse processo de pós-graduação.

À professora Dra. Abniza Pontes de Barros Leal, que, gentilmente, desde a minha qualificação trouxe excelentes contribuições que certamente atravessaram esta pesquisa. Tê-la em minha banca é uma enorme honra, uma vez que viemos da mesma instituição, a nossa amada Universidade Estadual do Ceará. O que sou hoje agradeço a essa instituição, e a professoras incríveis que passaram pela minha formação, sendo a senhora uma delas.

À professora Dra. Suzana Leite Cortez, que me abriu a possibilidade de adentrar os estudos do ponto de vista, fazendo-me acreditar que eu seria capaz de desenvolver esta pesquisa. Agradeço imensamente todas as orientações e conselhos, bem como todo o suporte teórico, tão crucial para o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço a todas as professoras da Universidade Estadual do Ceará que construíram o professor pesquisador que hoje eu me tornei. Destaco, em especial, a professora Dra. Maria Helenice Araújo Costa, que me abriu as portas para a linguística textual, fazendo-

me apaixonar-me por esta teoria e por toda a contribuição que esta traz ao ensino. Tê-la como professora da graduação fez toda a diferença na minha vida.

À minha melhor amiga, Sarah Ravilla, que há 10 anos vem compartilhando a vida comigo. Seus conselhos, abraços, orientações são muito essenciais na minha vida. Ela me mostrou que os amores de nossas vidas também são nossos amigos. Sua amizade me dá forças para seguir, mesmo em tempos difíceis.

Ao meu ciclo de amigos e amigas que seguraram minha mão e me ajudaram a chegar até aqui. Eles e elas não imaginam o quão essenciais são em minha vida. Destaco em especial as amigas Walesca Fernandes, Monalisa Teixeira, Aline Ravete, Dayana Saraiva, Ayanne Rodrigues, Lígia Mesquita, Célia Girão, Gleucimar Rocha, Natanielle Silva e Yslena Mendes. Vocês são mulheres inspiradoras.

Ao meu coordenador Robson Sousa e à minha diretora Tânia Farias, pela liberação para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa. O meu desejo é que mais gestores tenham o olhar carinhoso que vocês têm pela educação e por seus professores.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pela bolsa de estudos concedida durante o meu curso de Mestrado.

As demais pessoas que passaram pela minha vida e contribuíram, direta ou indiretamente, com esta pesquisa. Às vezes partimos, mas deixamos nossas marcas no outro. Eu sou a soma de todos vocês que deixaram um pouco de si em mim. Gratidão.

RESUMO

Este projeto tem como tema central a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news*. Diante dessa temática, busca-se refletir acerca dos textos oriundos do contexto digital e, sobretudo, daqueles que representam um risco para o acesso seguro à informação, como é o caso das *fake news*. Entendemos que estes funcionam como práticas discursivas que reverberam na desinformação, pois distorcem fatos reais com o intuito de propagar e disseminar a mentira. A partir do exposto, este projeto tem como objetivo principal investigar a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização. Para isso, recorreremos aos construtos teóricos da linguística textual, em especial a Teoria da Referenciação (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003; CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014; CAVALCANTE *et al.*, 2019; CAVALCANTE; MARTINS, 2020), compreendendo a referenciação como um processo dinâmico, multifacetado e altamente complexo, que ocorre em redes referenciais (MATOS, 2018). Não obstante, realizamos uma interface desse estudo com a abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (RABATEL, 1997; CORTEZ, 2011) e com a Teoria da Argumentação do Discurso (TAD) a partir de Amossy (2017) e Cavalcante *et al.* (2022). Nossos resultados apontam para marcas textuais nas *fake news*, como, por exemplo, o uso de categorias como imputação e *Prise en Charge* (doravante PEC), como forma de atribuir ao outro o fato informado, criando com essa ancoragem um falso efeito de verdade no texto. Concluimos que o estudo investigativo acerca das expressões referenciais na construção do ponto de vista em *fake news* auxilia na compreensão e na identificação dessas práticas discursivas que distorcem ou divulgam mentiras, que interferem de forma nociva na vida das pessoas.

Palavras-chave: *fake news*; redes referenciais; ponto de vista.

ABSTRACT

This project has as its central theme the construction of the point of view in the discursive practices of fake news. In the face of this theme, it seeks to reflect on the texts from the digital context and, above all, those that represent a risk to the safe access to information, as is the case of fake news. We understand that these work as discursive practices that reverberate to misinformation, because they distort real facts in order to propagate and disseminate lies. From the above, this project has as main objective to investigate the construction of the point of view in the discursive practices fake news about the Covid-19 vaccination and the Brazilian political scenario, through the use of referential networks, focusing on the referential introduction and recategorization. For this, we resort to the theoretical constructs of textual linguistics, especially the Referencing Theory (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003; CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014; CAVALCANTE *et al.*, 2019; CAVALCANTE; MARTINS, 2020), understanding referencing as a dynamic, multifaceted and highly complex process that occurs in referential networks (MATOS, 2018). Nevertheless, we performed an interface of this study with the enunciative-interactive point of view approach (RABATEL, 1997; CORTEZ, 2011) and with the Discourse Argumentation Theory (TAD) from Amossy (2017) and Cavalcante *et al.* (2022). Our results point to textual marks in fake news, such as, for example, the use of categories like imputation and CSP, as a way to attribute to the other the informed fact, creating with this anchoring a false effect of truth in the text. We conclude that the investigative study about the referential expressions in the construction of the point of view in fake news helps in the understanding and identification of these discursive practices that distort or disseminate lies, which interfere in a harmful way in people's lives.

Keywords: fake news; referential networks; point of view.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sabá das Bruxas (1797-1798), de Francisco de Goya	26
Figura 2 - Outdoor instalado em um prédio na Avenida Osvaldo Aranha, em Porto Alegre...	34
Figura 3 - Campanha publicitária “Aglomera Não!”, da Prefeitura de Canoas	46
Figura 4 - Violência contra a mulher não é só física – Prefeitura de Goiânia.....	52
Figura 5 - Tira “feliz dia da mulher”	63
Figura 6 - Perfil @TerraBrasilnot.....	79
Figura 7 - <i>Tweet</i> traz <i>fake news</i> acerca do ex-presidente Lula	80
Figura 8 - Lula manda recado a Pastores e padres via Youtube.....	82
Figura 9 - Reprodução da Imagem 7	83
Figura 10 - Reprodução da Imagem 7	87
Figura 11 - Interação via Twitter 01	90
Figura 12 - Coletividade Evolutiva: “variante é a própria vacina”	95
Figura 13 - Reações Adversas: “Baixa contagem de esperma em homens vacinados”	105
Figura 14 - Reações Adversas: “A bicampeã vacinada quase se afogou durante a competição após perder a consciência”	114

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1	Afinal, o que são <i>fake news</i> ?	21
2.1.1	<i>Traçando um conceito acercaz do fenômeno fake news</i>	26
2.2	Referenciação e as redes referenciais	37
2.2.1	<i>Teoria da referenciação: os processos referenciais</i>	39
2.3	A construção do ponto de vista como indício em práticas discursivas <i>fake news</i> ...	55
2.3.1	<i>A natureza argumentativa do texto</i>	55
2.3.2	<i>O ponto de vista como pistas textuais que identificam fake news</i>	60
3	METODOLOGIA	69
3.1	Tipo de pesquisa e método.....	69
3.2	Delimitação do universo e da amostra	70
3.3	Descrição do procedimento de seleção e coleta de dados.....	71
3.4	Procedimentos de análise dos dados	73
4	ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DO PDV EM <i>FAKE NEWS</i>	75
4.1	A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de <i>fake news</i>	77
4.1.1	<i>As interações no contexto digital</i>	77
4.1.2	<i>A mobilização de estratégias de introduções referenciais e anáforas</i>	83
4.1.3	<i>As relações intertextuais</i>	86
4.2	As relações referenciais e a construção do ponto de vista do locutor-enunciador primeiro.....	92
4.3	A orientação argumentativa em <i>fake news</i>	110
5	CONCLUSÃO	126
	REFERÊNCIAS	130

1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade em que, cada vez mais, recorre-se aos meios digitais como principal veículo de realização das práticas sociais. A respeito disso, podemos notar que, nas duas últimas décadas, ocorreu um efervescente cenário tecnológico que possibilitou o surgimento de novos ecossistemas, tais como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *TikTok*, o *WhatsApp* etc. Redes que se propuseram a facilitar a comunicação, bem como a torná-la mais dinâmica.

Esses novos modos de interações, via *web 2.0*, remodelaram as práticas discursivas, solicitando, com isso, um maior conhecimento por parte dos usuários frente a esses múltiplos recursos que, a cada dia, surgem e se atualizam. Assim, ferramentas como *likes*, *deslike*, *retweet*, *follow*, *unfollow* etc. encontram-se no centro de diversas interações e se consolidam como novos modos de agir socialmente, ganhando tamanha importância que, sem esses recursos, muitas das interações no contexto virtual não seriam possíveis.

A esse cenário, Martins (2018) traz o conceito de Cultura Digital, termo que se refere a um conjunto de práticas sociais que se situam em espaços digitais e, por ocorrerem nesse contexto sociodigital, tornam-se singulares, isto é, próprios desse contexto digital.

Entendemos, no entanto, que, embora o uso dessas tecnologias venha facilitando o dia a dia da sociedade, há também uma necessidade de atenção quanto ao manuseio irresponsável desses recursos, uma vez que o uso imprudente vem ocasionando diversos problemas para a sociedade. Podemos, por exemplo, mencionar os roubos de dados sigilosos, as inúmeras ofensas e pressões estéticas que circulam cotidianamente em redes sociais, principalmente, por meio de perfis *fakes*, bem como a recorrente disseminação de notícias falsas, sobretudo, aquelas relacionadas às questões políticas e científicas.

Neste amplo cenário de problemas decorrentes da esfera digital, propomo-nos a pesquisar, em especial, as desinformações, as chamadas *fake news*, práticas discursivas que constituem o nosso objeto de investigação.

Ao debruçarmo-nos no estudo das *fake news*, buscamos compreender a sua natureza e os espaços em que surgem e se disseminam. Julgamos ser de suma importância os estudos desse fenômeno [discursivo], visto que essas práticas discursivas estão tomando as redes sociais, configurando-se como um risco, pois comprometem o acesso seguro à informação.

O termo *fake news* ganhou os holofotes da mídia e da sociedade a partir de dois eventos sociais: o primeiro devido às eleições presidenciais dos Estados Unidos e o segundo

pela saída do Reino Unido da União Europeia, o conhecido Brexit; ambos os eventos foram influenciados fortemente pela disseminação de notícias falsas¹, o que colocou em xeque a procedência dos seus resultados. A influência das *fake news* nos eventos mencionados colaborou para a escolha da palavra do ano de 2016, a saber: “pós-verdade”. Segundo o dicionário *Oxford* (MIDGLEY, 2016), este termo está intimamente ligado à chamada *fake news*, visto que a expressão se refere ao modo como os fatos tendem a ter menor influência na sociedade do que as notícias falsas.

No Brasil, essa realidade não foi diferente, sobretudo nas eleições presidenciais em 2018. De acordo com Teixeira (2018), as *fake news* chegaram com bastante força durante o período eleitoral e tomaram as redes sociais, tornando-se um verdadeiro viral. Essa prática influenciou os resultados das eleições presidenciais em 2018, assim como ocorreu nos Estados Unidos e na Europa, com o *Brexit*. Não obstante, tal prática ainda se fez presente durante o mandato presidencial de Bolsonaro (2018-2022), em que adversários políticos, instituições sociais e personalidades que se opusessem ao governo bolsonarista eram alvos constantes dessas desinformações². Não diferente, nas eleições presidenciais de 2022, ficou evidente que o uso de *fake news* ainda perdurou e se mostrou arma bolsonarista essencial para induzir a opinião pública e, assim, interferir no resultado das eleições.

Ainda nas eleições de 2018, tais práticas resultaram na criação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), e, posteriormente, da CPI da Covid-19, em que, respectivamente, buscaram investigar a disseminação de notícias falsas durante o período eleitoral, bem como se propôs a avaliar a conduta e a omissão do então ex-presidente Bolsonaro face ao enfrentamento da Covid-19. Neste último, o relatório final acusa Bolsonaro de 9 crimes, sendo um deles o de potencializar os agravantes da doença a partir da disseminação irresponsável de desinformações.³

Diante dessa problemática, situando-se numa sociedade marcada pelo negacionismo científico, o compartilhamento de desinformações tornou-se uma forte ameaça ao enfrentamento da pandemia. Dentre elas, podemos destacar as inverdades relacionadas à vacinação, discurso que foi endossado irresponsavelmente pelo próprio ex-presidente Jair Bolsonaro e seus aliados, que, inúmeras vezes, tentaram descredibilizar os imunizantes, em especial ao atacar diretamente o imunizante chinês Coronavac, desenvolvido em parceria com

¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>. Acesso em: 12 mar. 2022.

² Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 12 mar. 2022.

³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 12 mar. 2022.

o Instituto Butantan e apoiado por seu então adversário político, João Doria⁴. Isso demonstra que, por trás de temas importantes, como a saúde, encontram-se interesses políticos e ideológicos que se sobrepõem e causam danos à vida das pessoas.

Um estudo publicado na revista *Science*, realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), dos Estados Unidos, aponta que as *fake news* se disseminam 70% mais rápido e alcançam um maior número de usuários do que as notícias verdadeiras⁵. Segundo a pesquisa, quando esses textos inverídicos são associados à política, a sua disseminação ocorre três vezes mais rápido. Isso mostra que as *fake news* “[...] afetam prioritariamente o campo da política” (SANTAELLA, 2020, p. 10). Ainda segundo o estudo supracitado, os robôs ou algoritmos não são os principais expoentes na disseminação das *fake News*. Encontram-se, na frente desse irresponsável compartilhamento, os próprios usuários das redes, constatação que surpreendeu aqueles que viam os algoritmos como principais ameaças.

Outro estudo, este desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação (Gpopai), da Universidade de São Paulo (USP), aponta que 12 milhões de brasileiros compartilharam notícias falsas em redes sociais, destacando o *WhatsApp* como uma das principais redes de disseminação de notícias falsas, o que é preocupante, dada a abrangência dessa rede.

Segundo dados de outra pesquisa⁶ desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 73,7% das informações falsas relacionadas à Covid-19 circularam pelo *WhatsApp*, enquanto 15,8% pelo *Facebook* e 10,5% pelo *Instagram*. Na rede social de troca de mensagem instantânea, o *WhatsApp*, 71,4% das *fake news* colocam a Fiocruz como principal fonte da desinformação apresentada. Ainda de acordo com a instituição supracitada, os conteúdos desses textos falaciosos correspondiam a 65% de desinformações relacionadas a métodos caseiros para prevenir a contaminação da Covid-19 e 20% a respeito de métodos caseiros de cura da doença. Esses resultados caminham em direção ao entendimento de que tais práticas, perpassadas por ideologias políticas, geram danos à sociedade e representam um empecilho a temas sérios, como é o caso da Ciência.

As *fake news* são textos sensacionalistas que atingem diretamente o emocional de seus usuários por mobilizar no seu conteúdo um alto teor apelativo, emotivo e de fácil engajamento social. Por esse motivo, apresentam-se como fáceis de disseminar, configurando-se como um

⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/15/bolsonaro-ataca-coronavac-e-mente-que-nao-ha-comprovacao-cientifica.htm>. Acesso em: 12 mar. 2022.

⁵ Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/geral/615457-fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-mit.html. Acesso em: 12 mar. 2022.

⁶ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em: 12 mar. 2022.

potente viral (PAIVA, 2020). A velocidade com que esses textos circulam é própria da esfera digital, visto que esta se apresenta como uma ampla rede de conexões que se estruturam de modo altamente simultâneo, tendo uma capacidade “singular de manipulação simbólica automática” (PAIVA, 2020, p. 55).

Diante dessa problematização, este estudo tem como tema central a investigação da construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news*. Ao tratar desse fenômeno discursivo, situamo-nos no campo da linguística textual (doravante LT), disciplina que traz em seu bojo o estudo do texto, concebido, a partir de Beaugrande (1997), como um evento comunicativo que mobiliza tanto a dimensão linguística quanto as dimensões sociais e cognitivas. Essa concepção foi expandida por Cavalcante *et al.* (2019), que concebe o texto “como um enunciado, no sentido dado a esse termo por Brait (2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (p. 26).

Partir dessa definição de texto ajuda-nos a compreender como a prática discursiva *fake news* funciona, uma vez que nos auxilia a investigar o texto a partir do seu acontecimento, bem como do seu contexto de surgimento e uso. Para isso, devemos considerar tanto os aspectos textuais que confabulam para a sua edificação, como os aspectos sociais, históricos, culturais e cognitivos que constituem o evento textual.

Expandindo ainda mais essa concepção, Amossy (2017) enfatiza que todo discurso é marcado por uma orientação argumentativa. Cavalcante *et al.* (2019), a respeito disso, trazem essa discussão para o âmbito do estudo do texto, e enfatizam que, “mesmo quando não defende um ponto de vista [o texto], o sujeito tenta, de algum modo, influenciar o outro quanto a mudanças no seu modo de pensar, ver, sentir ou agir” (p. 26). Isso mostra que todo texto tem, em diferentes níveis, uma dimensão argumentativa, ou seja, ao produzir um enunciado, o locutor busca, de alguma forma, atravessar o outro. Diante disso, é notório que a prática discursiva *fake news* não é feita de modo desproposital, mas sim, está constantemente perpassada por interesses políticos, ideológicos e pessoais, fontes de força argumentativa.

Para acessarmos essa realidade discursiva e textual, recorreremos também aos estudos da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), teoria que compreende a língua não como um espelho que reflete a realidade, mas sim como fruto de um processo altamente negociado e situado. Nesse sentido, entende-se que tanto a língua quanto a realidade são instâncias que se constituem de modo instável e que, a partir de negociações decorrentes da interação, constroem-se novas versões desse real, mais do que réplicas dele.

A construção de objetos de discurso não se dá de modo aleatório, pois está permeada por pontos de vista, sendo a sua apresentação um modo de apreensão da subjetividade (CORTEZ; KOCH, 2013). Dessa forma, ao recorrermos ao nosso objeto de análise, as *fake news*, a interface entre a teoria da referenciação, proposta por Mondada e Dubois (2003 [1995]), e a abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista, desenvolvida por Rabatel (2016), nos permitirá compreender como se dá a natureza textual-discursiva das *fake news*, assim como nos permitirá refletir sobre como essa construção denuncia aspectos identitários e próprios dessas práticas discursivas. Queremos, portanto, alcançar a compreensão sobre como a prática discursiva *fake news* se constitui e como se comporta, partindo dos aspectos textuais, em especial, das construções dos referentes via redes referenciais (MATOS, 2018).

Partindo dessa breve discussão, ao tratar de *fake news*, delimitamos o nosso objeto de estudo, a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, a partir do uso de redes referenciais (MATOS, 2018). Com isso, temos como objetivo geral: investigar a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização.

Partindo desse objetivo geral, surgem objetivos específicos, a saber: I) Analisar as formas de introdução do referente, expressas pelas linguagens verbal, por meio das expressões nominais, e não verbal, por meio de recursos multissemióticos, a partir de pistas cotextuais e contextuais, para a construção do ponto de vista das práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro; II) Analisar o uso de redes referenciais recategorizadoras na construção dos pontos de vista do enunciador por meio das linguagens verbal e não verbal, que identificam práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro; e, por fim, III) Inter-relacionar as expressões referenciais recategorizadoras expressas pelas linguagens verbal e multissemiótica para a construção dos contextos argumentativos nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro.

A partir dos objetivos elencados, surgem as seguintes questões de pesquisa:

- De que modo o ponto de vista em práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro é construído pelas redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização?;

- De que maneira as formas de introdução do referente, expressas pelas linguagens verbal, por meio das expressões nominais, e não verbal, por meio de recursos multissemióticos, a partir de pistas contextuais e contextuais, contribuem para a construção do ponto de vista das práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro?;

- De que modo as redes referenciais recategorizadoras, por meio das linguagens verbal e não-verbal, colaboram para a construção do ponto de vista do enunciador e, assim, identificam práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro?

- E, por fim, como a inter-relação entre as formas referenciais recategorizadoras expressas a partir de linguagens verbal e multissemiótica constroem contextos argumentativos em práticas discursivas *fake news* da Covid-19?

No que diz respeito aos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre as *fake news*, mencionamos, primeiramente, a pesquisa de Teixeira (2018). A autora, situada nos estudos da Filosofia, buscou em sua dissertação traçar um percurso histórico desde o surgimento das *fake news* até os dias atuais, acentuando que estas saltaram da esfera da imprensa e chegaram até o ambiente digital, tornando-se mais eficientes quanto a sua disseminação e mais perigosas em seus conteúdos. A autora pontua que a construção de *fake news* busca, em sua grande maioria, atender a interesses políticos e, assim, torna-se real ponte de suporte para esses interesses.

Compartilhamos da discussão teórica de Teixeira (2018) acerca das *fake news*, em que a autora destaca que esses textos circulam em diversos lugares e falas, disputando a atenção de seus usuários e ocasionando diversos problemas para a sociedade. O conceito de *fake news*, desenvolvido por ela, parte dos pressupostos filosóficos, e fornece subsídios para o desenvolvimento desta pesquisa.

Este estudo, dentre outros aspectos, distingue-se da dissertação de Teixeira (2018), uma vez que nos situamos nos estudos da linguística textual. Entendemos que é importante passar por uma reflexão crítica e social, no entanto, acessamos essa dimensão por meio do estudo textual-discursivo, ao analisar as práticas discursivas *fake news*, observando a sua construção referencial. Diante desses processos referenciais podemos, por exemplo, acessar a construção do ponto de vista em *fake news* e analisar como se dá a sua construção nos textos.

Já no âmbito da Linguística, retomamos a pesquisa de Silva-Júnior (2020) para também compor o estado da arte deste estudo. Na sua investigação, o autor pesquisa, assim como neste estudo, o fenômeno *fake news*, a que o autor se refere como prática discursiva que

se apresenta como “uma profusão de enunciados discursivos, como boato, montagem de imagens, calúnia, difamação, cujo intuito é disseminar a mentira” (SILVA-JÚNIOR, 2020, p. 18). A partir desse conceito, o autor objetiva analisar esses fenômenos discursivos que trazem em seu bojo a temática da sexualidade, com o fito de investigar como as técnicas de saber-poder constituem tais práticas discursivas. Para isso, Silva-Júnior (2020) recorre ao site de checagem E-farsas.

Situado no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o autor recorre aos conceitos de verdade, poder e moral, bem como às seguintes categorias de análise, a saber: enunciado, discurso e sexualidade. Ao analisar cinco *fake news* sobre a temática que envolve a sexualidade, o autor aponta a recorrência de um discurso moralizante cristão, com o intuito de tentar desqualificar as pautas relacionadas à sexualidade. Foi perceptível, a partir do estudo, que esses discursos moralizantes utilizam a chamada “ideologia de gênero”. Por fim, a pesquisa aponta para a problemática acerca do fortalecimento do discurso conservador, moralizante e cristão e o uso de *fake news* como disseminadora de mentiras.

Compartilhamos com Silva-Júnior (2020) a concepção de que as *fake news* são práticas discursivas que se constituem a partir de diversas semioses, e que trazem, em seu bojo, temas polêmicos com fácil apelo social. Distinguimo-nos no que se refere à perspectiva teórica, uma vez que nosso estudo se propõe a analisar as *fake news* a partir dos estudos da Linguística Textual. Com isso, avaliamos não só os aspectos discursivos e sociais, mas também textual-discursivos. Não obstante, elegemos, do universo das *fake news*, aquelas que tratam da vacinação da Covid-19, diferente da supracitada pesquisa, que traz o tema da sexualidade.

O terceiro estudo, o de Oliveira (2021), está situado, assim como esta pesquisa, no âmbito da Linguística Textual, compartilhando com esta investigação similaridades teóricas, por trazer, por exemplo, o conceito beaugrandiano de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), bem como por entender o texto como unidade de sentido, funcionando como um sistema altamente complexo e dinâmico. Oliveira (2021) aborda em sua dissertação o evento textual das *fake news*, sob a ótica do paradigma da complexidade e da sociocognição (SALOMÃO, 1999). Para isso, realiza uma pesquisa-ação com alunos do ensino médio e busca, nesse espaço, investigar, situado no âmbito da Linguística Aplicada, como se dá a construção de sentido em *fake news*, em conjunto com os estudantes em contexto escolar, bem como procura analisar pistas contextuais que evidenciam notícias falsas, em especial aquelas publicadas em redes sociais.

Dessa forma, a autora desenvolveu junto aos alunos o entendimento e a construção conjunta dos sentidos em *fake news*, a partir de oficinas, e da socialização de metatextos didáticos (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016). Pautada na perspectiva de aprendizagem situada (COSTA, 2010) e na leitura complexa (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; FRANCO, 2011; COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016), buscou junto com os alunos a construção colaborativa de uma leitura crítica e complexa que permite identificar as nuances que envolvem as *fake news*. Distinguimo-nos de Oliveira (2021), uma vez que não estamos situados no âmbito da Linguística Aplicada, mas sim nos estudos que concernem às práticas discursivas e às estratégias de textualização. Outrossim, buscamos, neste estudo, focar na análise da construção do ponto de vista em *fake news*, a partir de processos referenciais, como fatores que evidenciam tais práticas discursivas.

Diante do exposto, reforçamos que esta investigação se justifica, sobretudo, por contribuir com a discussão teórica que vem sendo desenvolvida acerca do fenômeno *fake news*. Acreditamos que a LT muito tem a contribuir para uma melhor concepção acerca dessa prática discursiva, a partir da análise textual-discursiva, que pode apontar indícios próprios da natureza discursiva das *fake news*. Acreditamos também que há muitas lacunas acerca dos estudos da *fake news*, uma vez que a sua concepção ainda se apresenta de modo nebuloso e confuso: ora apresentado como um novo gênero textual; ora como práticas discursivas. É necessário, portanto, colaborar com o seu estudo para melhor entender a sua natureza e, assim, colaborar com as pesquisas que se propõem a utilizar as *fake news* como *corpus* de estudo. Para isso, julgamos importantes as contribuições da LT.

Destacamos que os estudos da LT vêm cada vez mais se inter-relacionando com outras áreas, em especial com a Análise do Discurso e que, nesse caminho, essa interdisciplinaridade pode colaborar com os estudos acerca das *fake news*. Outrossim, estudos no âmbito da LT, em especial o de Lima (2022), vêm investigando o cenário digital e a sua relação com a construção de sentido dos textos provenientes dele. Entendemos, pois, que esses textos oriundos da esfera digital apresentam características próprias e exigem pesquisas que considerem esse nicho.

Outro fator de justificação se dá ao fato de que esta pesquisa é um desenvolvimento de uma monografia apresentada na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (ESPELP), na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Na ocasião, buscamos desenvolver um material didático que tinha como objetivo central subsidiar os leitores na construção de pistas de textualização que permitissem a identificação de *fake news* em diálogo

com a habilidade EF09LP01⁷, proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Nesse contexto, ficou latente o quão fértil é a discussão acerca das *fake news*, motivando-nos a prosseguir com os estudos, agora, focados na construção do ponto de vista em redes referenciais.

Reiteramos também que esta pesquisa parte de uma motivação pessoal, uma vez que acreditamos que esta pesquisa contribui com os estudos na seara da LT, disciplina que vem trazendo frutíferas contribuições para o âmbito da educação e, enquanto professor e pesquisador, muito nos motiva fazer parte desses estudos. Ademais, acreditamos que os estudos teóricos vêm ressignificando muitas práticas escolares, e desse modo, fazem-se de suma importância pesquisas como essas, visto que lançam luz para melhor compreender a prática discursiva *fake news*. Com isso, a motivação desta pesquisa também parte da realidade educacional em que nos encontramos e em que buscamos de algum modo colaborar, seja enquanto professor e, aqui, enquanto professor-pesquisador.

Para a consecução dos objetivos aqui expostos, esta dissertação está organizada em quatro capítulos, sendo o primeiro esta Introdução, seguindo com o capítulo 2. Pressupostos Teóricos, correspondente à discussão teórica. Neste capítulo, temos a seguinte subdivisão: 2.1 Afinal, o que são *fake news*? e 2.1.1 Trançando um conceito acerca do fenômeno *fake news*, nestas subseções, discutimos conceitos essenciais pertinentes para os estudos das *fake news*, tais como pós-verdade e cultura digital (MARTINS, 2018), realizando uma interdisciplinaridade com estudos do âmbito da Filosofia, da Sociologia, da Comunicação e da Linguística acerca desse fenômeno discursivo (TEIXEIRA, 2018; PAIVA, 2020; MELO, 2022). Já na subseção 2.2 Referenciação e as redes referenciais em *fake news*, trazemos uma discussão acerca da Teoria da Referenciação proposta por Mondada e Dubois ([1995] 2003), em diálogo com Marcuschi (2007), Custódio-Filho (2011), Cavalcante e Martins (2020) e outros autores, compreendendo que as expressões referenciais são dinâmicas, complexas e multifacetadas. A discussão prossegue na subseção 2.2.1 Teoria da referenciação: os processos referenciais, momento em que nos debruçamos nas duas categorias de análise a que recorremos da teoria supracitada. Na subseção 2.3 A construção do ponto de vista como indício de práticas discursivas *fake news*, divide-se em 2.3.1 A natureza argumentativa do texto, momento em que dialogamos com o grupo Prottexto e com Amossy (2011), para quem todo discurso é argumentativo, sendo, também o texto e 2.3.2 O ponto de

⁷ “Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.” (BRASIL, 2017, p. 175).

vista como pistas textuais que identificam *fake news*, momento em que fazemos uma discussão a partir de Rabatel (1997) e Cortez (2011) acerca do ponto de vista como um fenômeno presente em todo texto, marcado pelo caráter heterogêneo e dialógico, sendo um importante elemento para a construção dos sentidos do texto. Nesta última, ainda pontuamos as categorias de análise, a saber: a imputação e a *Prise en Charge* (doravante PEC).

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia desta pesquisa, apontando o tipo de pesquisa e o método adotado, bem como a delimitação do universo e da amostra. Ademais, descrevemos os procedimentos de seleção e de coleta dos dados e detalhamos os procedimentos de análise.

No quarto capítulo, denominado 4. Análise da construção referencial do PDV em *fake news*, temos a seguinte subdivisão: Na subseção 4.1 A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*, propomos três marcas textuais que sinalizam para *fake news*, 4.1.1 As interações no contexto digital, 4.1.2 A mobilização de estratégias de introduções referenciais e anáforas recategorizadora e 4.1.3 As relações intertextuais. Na subseção 4.2 As relações referenciais e a construção do ponto de vista do locutor-enunciador primeiro, analisamos textos que evidenciam o PDV a partir do uso de redes referenciais, seja a partir de introduções referenciais, seja a partir de anáforas recategorizadoras, utilizando, também categorias como imputação e PEC. Por fim, trazemos a subseção 4.3 A orientação argumentativa em *fake news*, evidenciando como todas as categorias analisadas colaboram para a construção argumentativa dos textos falsos, somando-se a essas, também, a modalidade polêmica proposta por Amossy (2008). Iniciamos a primeira parte da análise do *corpus* selecionado. Análise da construção referencial do pvd em *fake news*.

Por fim, apresentamos as Conclusões desta pesquisa, com reflexões a partir de toda a discussão teórica desenvolvida e da análise dos textos realizada no capítulo 4. A seguir, iniciamos a discussão teórica desta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, discutimos acerca dos conceitos teóricos basilares para o desenvolvimento desta pesquisa. Inicialmente, propomos uma reflexão sobre a natureza do fenômeno discursivo *fake news*, compondo a subseção 2.1 “Afiml o que são *fake news*?”. Nesta, abordamos primeiro sobre o seu contexto de circulação, a partir da perspectiva de Cultura Digital (MARTINS, 2018), para, em seguida, adentrarmos as principais particularidades que delimitam o que, de fato, entendemos por *fake news*. Para esse momento, dialogamos com os estudos de Teixeira (2018), bem como com a pesquisa de Silva-Júnior (2020) e Oliveira (2021).

Na subseção 2.2 “Referenciação e as redes referenciais”, abordamos os estudos acerca da Referenciação apoiados em autores como Mondada e Dubois (2003), Marcuschi (2007), Custódio-Filho (2011), Cavalcante e Martins (2020), dentre outros autores. Partimos do pressuposto de referenciação como um processo multifacetado e altamente complexo. Trazemos também o conceito desenvolvido por Matos (2018) acerca das redes referenciais, observando como se dá a construção referencial em *fake news* e como esse processo negociado colabora para o entendimento desse fenômeno discursivo.

Adiante, na subseção 2.3 “A construção do ponto de vista como indício em práticas discursivas *fake news*”, tratamos dos estudos da construção do ponto de vista, a partir dos estudos de Cortez (2011), em diálogo com Rabatel (1997), vislumbrando observar como esse fenômeno intersubjetivo e constitutivo de todo texto, em *fake news*, constrói-se a partir de expressões referenciais, em redes referenciais.

2.1 Afiml, o que são *fake news*?

Nesta subseção, traçamos um percurso conceitual acerca do fenômeno *fake news*, entendido como prática discursiva que reverbera na desinformação, adulterando, difamando, distorcendo fatos a partir da fabricação de uma falsa realidade.

Para compreender o fenômeno *fake news*, é necessário antes refletir sobre o contexto em que essas práticas surgem e se proliferam com maior força e velocidade. Antes, no entanto, é importante entender as características típicas do espaço digital em que as *fake news* se situam, visto que muitas pesquisas na seara da linguística vêm extraindo os múltiplos textos do universo digital com o fito de analisá-los, isoladamente, desprezando, assim, os contextos e os meios tecnológicos que circunscrevem essas práticas discursivas e

(co)participam da construção de seus sentidos. A respeito disso, Paveau (2017) assevera a importância de uma noção simétrica, isto é, que relacione os aspectos linguageiros e os não-linguageiros, uma vez que estes, integrados, compõem um todo, num *continuum*. Segundo a autora, é fundamental considerar essa junção na pesquisa, pois “é esse contínuo que é colocado como objeto para a análise, e não mais apenas suas matérias languageiras” (PAVEAU, 2021, p. 57-58).

Concordamos com tal abordagem de análise ecológica de Paveau (2017), visto que vai ao encontro da perspectiva ecológica de texto na qual nos situamos. Nesse caminho, consideramos o texto em sua completude, situado e complexo, como um evento comunicativo que mobiliza aspectos sociais e cognitivos, para além dos linguísticos, presentes em sua superfície (BEAUGRANDE, 1997). Nessa relação ecológica e complexa de texto, vivenciá-lo “[...] é não separar as partes da materialidade do contexto social, filosófico, afetivo e todas as demais esferas de conhecimento que são inseparáveis, pois o texto é um processo, não um produto e se reconstrói a todo momento pelos seus interlocutores” (OLIVEIRA, 2021, p. 155).

É preciso, pois, “[...] reconhecer o papel de aspectos técnicos, como a presença de algoritmos, na construção de sentido em ambientes digitais *on-line*” (CAVALCANTE; MUNIZ-LIMA, 2021, p. 15) para, assim, observarmos como os fenômenos textuais se comportam e como nos relacionamos com eles situados nesses espaços digitais. É por esse motivo que, nesta pesquisa, trazemos o conceito de Cultura Digital (MARTINS, 2018), que julgamos importante para a análise, bem como por ir ao encontro da proposta de Paveau (2017). Entendemos, portanto, a necessidade de considerar o texto situado e integrado ao seu contexto digital.

Martins (2018), ao tratar de Cultura Digital, foge de uma delimitação fechada acerca desse conceito, uma vez que, segundo o autor, o termo é bastante transversal e polissêmico, servindo de estudos para as mais diversas áreas. Assim, o autor julga mais frutífero levantar questões “que facilitem clarear qual o campo de jogo e suas possíveis regras de formação em que se encontram esses diversos conceitos e o que parece pautar a sensação do que, apesar de distintos, ainda assim formam um comum” (MARTINS, 2018, p. 52). Seguindo o mesmo movimento retórico proposto pelo autor, primeiro discutimos sobre o termo cultura e, em seguida, sobre o termo digital e, após esse momento, relacionamos esse conceito à nossa proposta acerca das *fake news*.

Ao tratar de cultura, Martins (2018) observa que esse termo só ganha contorno e melhor observação quando situado em ações e movimentos sociais, isto é, como “práticas de

socialização do simbólico” (p. 53). É, portanto, nas ações que envolvem as diversas interações humanas que melhor observamos a cultura, momento em que ela se configura como “aquilo do que se fala, aquilo do que se faz e aquilo do que se vive; e é nos modos de produção, conservação e socialização do simbólico que ali se encontram os pontos de observação necessários para se identificar as diferentes perspectivas culturais” (MARTINS, 2018, p. 53).

Como vimos, a cultura está intimamente relacionada às ações do indivíduo em sociedade, seja consigo, seja com o outro e/ou com o mundo que o cerca, podendo ocorrer nos mais diversos espaços, sendo um deles o digital, conceito a que Martins (2018) se refere ao espaço em que o simbólico ocorre mediante processamento de uma máquina, isto é, por intermédio de equipamentos digitais.

Assim, ao funcionar como uma palavra composta, Cultura Digital refere-se a um conjunto de práticas simbólicas que se concretizam de modo particular em contexto digital (MARTINS, 2018), como práticas sociais singulares, uma vez que só acontecem nesses espaços digitais; seja por restrições técnicas que venham a delimitar o seu uso; seja por restrições sociais, por meio de relações interacionais que só têm sentido se realizadas a partir desses suportes operacionais. Podemos exemplificar com o uso de interações como *likes* e *deslikes*, ações que ocorrem a partir da interação de *posts* publicados em algumas redes sociais, e que simbolizam atos de concordância e/ou discordância do que ali foi publicado. Esse é um claro exemplo de interações que ocorrem mediante suportes digitais disponibilizados pelas redes, e configuram-se como uma prática típica desse universo digital.

Os suportes digitais, com o advento da tecnologia, não só trouxeram novos modos de interagir e agir socialmente, como também remodelaram modos tradicionais de comunicação, trazendo para o espaço digital práticas sociais próprias do cotidiano. Essas modificações impactaram, de modo exponencial, nos modos de ser e existir na sociedade (MARTINS, 2018), uma vez que os usuários desses recursos digitais estão expostos a eles em diversos espaços sociais, e precisam, assim, estar preparados para manuseá-los, seja no trabalho, na escola, na universidade, no cotidiano etc.

Um exemplo disso vem sendo o seu uso, durante o ápice da pandemia, entre 2020 e 2021, em que, situados num contexto de ensino remoto, muitos professores e estudantes precisaram aprender e se adaptar ao manuseio desses suportes digitais, tais como *Google Meet*, *WhatsApp*, *Google Classroom* etc. Sem dúvidas, esse contexto pandêmico consolidou ainda mais o uso desses recursos, impactando em novos modos de ensinar e aprender na sociedade.

No entanto, o espaço digital não só trouxe benefícios, como também se mostrou uma importante ferramenta de manipulação cultural, destacando, com isso, o alerta do quão antidemocrático e inseguro esse cenário pode ser para os seus utentes. Mencionamos, por exemplo, o polêmico uso de algoritmos, sistema que filtra, elenca e até omite informações e conteúdos a partir de uma rede de critérios de relevância, com o fito de induzir e, de certa forma, cercear o poder de escolha dos usuários.

É a partir da concepção de manipulação simbólica, como característica singular desse contexto digital, que Martins (2018) elenca quatro grupos de práticas sociais, a saber: práticas informacionais, práticas comunicacionais, práticas relacionais e práticas curatoriais. Cada conjunto apresenta estratégias e objetivos de manipulação simbólica próprios, sendo capaz de gerar modos singulares de manifestação (MARTINS, 2018). E é a partir “da observação de como esses novos elementos simbólicos aparecem que se pode identificar os traços característicos dessas práticas sociais que, a nosso ver, constituem a cultura digital” (MARTINS, 2018, p. 55).

A primeira delas são as práticas informacionais, que funcionam como uma rede de “nós em conexão” (MARTINS, 2018, p. 57), que movimentam os espaços digitais e possibilitam aos usuários o acesso a inúmeros bens simbólicos. São, pois, informações disponíveis que compõem os espaços digitais, funcionando como *hiperlinks*. Esse grupo é de suma importância, pois traz a essência da Cultura Digital, visto que “são elas as práticas de moldar, dar forma à matéria do digital e mixar e remixar os elementos simbólicos à luz de sua capacidade automática de processamento” (MARTINS, 2018, p. 56).

As *fake news* são um dos milhares de textos que compõem e estruturam o espaço digital. Elas estão por todas as partes e por todos os lugares, com diversos formatos e formas, configurando-se como textos altamente complexos e multissemióticos, uma vez que mobilizam imagens, sons, vídeos e se revestem dos mais variados gêneros. Estão, pois, no *Twitter*, nas trocas de mensagens do *WhatsApp*, e até em vídeos postados via *Youtube*. São práticas discursivas que, apoiadas nos algoritmos e nas ações dos usuários, disseminam-se por todo o contexto digital, o que antecipa o segundo grupo, as práticas comunicacionais.

O segundo grupo está intimamente relacionado ao primeiro, pois, enquanto as práticas informacionais compõem a forma do espaço digital e possibilitam o acesso e a exposição de diversos bens simbólicos, as práticas comunicacionais têm como estratégias fazer, a partir de uma complexa rede de socialização, com que as informações circulem, isto é, permaneçam em constante movimento, garantindo que essas trocas informacionais cheguem a todos os espaços dentro dessa amálgama de nós em conexão (MARTINS, 2018).

O modo como essas interações comunicacionais ocorrem faz chegar ao terceiro grupo, as práticas relacionais, que concernem aos modos como os usuários se relacionam em rede, por exemplo, a partir da criação ou segmentação de grupos, trocas de *likes*, compartilhamento de ideias, gostos musicais, *posts*, bem como a reação a conteúdos de outrem etc. As práticas relacionais, diferente dos dois primeiros grupos, estão mais focadas nas estratégias de relação, isto é, nos modos como experimentamos os bens simbólicos e como nos relacionamos com eles e com os outros, do que na sua composição e no seu compartilhamento. Dessa forma, funcionam como uma eficiente rede de relacionamento social.

A respeito disso, é notória a existência de uma organização que financia e esquematiza a produção e a disseminação de *fake news*. Segundo o relatório final da CPI da Pandemia, há um grupo que dissemina *fake news* e que mantém forte ligação com a participação de Bolsonaro e de seus filhos, que, juntos, compõem uma “organização oculta e complexa”⁸ (OLIVEIRA, J. 2021). Ainda segundo o relatório final, a organização se subdivide em cinco grupos, sendo um deles responsável pela produção e pelo compartilhamento de desinformação, apontando a influência do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos, e do financiamento de empresários como Otávio Fakhoury e Luciano Hang, ambos investigados pela CPI.

Por fim, chegamos ao último grupo, denominado de práticas curatoriais ou também conhecido como cultura do algoritmo. Essas práticas estão relacionadas à curadoria dos conteúdos que circulam e compõem o espaço digital. Dessa forma, selecionam, coletam, omitem dados, informações e conteúdos digitais a partir de rastros e informações que os usuários deixam em bancos de dados, e, a partir deles, os algoritmos agem, trazendo ao internauta “aquilo que se deseja ver mais, saber mais e conhecer mais” (MARTINS, 2018, p. 58).

Podemos mencionar, por exemplo, ainda segundo o relatório da CPI anteriormente supracitado, o gabinete do ódio, associação criminosa que cria perfis falsos através de robôs e que gera, a partir dos algoritmos, a disseminação e o impulsionamento de *fake news*.

Reconhecemos essas práticas propostas por Martins (2018) e entendemos que, embora apresentadas separadamente, elas na verdade funcionam como uma rede de conexão em que estão intimamente relacionadas e se completam. Diante desse cenário, em

⁸ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 25 mar. 2022.

consonância com o relatório final da CPI da pandemia, foi-nos possível visualizar que as *fake news* perpassam todas as práticas mencionadas, asseverando, assim, o seu eminente risco à democracia.

Concordamos com Martins (2018) no que tange à definição que o autor confere à Cultura Digital, mais pensando no seu funcionamento do que tentando delimitá-lo. Ao recorrer às *fake news*, aqui nesta pesquisa, propor uma delimitação fechada seria algo muito ingênuo, uma vez que esse fenômeno é altamente complexo e se encontra em um ambiente também complexo. Estamos, portanto, mais dispostos a colaborar e a agregar conhecimentos sobre esse fenômeno, a partir dos estudos da LT, especialmente na análise da construção referencial do ponto de vista, evidenciando como essas práticas discursivas se apresentam e constituem o modo de dizer e de situar o locutor-enunciador primeiro no seu texto.

Por fim, apontamos que o conceito de Cultura Digital (MARTINS, 2018) apresentado é adotado no momento da análise do *corpus*, pois situar os contextos social e digital em que os textos se encontram é fundamental na análise e, como já afirmado por Paveau (2017), deve estar em simetria com as análises textual-discursivas a que nos propomos.

2.1.1 Traçando um conceito acerca do fenômeno *fake news*

Figura 1 - Sabá das Bruxas (1797-1798), de Francisco de Goya



Fonte: Google Arts & Culture (2022)⁹

⁹ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/el-aquelarre/kAFyfuppyHHyBw?hl=pt-BR>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Francisco de Goya (1746-1828), pintor espanhol, produziu uma série de pinturas que traziam em seu bojo a questão das bruxas. A pintura que abre esta subseção traz em sua temática uma crítica à Santa Inquisição, instituição formada por membros da Igreja Católica que, com o apoio da corte, tinham como finalidade julgar e punir ações e atos que fossem contra as crenças e os costumes cristãos. Dentre os muitos perseguidos, mencionamos os judeus, os homossexuais, e, em maior recorrência, algumas mulheres tidas como bruxas¹⁰.

A obra da imagem 1 representa um ritual, em que, no centro, está presente um bode, representação animal que, para o cristianismo, corresponde à personificação do diabo. Ainda na tela, ao redor dessa figura central, encontram-se bruxas novas e anciãs, que se incumbem de alimentá-lo com crianças - típica crença em torno das denominadas bruxas que, na época, ganhavam destaques entre os discursos falaciosos que circulavam entre a população.

Essas figuras femininas, representadas na obra, eram alvos constantes de crenças e boatos que insistiam em associá-las às práticas e aos rituais demoníacos. Situado num contexto de Idade Moderna, em que o mundo passava por inúmeros problemas sociais, sanitários e ambientais, buscava-se apontar, a partir de crenças sensacionalistas, possíveis culpados para os acontecimentos atípicos que a sociedade vivenciava.

Daí, destacavam-se algumas figuras femininas, sobretudo aquelas que fugiam do arquétipo do que era ser mulher numa perspectiva cristã. Ao subverterem a lógica da mulher sob a ótica do cristianismo, muitos comportamentos femininos eram tidos como rebeldes, pecaminosos, como uma escória para a sociedade conservadora - ações que, segundo crenças populares, eram responsáveis pelos problemas que a sociedade vinha enfrentado, tais como as pestes e as catástrofes ambientais, por exemplo. Dessa forma, a sociedade da época, endossada pelas instituições religiosas, acreditava que estava sendo penalizada pelos atos pecaminosos dessas mulheres e, com isso, covardemente, condenava-as à fogueira da inquisição¹¹.

No entanto, até que o ato se consumasse, toda uma organização discursiva era elaborada e disseminada entre a população, na tentativa de justificar e apontar alguém responsável pelos problemas sociais dessa época. O recurso mais utilizado foi o da mentira. Histórias e credices tomavam conta das populações, que apontavam, desde casos de

¹⁰Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/inquisicao-idade-moderna-e-as-bruxas-as-mulheres-em-chamas/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/bruxas-reais-historia.phtml>. Acesso em: 20 mar. 2023.

mulheres que voavam em vassouras, até situações de mulheres que ofereciam crianças em rituais diabólicos. Esses discursos falsos circulavam entre a população e ganhavam apoio inclusive da Igreja - o que, de tão repetido, acabava por ser aceito pela população.

Não só as bruxas sofreram com as práticas discursivas mentirosas, os próprios judeus foram perseguidos por representarem supostamente um perigo ao cristianismo, que, nesse período, seguia com a contrarreforma. Um exemplo disso foi o caso do Santo Menino da Guarda¹², ocorrido na Espanha, em que muitos judeus foram levados à fogueira pela morte de um menino que sequer existiu. Toda a história, segundo a historiadora Mercedes García-Arenal, a partir de sua entrevista ao *El País* (ALTARES, 2018), foi forjada com o fito de expulsar os judeus, bem como de assegurar a supremacia da inquisição e o seu controle sobre a população.

Esses acontecimentos históricos demonstram que práticas discursivas que objetivam mentir e deturpar a realidade já se faziam presentes na sociedade desde muito tempo. Muito bem articuladas e construídas, essas práticas discursivas atendiam a interesses políticos e religiosos e serviam como controle das instituições políticas e religiosas sobre a população. Isto é, funcionavam como modo de manutenção do controle social, endossando aquilo que devia ser evitado, e o que, portanto, devia ser concebido como ideal a ser seguido e cultuado.

Não diferente dos dias de hoje, essa prática mentirosa ainda se mantém bastante recorrente e com os mesmos princípios. Se antes se praticava a inquisição, hoje uma prática bastante recorrente é o cancelamento, uma forma de linchamento virtual que muitas vezes culmina em ameaça à vida do “cancelado”. Podemos mencionar, por exemplo, as ameaças sofridas pelo influenciador Felipe Neto, que, em 2020, foi perseguido por se opor ao presidente Jair Bolsonaro em uma entrevista cedida ao jornal americano *The New York Times*¹³. O caso ganhou tamanha proporção que apoiadores do ex-presidente chegaram a ir à porta da casa do influenciador, como modo de intimidá-lo. Não obstante, a personalidade foi alvo de inúmeras *fake news* que o apontavam como pedófilo¹⁴. Essa é, portanto, uma triste realidade que vivenciamos - contexto em que a mentira ganha espaço e vira justificativa para atos violentos e irracionais.

¹² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/30/influenciador-digital-felipe-neto-e-vitima-de-fake-news-e-de-ameacas.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/felipe-neto-e-novamente-alvo-de-boato-falso-que-o-associa-a-pedofilia/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Não diferente, a saúde e a ciência passaram a ser alvos constantes dessa máquina de mentiras. Segundo um estudo desenvolvido pela Avaaz¹⁵, sete em cada dez brasileiros já acreditaram em uma notícia falsa acerca da pandemia¹⁶. Segundo o estudo, o contexto de incerteza e de medo tende a ser mais propício para que as pessoas busquem informações que lhes gerem, de alguma forma, conforto e/ou segurança, muitas vezes tornando o problema menor do que realmente é. Esse sentimento é criado a partir de uma falsa sensação de verdade, em que esta, “vista como prática associada às *fake news*, é responsável por fabricar ilusões, contorcer a realidade, destruir reputações” (SILVA-JÚNIOR, 2020, p. 18).

Essa discussão está ancorada numa sociedade marcada pela pós-verdade, termo que foi destacado pelo dicionário *Oxford* (MIDGLEY, 2016) como a palavra do ano em 2016. Sobre essa expressão, o dicionário traz o termo em relação ao modo como os fatos reais tendem a ter menos impacto e/ou influência sobre as pessoas do que os discursos criados e tomados por paixões e crenças pessoais.

Segundo Siebert e Pereira (2020), o conceito de pós-verdade está inserido numa sociedade que, diante de tanta informação que surge a cada instante, busca aquela que tem maior afinidade com a sua crença ideológica e política, sem, com isso, considerar a sua procedência e/ou seu respaldo com o “real”. Segundo os autores, permeado por questões ideológicas, o indivíduo “é inclinado a ser seletivo no que toca a suas crenças, admitindo como verdadeiras as informações que conferirem reforço discursivo à sua posição ideológico-histórica” (SIEBERT; PEREIRA, 2020, p. 243).

Não obstante, não basta apenas conceber a pós-verdade como uma informação criada após outra, em oposição, uma vez que essa prática social apresenta traços mais complexos que fogem a essa ideia simplista. Mais do que fabricar uma (des)informação, esse termo se refere à ação estratégica de garantir que esse evento seja concedido como verdade, e, mais que isso, que sua replicação seja intensa, uma vez que quanto mais o discurso é reproduzido, maior é a sua chance de adesão popular. A respeito disso, Siebert e Pereira (2020) sinalizam que “aqueles que repetem mais vezes a informação através dos mais variados meios, de livros a postagens na internet, de piadas a artigos sérios conquistam seu espaço de ação política e o subsequente silenciamento de elementos de verdades fatuais” (p. 245).

¹⁵ Avaaz é uma comunidade que busca mobilizar a sociedade civil a participar de questões sociais, políticas e econômicas através, sobretudo, de petições.

¹⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/05/21/interna_bem_viver,1149424/corona-virus-fake-news-atinge-110-milhoes-de-brasileiros.shtml. Acesso em: 21 abr. 2022.

Arendt (2011), ao abordar a complexidade da pós-verdade, destaca que essas práticas discursivas ganham sustentação, em especial, na seara política e midiática, e que se configuram como uma ação intencional e estratégica, a ponto de a pós-verdade corporificada no discurso-novo respeitar uma lógica social. Para isso, não, necessariamente, as verdades fabricadas fogem da lógica das verdades factuais, visto que muitas vezes ou seguem nessa direção, ou, de modo mais articulado, cria-se uma realidade paralela que dá sustentação convincente a esse novo discurso elaborado. Segundo a filósofa,

[...] as mentiras políticas modernas são tão grandes que requerem um rearranjo completo de toda a trama fatural, a criação de outra realidade, por assim dizer, na qual elas se encaixem sem remendos, falhas ou rachaduras exatamente como os fatos se encaixavam em seu próprio contexto original, o que impede essas novas histórias, imagens e pseudofatos de se tornarem um substituto adequado para a realidade e faturalidade? (ARENDDT, 2011, p. 313).

Essa discussão proposta por Arendt (2011) é pertinente, sobretudo quando lidamos com textos falsos altamente complexos, como é o caso de algumas *fake news* que se apresentam com tamanha “autenticidade”, chegando a confundir até aqueles olhos mais atentos. Entendemos, portanto, que essa prática social não é desordenada, nem espontânea ou aleatória, mas sim, atende a um propósito, político e ideológico, que busca criar uma rede de mentiras, com finalidades bem traçadas, sob um alto investimento, a partir do manuseio, em especial, de meios tecnológicos.

A esse respeito, Charaudeau (2013), ao tratar do discurso midiático, aponta dois conceitos atrelados à verdade, a saber: o valor de verdade e o efeito de verdade. Para o autor, o valor de verdade está relacionado aos fatos que são amparados institucionalmente, isto é, que apresentam valor científico, de legitimidade. Em oposição, o efeito de verdade é fruto da interação intersubjetiva do indivíduo com o mundo, com o outro e com o objeto de conhecimento, em que busca fabricar uma nova versão do real condizente com suas crenças, valores e ideologias. É, portanto, um ato estratégico, mas também de constante significação. Para que esse efeito de verdade ganhe força, é impreterível que ganhe *status* de verdade, e que seja perpetuado por outros, a ponto de se cristalizar e se edificar como uma nova verdade.

Podemos mencionar, por exemplo, o contexto de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Criou-se, na época, uma falsa acusação¹⁷ acerca da governante ter praticado pedaladas fiscais, o que se configurava crime de responsabilidade fiscal. Esse discurso, hoje comprovadamente falso, mas que na época já apontava para incongruências, nasceu na seara

¹⁷ Disponível em: <https://exame.com/brasil/mpf-arquiva-inquerito-sobre-pedaladas-de-dilma-que-justificaram-o-impeachment/>. Acesso em: 25 set. 2022.

da política, em especial de seus opositores, e passou para o âmbito social, ganhando enorme comoção de boa parte do público brasileiro¹⁸. Não importava se de fato a governante havia praticado tal ato ou não, o que se arquitetava naquela ocasião era a sua saída. Havia, portanto, um projeto político bem articulado que desejava, pois, o *impeachment* da presidenta. Esse falso discurso se mostra como uma falsa verdade fabricada estrategicamente por opositores, com o propósito de atender a um projeto político. Na época, muitas *fake news* foram fabricadas contra a figura de Dilma, e também contra a de Haddad e a de Lula nas eleições de 2018, repetindo-se, na atual eleição de 2022. Nesse exemplo da ex-presidenta, temos um discurso estrategicamente construído, ganhando respaldo midiático e político, chegando, portanto, a ganhar *status* de verdade. Outrossim, para que esse discurso ganhasse esse *status* foi preciso mais do apontar acusações contra a ex-presidenta, era preciso replicar esse discurso, a ponto que esse ganhasse apoio social, disseminando-se como uma verdade, apoiada tanto socialmente por uma parte da sociedade, quanto constitucionalmente. É importante frisar, também, que o contexto em que essas acusações chegaram, foi propulsor para a sua edificação, pois nos encontrávamos num período de dificuldade econômica do país, fazendo com que o público, tão insatisfeito, buscasse um alvo para atribuir toda a culpa do colapso financeiro. Desse modo, destacamos que a construção discursiva acerca da ex-presidenta afetou, especialmente, o emocional do povo brasileiro que, naquela altura, encontrava-se em completa descrença política.

Diante dessa realidade, defendemos que as *fake news* são práticas discursivas que envolvem os mais diversos textos, em especial, aqueles presentes no contexto digital, muitas das vezes subvertendo o gênero, ao modificar sua estrutura, sua pretensão comunicativa e/ou seu estilo. Esses textos mentirosos tratam dos mais diversos temas, no entanto ganham mais espaço aqueles relacionados à política, à ciência, à economia, uma vez que, ao optarem por temas de maior comoção e engajamento social, como é o caso dos temas supracitados, vislumbram influenciar a mente dos usuários, manipulando-os a partir de processos sociocognitivos, que findam na manutenção do poder do Estado e das suas respectivas ideologias sobre a população.

Dos inúmeros gêneros vítimas que repercutem essa prática discursiva, mencionamos as notícias, o que se configura como um enorme perigo, uma vez que, ao se projetarem como textos noticiosos, as *fake news* revestem-se de seriedade e credibilidade, gerando maior adesão por parte dos leitores, bem como engajamento na sua disseminação,

¹⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/impeachment-de-dilma-foi-por-falta-de-apoio-politico-nao-pedaladas-fiscais-afirma-barroso-25379057>. Acesso em: 26 jul. 2022.

sobretudo por trazerem em seu bojo temas polêmicos e de maior comoção social. Essa maior recorrência vai de encontro do que pontua Arendt (2014), quando afirma que as mentiras são ações estratégicas que buscam se adequar à lógica social, ganhando, com isso, *status* de verdade. Usar notícias, isto é, gêneros de maior credibilidade social, é uma ação intencional, pois faz com que esses textos falsos mais facilmente ganhem espaço e sejam aceitos por seus usuários.

Comparamos essa prática discursiva a uma praga que circula quase que despercebidamente em ritmo frenético no universo digital. Localizar *fake news* é um trabalho complexo, e isso se deve a alguns motivos; primeiro, porque há um comprometimento por parte dos veículos de informação em combater essas inverdades, isso se dá a partir da verificação do fato informado. Geralmente, esses textos inverídicos são enviados por internautas e causam enorme controvérsia nas redes sociais, o que faz com que os sites de *fact-checking* busquem verificar a sua procedência e, assim, categorizar em fato ou *fake*; segundo, porque as redes sociais têm políticas de combate à desinformação. Dessa forma, quando uma postagem ou *tweet* contém teor duvidoso ou inverídico, é classificado como um conteúdo inseguro, ou, quando se trata de fato de uma desinformação, o conteúdo é retirado do ar.

Isso faz com que as *fake news* sejam textos altamente efêmeros, uma vez que buscam atingir de imediato o maior número de pessoas. É uma luta contra o tempo, até que esse conteúdo seja tachado de falso e sua disseminação diminua, mas não desapareça por completo, pois os seus resquícios permanecem em outras redes e em outros espaços, como é o caso do próprio aparelho do usuário que, a partir de um *print* da tela, pode compartilhar novamente o conteúdo.

Julgamos importante apresentar como são estabelecidos e desenvolvidos os critérios de verificação de *fake news* adotados por sites de *fact-checking*. Como esse não é o nosso objetivo central, elencamos uma das mais importantes agências de verificação de notícias falsas do Brasil, denominada de Lupa. A supracitada iniciativa de checagem é uma das pioneiras na atividade de checagem do Brasil. Na sua página do *Facebook*, apresenta-se como “a primeira agência de notícias que, de forma sistemática e contínua, coloca à prova o grau de veracidade das informações que circulam pelo país” (@LupaNews, 2023). No site oficial da Agência Lupa¹⁹, identificamos uma aba denominada “nossa metodologia”. Nesse espaço, a instituição apresenta como as checagens ocorrem.

¹⁹ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

De início, justifica que “segue uma metodologia de trabalho própria, desenvolvida com base em processos de sucesso implantados por plataformas de *fact-checking* como a argentina Chequeado e a americana Politifact” (LUPA, 2023, n. p.). Adiante, a agência pontua que utiliza como seleção declarações feitas por personalidades públicas, bem como informações que ganham maior comoção social. Há, portanto, uma filtragem, diante de todos os conteúdos disponíveis nas redes, com foco naqueles que apresentam maior impacto social, seja por terem sido proferidos por uma personalidade, seja por estarem ganhando destaque nas redes sociais. Esse percurso corresponde ao primeiro momento da verificação. Busca-se, segundo a Agência Lupa, elencar frases que, potencialmente, podem ser checadas e classificadas.

Em seguida, os jornalistas fazem um levantamento na rede, acerca do que foi mencionado sobre a frase elencada, comparando-a com outros sites, páginas, jornais, revistas etc. Recorre-se a especialistas quando o conteúdo não apresenta informações suficientes na comparação com outras plataformas, podendo, inclusive recorrer às Leis de Acesso à Informação (LAI) e/ou outras fontes de informação ou iniciar uma pesquisa de campo. Após esse momento de curadoria, como discutido por Martins (2018), a agência solicita uma posição oficial acerca do fato que está sendo checado, isto é, das fontes e entidades atribuídas pelo texto. Por fim, a agência conclui que, após concluir as etapas metodológicas, “A Lupa se certifica de que entrega a seus leitores um texto objetivo, repleto de links que o ajudarão a reconstruir o caminho percorrido pelo chegador e a entender suas conclusões” (LUPA, 2023, n. p.).

Diante do exposto, observamos que a empresa de checagem utiliza estratégias linguísticas que são essenciais para a verificação do fato narrado. Mencionamos, por exemplo, que a intertextualidade se faz presente durante todo o percurso, uma vez que, para cada assunto elencado, há uma busca pelo que já foi dito anteriormente sobre ele. Há, portanto, uma constante busca em identificar a intertextualidade presentes nos textos analisados, bem como a sua relação com textos e discursos anteriores. Essa busca, como mencionada pela agência supracitada, utiliza trechos do texto, elencando o tópico central daquela discussão, por exemplo: vacina da Covid-19, imigrantes, presidente Lula etc. Entendemos que não deva se tratar de frases soltas ou desconectadas do seu contexto de origem, mas na verdade de expressões referenciais colocadas como temática nos textos. Há, portanto, através da intertextualidade, uma busca de como esse referente é construído em outros textos e como se apresenta. Essa comparação entre textos permite observar se essa construção referencial em texto sob análise condiz ou não com o que a ele é associado.

Questionamos quando a Agência Lupa pontua que busca entregar aos seus leitores “um texto objetivo” (LUPA, 2023, n. p.). Vemos na discussão mais adiante, em especial na subseção 2.3 A construção do ponto de vista como indício em práticas discursivas *fake news*, que a objetividade ou neutralidade em textos é uma ilusão, uma vez que todo texto assume posições, visto que, ao expressar determinado referente, assume-se posições, evidenciando, portanto, pontos de vista. E, desse modo, o ponto de vista guia a orientação argumentativa do texto.

É importante destacar ainda que as *fake news* são um fenômeno que não apenas recorre à internet para se instaurar, nem tampouco se apresentam unicamente a partir do gênero discursivo notícia. Hoje, essas práticas discursivas se reorganizam nos mais variados modos e estilos. Destacamos dois exemplos recentes que surgiram durante o período eleitoral de 2022: o primeiro é um *outdoor* que utiliza como suporte a parede de um edifício em Porto Alegre²⁰ e traz no seu conteúdo informações falsas atreladas à esquerda. Além de conter informações falsas e típicos jargões utilizados pela direita brasileira, o texto ainda se direciona ao leitor, convidando-o a participar do ato político em prol de Bolsonaro, no dia 07 de setembro. Vejamos:

Figura 2 - Outdoor instalado em um prédio na Avenida Osvaldo Aranha, em Porto Alegre



Fonte: Brasil de Fato (2022)²¹

²⁰ Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/08/12/outdoors-em-predios-de-porto-alegre-geram-polemica-por-cunho-politico-e-informacao-falsa>. Acesso em: 26 set. 2022.

²¹ Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/08/12/outdoors-em-predios-de-porto-alegre-geram-polemica-por-cunho-politico-e-informacao-falsa>. Acesso em: 25 mai. 2022.

Outro recente caso, denunciado pela Coligação do PT no Ceará, apontou o disparo de *fake news* por meio de ligações de telemarketing que traziam em seu conteúdo calúnias e difamações, na época, contra o ex-governador Camilo Santana (PT), o então candidato a governador, na época, Elmano de Freitas e a ex-governadora Izolda Cela (sem partido)²². A ação dava-se por meio de ligações anônimas, de números desconhecidos e de origem argentina. Os representantes da sigla acionaram a Polícia Federal para que investigasse a ocorrência.

Esses dois exemplos evidenciam o modo multifacetado com que se apresentam as *fake news*, ganhando, pois, dimensões para além das redes sociais e mobilizando os mais diversos recursos semióticos e suportes textuais. Acreditamos que, como se trata de uma prática criminosa, muitas redes sociais estão ampliando a fiscalização de *posts* falsos e retirando do ar páginas e grupos que se propõem a trazer informações falsas. Isso faz com que esses articuladores busquem novos meios de difusão, como os casos do *outdoor* e das ligações telefônicas.

Embora essas práticas venham ganhando cada dia mais espaço na contemporaneidade, Teixeira (2018) destaca que o termo *fake news* apareceu pela primeira vez em meados do início do séc. XX. Nesse período, esses textos eram produzidos pela imprensa e, com o advento da tecnologia, saltaram da esfera jornalística e chegaram ao universo digital. A autora ainda assevera que o conceito de *fake news* ainda oriundo do seu surgimento não dá mais conta do que hoje representa esse fenômeno, uma vez que este tomou uma proporção frenética, disseminando rapidamente desinformação em diversos espaços para além do seu de origem. A respeito disso, a autora destaca que esses textos falsos estão “em todos os lugares e em todas as falas, e disputam a atenção do humano nas redes digitais, nos aplicativos de troca de mensagens, nos sites, nos blogs e em todos os canais que compõem a estrutura *on-line* da comunicação” (TEIXEIRA, 2018, p. 15).

Teixeira (2018) segue enfatizando que “as definições dos dicionários mostram que as *fake news*, em nosso tempo, são muito mais que notícias falsas publicadas por veículos de comunicação de massa ou qualquer outra mídia.” (TEIXEIRA, 2018, p. 22). A autora apresenta sete categorias, propostas pela pesquisadora Claire Wardle (*apud* Teixeira, 2018, p. 22) a respeito do modo como esses textos podem se apresentar. A primeira denominada de satírica e paródica, traz em seu bojo a intenção de enganar; a segunda, conteúdo enganoso, tem como objetivo prejudicar alguém em específico a partir da mentira; a terceira, conteúdo

²² Disponível em: <https://www.opovo.com.br/eleicoes-2022/2022/09/13/coligacao-do-pt-aciona-pf-e-tre-para-investigar-disparos-de-ligacoes-contra-camilo-elmano-e-izolda.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

falso, traz um texto original com modificações que o tornam falso; quarta, conteúdo impostor, faz referência, enganosamente, a sites e fontes oficiais; a quinta, conteúdo manipulado, age nos textos imagéticos, ao buscar modificações e montagens que os tornam falsos; a sexta, conteúdo fabricado, ocorre quando o conteúdo é criado integralmente pelo autor, de forma falsa; e, por fim, a sétima, associação falsa, quando constroem títulos e legendas que não condizem com as informações presentes no texto integral. Essas supracitadas categorias são utilizadas na organização dos dados da amostra. Isso se justifica, uma vez julgamos pertinente a proposta desenvolvida por Claire Wardle, visto que contempla as múltiplas facetas com que pode se apresentar uma *fake news*, fugindo, assim, de uma definição restrita e única.

Melo (2022) destaca que o uso de *fake news* como estratégias de campanhas eleitorais não é algo recente, mas se encontra presente desde as eleições de 2010 e 2014. O autor pontua que, embora com outras estratégias e usos, essa prática era popular e já vinha sendo utilizada por alguns partidos políticos, rompendo, com isso, a bolha do uso tão recorrente entre os usuários, de modo isolado, a partir de boatos, ou pelo uso de empresas que enviam *spams*, com o fito comercial. Essa prática, portanto, ficou costumeira entre depoimentos e falas de políticos que, ao proferirem informações falsas, davam a essas práticas discursivas um suposto traço de legitimidade, visto que era proferida por uma figura política dotada de prestígio social. Desse modo, “O que antes era visto apenas como um comportamento da militância, passou a ser discurso oficial de campanha utilizado por lideranças políticas” (MELO, 2022, p. 18).

Melo (2022) assevera que em 2010 o uso das *fake news* se dava a partir de blogs, espaço em que comumente circulavam informações falsas e algumas teorias conspiratórias; já em 2014, essas práticas discursivas ganharam terreno e maiores contornos com o uso da rede social *Facebook* e, a partir daí, as campanhas eleitorais perceberam que essas redes sociais poderiam potencializar a disseminação de notícias falsas, por serem espaços mais dinâmicos e por apresentarem mais facilidade de chegar ao público. Segundo Melo (2022), “esses eventos já demonstravam que as redes sociais haviam se tornado um campo de batalha, envolvendo narrativas e acusações falsas entre as militâncias e apoiadores políticos de todos os espectros ideológicos” (p. 15). Esse contexto foi essencial, pois já sinalizava a importância das redes sociais como ferramentas de disseminação de desinformação, fator que tomou contornos mais definidos no ano de 2018, como já mencionado anteriormente.

É fato que a disseminação de notícias falsas é uma prática estratégica, e muito bem articulada, que vem trazendo diversos problemas ao acesso seguro à informação, bem como se tornando um empecilho para a democracia. Ao ser endossado por figuras políticas,

percebe-se que essa prática toma uma dimensão maior, sobretudo, pela influência que essas personalidades têm sobre o público. Melo (2022), sobre o uso das *fake news* por parte dos políticos, destaca que essa estratégia é bastante utilizada mesmo após o período eleitoral, e se apresenta como uma prática lucrativa e de baixo orçamento, sendo bastante eficiente para a manutenção do poder.

Diante do exposto, para nosso estudo, comungamos das discussões apresentadas por Teixeira (2018), em especial, ao destacar a multiplicidade de modos como as *fake news* se apresentam, apontando, também, para a necessidade de concebê-las a partir da nova conjuntura digital. Do mesmo modo, a proposta de Melo (2022), atentando para questões estruturais das *fake news*, evidencia que estas diferem das notícias verdadeiras, em destaque a partir de uma série de elementos estruturais, tais como o modo como esses textos ativam o emocional dos leitores, utilizam uma linguagem mais sensacionalista, bem como se constituem como textos mais curtos, de linguagem mais simples.

Trazemos também a proposta de Paiva (2020, p. 47), que compreende que as *fake news* “se apresentam como conteúdos sensacionalistas e que apelam para a emoção dos/as leitores/as devido ao seu poder viral de espalhar-se de forma rápida, conseguindo atingir um determinado grupo ou público, sobretudo nas redes sociais.”. É nessa interface que tratamos e compreendemos o fenômeno das *fake news*, que subsidia a análise desses textos.

A seguir, tratamos acerca do processo de referenciação e das redes referenciais, discussão teórica essencial para a análise do nosso *corpus*.

2.2 Referenciação e as redes referenciais

Inicialmente, para entrarmos na discussão teórica acerca da referenciação, cumpre fazermos uma análise do que entendemos a respeito da significação das coisas mundanas. Em que momento o mundo passou a ser processado via linguagem? E como esse processo se dá? Essas são questões pertinentes para todo estudo que se propõe a trabalhar com a linguagem nos seus múltiplos usos. Em especial, para aquelas pesquisas que compreendem que a linguagem não é um mero reflexo do mundo, mas sim uma atualização desse mundo via processo discursivo, dotado de sentidos.

No capítulo inicial, A literatura e o direito à morte, de Maurice Blanchot (1998), presente no livro *A parte do fogo*, o autor aborda o processo de significação do mundo a partir das palavras, ação ocasionada desde os primórdios pelo homem. No instante em que a “palavra me dá o que ela significa” (BLANCHOT, 1998, p. 310), esta aniquila o objeto do

real. Nesse percurso, o autor reverbera a ideia de que a realidade física ganha novos contornos quando nós, indivíduos, reconstruímo-la a partir do uso criativo da linguagem. O sentido atribuído ao objeto do mundo, constantemente ressignificado e negociado, passa do real para o âmbito discursivo. Desse modo, endossamos o questionamento acerca do mito da linguagem como mero reflexo do real, entendendo que, mais do que refletir o real fidedignamente, a linguagem promove novas versões deste (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003).

Neste capítulo de Blanchot (1998), o autor traz uma pertinente discussão acerca da significação do mundo e, embora situado nos estudos literários, suas considerações parecem importantes para a nossa reflexão acerca da linguagem enquanto atividade criativa que desemboca na teoria da referenciação. Vejamos, portanto, o que diz o autor:

A palavra me dá o que ela significa, mas primeiro o suprime. Para que eu possa dizer: essa mulher, é preciso que de uma maneira ou de outra eu lhe retire sua realidade de carne e osso, que a torne ausente e a aniquile. A palavra me dá o ser, mas ele me chegará privado de ser. Ela é a ausência desse ser, seu nada, o que resta dele quando perdeu o ser, isto é, o único fato que ele não é. Desse ponto de vista, falar é um direito estranho. Hegel, nesse ponto o amigo e próximo de Holderlin, num texto anterior à fenomenologia, escreveu: “O primeiro ato, com o qual Adão se tornou senhor dos animais, foi lhes impor um nome, isto é, aniquilá-los na existência (como existentes)”. Hegel quer dizer que, a partir desse instante, **o gato cessa de ser um fato unicamente real para se tornar também uma ideia**. O sentido da palavra existe, portanto, como preâmbulo a qualquer palavra, uma espécie de imensa hecatombe, um prévio dilúvio, mergulhando num mar completo toda a criação. Deus havia criado os seres, mas o homem teve de aniquilá-los. Foi então que ganharam sentido para ele, e ele os criou, por sua vez, a partir dessa morte em que tinha desaparecido; só que, em vez de seres e, como dizemos, existentes, só houve o ser, e **o homem foi condenado a só poder se aproximar e viver das coisas pelo sentido que lhes dava**. E ele se viu prisioneiro no dia, e soube que esse dia não podia findar, pois o próprio fim era luz, **já que era do fim dos seres que vinha sua significação, que é ser** (BLANCHOT, 1998, p. 310-311, grifos nossos).

Quando o autor se refere ao ato criador da literatura, isto é, a ação de criar uma nova realidade para as coisas do mundo, este, metaforicamente, afirma que, ao passo que esse objeto do real é ressignificado por um sentido que lhe é atribuído, ele é aniquilado, passando a ser concebido não mais pelo objeto em si, mas pela ideia construída para ele via linguagem. Desse modo, concordamos com o autor com a ideia de que acessamos o mundo por meio da linguagem, um mundo atualizado no discurso, que é constantemente (re)construído e (re)significado. O objeto do mundo, quando dotado de sentido via linguagem, nunca mais é acessado do mesmo jeito. Cada nova significação é um novo experimento, uma nova realidade.

Ao retomar o exemplo do gato destacado no trecho, desenvolvemos melhor essa discussão. Vejamos: “O gato cessa de ser um fato unicamente real para se tornar também uma

ideia” (BLANCHOT, 1998, p. 310-311). Ora, as coisas do mundo só passam a existir quando passam pela ótica da linguagem. Antes de ser um gato, este ser era apenas um objeto do mundo, amorfo. O homem, portanto, intencionou construir para esse objeto uma existência via linguagem, transferindo-o de uma imagem do real para uma imagem discursiva. E assim, a partir desse instante, o gato passa de um objeto do mundo para um objeto de discurso, não como uma fotografia fidedigna do real, mas sim aproximando-se mais de uma pintura, com novos contornos, imprecisos, subjetivos. A respeito disso, concordamos com Custódio-Filho (2011) quando esse autor destaca que “o papel das linguagens não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir versões, elaborações dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados” (p. 113). É experimentando a nossa relação com a realidade, que construímos novos modos de gerir esse real, e isso é possível, graças à linguagem.

Quando adotamos um animal, passamos horas pensando em um nome para ele. Não para fixar uma etiqueta, mas para concretizar a sua existência, tanto para nós quanto para o mundo. O ato de nomear, portanto, é muito mais do que associar um nome a algo ou a alguém, é mais um ato criativo de significação, um modo de acessá-lo sob uma nova ótica via linguagem. Segundo Costa (2011), “como seres imersos no mundo, não operamos sobre ele de forma absolutamente objetiva porque não nos é dado flagrar a realidade tal qual ela é e representá-la intelectualmente como fidelidade absoluta” (p. 19).

Partindo dessa discussão inicial, em paralelo com os estudos literários, nesta seção, buscamos tratar sobre a referenciação, estudos desenvolvidos por Mondada e Dubois ([1995] 2003), e, em especial, traçando um diálogo com autores como Marcuschi (2007), Custódio-Filho (2011), Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), Cavalcante e Martins (2020), dentre outros. Vemos que, assim como na discussão inicial desta seção, para tais pesquisadores, a referenciação não é dada como um mero processo de nomeação dos objetos do mundo, mas, sim, como um processo dinâmico, complexo e repleto de sentidos. É por esse motivo que Mondada e Dubois preferem chamar esse processo de referenciação, e não de referência. Veremos adianta o porquê.

2.2.1 Teoria da referenciação: os processos referenciais

Este estudo, ao investigar a construção do ponto de vista nas práticas discursivas de *fake news* sobre a vacinação da Covid-19, recorre ao uso de redes referenciais a partir da teoria da referenciação. Antes de chegarmos ao âmago da teoria supracitada, abordamos

brevemente a perspectiva representacional, pontuando as inconsistências dessa visão reducionista que levaram os estudos do texto à concepção atual de língua e linguagem, e de referenciação enquanto processo negociado e situado.

A perspectiva representacional, filiada à filosofia da linguagem, influenciou por um longo tempo os estudos linguísticos, e trouxe em seu bojo a ideia cartográfica do mundo, em que este se apresenta como algo dado *a priori*, disponível ao indivíduo para a sua apreensão e uso. Nessa direção, cada objeto do mundo teria uma correspondência com um referente da língua, e esta associação funcionava, supostamente, de modo estável.

A respeito disso, Mondada e Dubois (2003) referem-se a essa visão a partir da metáfora do espelho, ideia que reduz a língua ao papel de refratar e refletir o real tal como ele supostamente é. Nesse sentido, há, pois, uma “tentativa utópica de encontrar e constituir uma língua perfeita em adequação total com o mundo” (p. 18), concebido como autônomo e já pré-existente, dissociado das práticas sociais. Seria, pois, pensar que esse mundo “[...] já discretizado em objetos ou ‘entidades’ existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Com isso, as autoras não estão desacreditando que o mundo exterior exista, mas, sim, entendendo que este não se dá do mesmo modo como o discretizamos discursivamente. Entendemos, assim como Blanchot (1998), que o objeto do mundo é, metaforicamente, “aniquilado”, pois passa a ter novos contornos quando processado discursivamente. Segundo Marcuschi (2007, p. 93), essa semiotização do mundo via linguagem “passa pelo filtro de nossas elaborações”, não se tratando de uma atividade individual, mas sempre coletiva e situada. Esses fenômenos mundanos são, pois, “amorfos”, e suas formas e contornos emergem de “[...] construções sociais, de modo que quando designamos algo sempre temos a ver com designações de algum modo sociais e úteis para a interação discursiva” (MARCUSCHI, 2007, p. 93).

Nessa direção, Marcuschi (2007) elucida que a referência não é uma atividade de correspondência entre o mundo e o discurso, mas sim um processo criativo, configurando-se, assim, como uma atividade complexa e não reducionista como assim se pensava. O autor prossegue destacando que “O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinadas” (MARCUSCHI, 2007, p. 86). Dessa forma, caminhar para esse entendimento de mundo construído na e pela linguagem, oriundo de acordos sociais e históricos, é, portanto,

se opor à visão representacional que vem do campo da filosofia da linguagem e que, dessa forma, reduz o potencial da produção discursiva.

Como vimos, usar a língua como modo de construir novas versões do mundo é empenhar-se numa ação autêntica e criativa. Essa ação discursiva não se dá de modo linear, nem de modo esquematizado, mas sim de modo autêntico, complexo e situado. O uso da língua permite-nos desorganizar o mundo, reorganizá-lo e desorganizá-lo constantemente, sempre a serviço de um propósito comunicativo e perpassado por acordos sociais e históricos. Ademais, essa prática discursiva não se dá no vazio, visto que dizer é sempre “dizer para alguém, de modo que a construção do mundo pelo discurso é dialógica, isto é, é interativa. Daí por que ela se dá no discurso” (MARCUSCHI, 2007, p. 94).

Nessa direção, situamo-nos na perspectiva sociointeracionista para que se acredita que os objetos de discurso, denominados por Mondada e Dubois (2003), não são dados *a priori*, mas são construídos a partir de uma constante negociação intersubjetiva entre os interlocutores. Segundo Cavalcante e Martins (2020), esses objetos de discurso não preexistem de modo natural, mas são construídos a partir dos processos cognitivos e interativos em que se encontram os participantes. Como fruto das negociações, emergem a partir dessa interação, bem como do contexto que os circunscreve.

Reiteramos, portanto, que, por emergirem durante o próprio curso discursivo, os objetos de discurso não são estabilizados e nem funcionam como etiquetas que utilizamos e fixamos em determinados objetos do mundo, uma vez que “as atividades de linguagens estão fundamentalmente integradas aos contextos sociais” (CAVALCANTE; MARTINS, 2020, p. 239). Desse modo, os objetos de discurso são modelados e remodelados a partir dos propósitos comunicativos que modalizam as práticas discursivas, bem como das intenções, das crenças, do contexto, das posições assumidas pelos interlocutores etc. Busca-se, a partir da instabilidade dos referentes, uma negociação para sua estabilidade, mas esta não é permanente, e sim provisória, pois é suscetível a novas mudanças a partir de novos contextos e de novas emergências interacionais.

Mondada e Dubois ([1995] 2003) sugerem deslocar os estudos, que antes focavam na forma, para, assim, passarmos a compreender como “as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão um sentido ao mundo” (p. 276). É um passo que sai do centro formalista dos referentes e chega à compreensão acerca das funções e dos propósitos que os objetos de discurso exercem em determinadas situações interacionais. Assim, uma teoria da referenciação é elaborada por essas autoras, no final do século XX, entendendo que essa atividade discursiva de (re)construção do mundo via linguagem se dá como processo. Chega-

se, portanto, ao conceito de referenciação – como acontecimento contínuo – em substituição à referência – como fenômeno de correspondência com o real.

Ao contrário da visão reducionista e representacional da língua, a teoria da referenciação compreende que tanto a língua quanto a realidade são instâncias que se constituem de modo instável e que, não diferentes, as suas categorias são dinâmicas e maleáveis. A respeito disso, Mondada e Dubois (2003) explicam que as categorias utilizadas para reelaborar o mundo “mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes [...]” (DUBOIS; MONDADA, 2003, p. 22). Com isso, as autoras asseveram que, mesmo aquelas categorias que são mais estabilizadas como aquelas do âmbito científico, ainda assim podem estar suscetíveis a instabilidades.

A discussão acerca da referenciação vem sendo refinada pelo Grupo Prottexto, sob liderança das professoras Dra. Mônica Magalhães Cavalcante e Dra. Mariza Angélica P. Brito, sendo suas pesquisas referência nacional para os estudos do texto, da argumentação, do discurso etc. É a partir dos constructos desenvolvidos pelo grupo Prottexto que recorreremos aos três principais processos referenciais, sendo a introdução referencial e as anáforas categorias de análise da nossa pesquisa e que são melhor explanadas ao longo desta subseção. Julgamos, antes, importante tratar das contribuições de Koch (1997) em diálogo com Halliday e Hasan (1976), em especial acerca dos três mecanismos referenciais que agem na coesão textual e que respingaram na atualização dos estudos referenciais.

Koch (1997), ao ampliar a discussão proposta por Halliday e Hassan (1976), destaca três mecanismos referenciais que agem na coesão textual, a saber: a substituição de um referente, seja por meio de outro referente da mesma natureza semântica, seja por meio de uma relação pronominal; a repetição desse referente ao longo do texto e, por fim, a elipse, isto é, a omissão desse referente que pode ser resgatado, por exemplo, pela terminação do verbo.

Nessa direção, Koch (1997) abordou também o conceito de cadeia coesiva, proposta por Halliday e Hasan (1976), que, segundo estes, funcionam como ligações entre partes dos textos, por meio de expressões nominais, que agem tanto na progressão textual como na sua concatenação das ideias. Para os atuais estudos do texto, essa concepção, embora importante, em especial, para o estudo da coesão textual, mostra-se limitada no que diz respeito ao fato de que tais mecanismos referenciais acabam por serem reduzidos, como se estes funcionassem apenas como elementos de progressão textual e/ou substituição. Vimos, no entanto, que “[...] os processos de referenciação não se reduzem a uma substituição de

formas ou expressões referenciais, porque os referentes são objetos de discurso. Ademais, a coesão é apenas uma das funções da referenciação” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 273).

Vejamos o seguinte exemplo. Trata-se de uma sinopse, gênero responsável por propor uma análise ou resumo de uma obra. A sinopse refere-se ao filme Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo (2022), retirado do site Adoro Cinema. Destacamos no trecho os referentes que se referem à protagonista da trama, Evelyn Wang.

Quadro 1 - Sinopse filme “Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo”

SINOPSE

Não recomendado para menores de 14 anos

Em Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo, acompanhamos uma **sobrecarregada imigrante chinesa, Evelyn Wang** (Michelle Yeoh) que com sua lavanderia à beira do fracasso e seu casamento com o marido covarde em ruínas, **ela** luta para lidar com tudo, incluindo um relacionamento ruim com seu pai crítico e sua filha (Stephanie Hsu). E, como se não bastasse enfrentar a crise pessoal, **Evelyn** precisa se preparar para uma reunião desagradável com uma burocrata impessoal: Deirdre (Jamie Lee Curtis), a auditora da Receita Federal. No entanto, à medida que **a agente severa** perde a paciência, uma inexplicável fenda no multiverso se abre, e se torna uma possibilidade para a exploração reveladora de realidades paralelas. **Evelyn** parte rumo a uma aventura onde, **sozinha, [ELA]** precisará salvar o mundo e impedir que uma entidade maligna destrua as finas e incontáveis camadas do mundo invisível. Explorando outros universos e outras vidas que poderia ter vivido, as coisas se complicam ainda mais, quando **ela** fica presa nessa infinidade de possibilidades sem conseguir retornar para casa.

Fonte: Site *Adoro Cinema* (2022)²³.

Percebemos que inicialmente o referente Evelyn Wang, protagonista do filme, é, antecipadamente, recategorizado no texto, sob a seguinte expressão nominal “sobrecarregada imigrante chinesa”, em que, logo adiante, ancora-se na introdução referencial principal, isto é, o nome da personagem e da atriz interpretante “Evelyn Wang”. Percebemos que, embora haja uma anáfora que antecipa a inauguração do referente no texto, ainda assim essa anáfora funciona como um elemento que traz transformações ao referente que será inaugurado logo em seguida no texto. Nota-se que essa anáfora existe em função de um referente que ainda será inaugurado, sendo, portanto, por ela antecipada. Destacamos que, embora a anáfora apareça antes da introdução referencial, essa não deixa de ser uma anáfora, mas demonstra o quanto complexo se dá os referentes no texto, fugindo de uma lógica linear. Essa não-linearidade está mais relacionada ao propósito e estilo do texto, do que limitações coesivas instauradas no contexto, como se uma introdução referencial não pudesse preceder a uma anáfora, por exemplo. E, mais do que retomar um referente no texto com o fim de assegurar a coesão textual, o jogo referencial ultrapassa a cadeia coesiva, chegando a níveis mais globais do texto, como a coerência textual, demonstrando que essas relações referenciais ocorrem

²³ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-270743/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

mais em redes referenciais, do que em cadeias coesivas. A respeito disso, Cavalcante *et al.* (2022) pontuam que

[...] a construção das redes referenciais representa muito mais do que um simples encadeamento de sequências nominais, ou uma manifestação léxico-gramatical e semântica de um nexos coesivo. Mais que isso, significa que a (re)criação do referente se situa num emaranhado de relações complexas e difusas no texto (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 279).

Isso fica evidente no exemplo 1, quando retomamos a expressão nominal “sobrecarregada imigrante chinesa”. Essa anáfora não só permite a progressão do referente “Evelyn Wang”, mas mantém com todos os referentes do texto uma relação constitutiva de sentidos que se dá em redes referenciais. Quando pensamos na expressão “sobrecarregada”, esta está intimamente ligada ao fato de que a protagonista lida com episódios que reverberam ao seu estado, visto que enfrenta uma “lavanderia à beira do fracasso”, um casamento em ruínas, um relacionamento ruim com o pai e sua filha, bem como não “bastasse enfrentar a crise pessoal”, a personagem ainda precisa lidar com “uma reunião desagradável” com uma auditora da Receita Federal. Percebemos, portanto, que essas informações estão conectadas, e corroboram para a construção de sentido do texto.

É perceptível também que, enquanto leitores, ultrapassamos o horizonte do escopo textual, uma vez que recorremos ao nosso conhecimento de mundo para, por exemplo, saber que uma reunião com uma auditora da Receita Federal pode ser uma situação desagradável e impactar no fracasso do estabelecimento da Evelyn. Não obstante, podemos ainda pensar na figura da mulher numa sociedade patriarcal e machista, em que muitas vezes precisa lidar com mais fardos no ambiente familiar do que muitos homens. Essa informação, por exemplo, confirma-se, sobretudo quando assistimos ao filme e vemos o quanto a personagem se sente frustrada ao ver o seu marido inerte frente aos diversos problemas que ela passa muitas vezes sozinha. Outrossim, as dificuldades enfrentadas por Evelyn ainda ganham novos contornos, isto é, são maximizadas, por exemplo, por se tratar de uma mulher “imigrante chinesa” e que, só por isso, na Receita Federal de um país que não o seu, enfrentará, possivelmente, mais problemas e preconceitos.

Com isso, a escolha do locutor de iniciar a sinopse optando por uma anáfora recategorizadora de “Evelyn” não se deu de modo arbitrário e nem só para garantir um simples encadeamento textual, pois, como vimos, anteriormente, as escolhas referenciais estabelecem entre si conexões que corroboram para os sentidos do texto, denotando a “real complexidade da ação de construir referentes” (CUSTÓDIO-FILHO, 2011, p. 155). Essas escolhas tratam-se de operações estratégicas do locutor frente ao seu projeto de dizer. E, como

já enfatizado, ocorrem tanto na superfície textual, como principalmente no âmbito contextual, reiterando a ideia de texto enquanto um evento discursivo e pragmático.

Não estamos, com isso, condenando os mecanismos propostos por Koch (1997), uma vez que estes trazerem luz às expressões referencias como mecanismos de manutenção e progressão referencial, destacando, também, a importância desses elementos para a construção coesiva do texto, estamos, na verdade, endossando o que Cavalcante *et al.* (2022) sinalizam, sobre como as redes referenciais extrapolam tais mecanismos, funcionando numa rede de conexões complexas ao longo de todo o texto.

Observa-se, no gênero textual sinopse, que os três mecanismos propostos por Koch (1997) são salientes, a saber: a) a substituição pronominal, por meio do pronome “ela”, e por meio de expressões referenciais que recategorizam o referente principal, tais como “a agente severa” e “sozinha”; b) a repetição, no caso do referente principal que aparece por meio do primeiro nome da personagem “Evelyn”; e, por fim, destacamos o terceiro mecanismo, c) a elipse, momento em que não há a presença do referente, mas que é possível resgatá-lo, por exemplo, por meio da terminação verbal “[ela] precisará” (aqui cabe destacar que outros fatores precisariam ser acionados para além da terminação verbal, questões que serão melhor discutidas mais a diante).

Desde a década de 90, mostrou-se, a partir de diversos estudos, que os elementos cotextuais não esgotam as potencialidades do texto, representando, na verdade, apenas a ponta de um “iceberg” do universo textual, como já alertara Koch e Elias (2008). Reconhecemos, portanto, que os elementos cotextuais são importantes na constituição textual, entretanto não esgotam o texto em si, uma vez que compreendemos o “texto e a coerência como instâncias bastante dinâmicas” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014, p. 27), que tornam a referência um processo mais amplo, complexo e mais dinâmico. Por esse motivo, hoje a referenciação é vista como uma atividade que ocorre para além do escopo textual, mobilizando outras dimensões e se configurando como um processo altamente complexo e permeado de estratégias argumentativas.

Outrossim, destacamos que a proposta da referenciação está apoiada em três princípios basilares (CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014). O primeiro diz respeito à instabilidade do real. Esse princípio está relacionado ao fato de que a linguagem cria novas versões do real, no entanto, isso não se dá de modo permanente, mas funciona como algo dinâmico, fruto de cada ação empenhada pelos interlocutores, em cada reenquadramento do contexto situado etc. Concordamos, portanto, com Cavalcante, Custódio-

Filho e Brito (2014, p. 29), ao afirmarem que “toda construção referencial é um trabalho em constante evolução e transformação”.

Vejam os seguintes exemplos. Trata-se de uma campanha publicitária publicada durante o período de fevereiro de 2021, contexto em que o evento carnaval havia sido proibido devido às restrições impostas pelo governo no enfrentamento da Covid-19.

Figura 3 - Campanha publicitária “Aglomera Não!”, da Prefeitura de Canoas



Fonte: Campanha Publicitária da Prefeitura de Canoas (2022)²⁴

No exemplo 3, temos a expressão referencial “máscara”, que sinaliza para dois tipos de máscaras distintas: o primeiro tipo está relacionado a um adereço festivo, típico do carnaval; já o segundo tipo está relacionado à máscara como um equipamento de proteção. Nesse exemplo, uma única expressão referencial “máscara” atende às duas categorias referenciais, e essa dualidade semântica é utilizada como estratégia propulsora na construção de sentidos do texto, uma vez que, entre essas duas categorias, o locutor pede, por meio de uma sequência injuntiva, que o leitor “neste carnaval use a máscara certa!”. Não obstante, a expressão referencial máscara é recategorizada e está ancorada na própria ilustração semiótica dos tipos de máscara utilizadas pela mulher na imagem, em que, de um lado, temos a máscara carnavalesca, junto a expressão “Aglomera não!” e um símbolo que materializa essa mensagem; e, no outro lado, temos a máscara de proteção, junto à expressão “Neste carnaval use a máscara certa!”. Esse jogo de posições ajuda no entendimento do texto, e esse entendimento é fruto desses usos referenciais em redes.

²⁴ Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/aglomera-nao-campanha-reforca-cuidados-contr-o-coronavirus-no-carnaval/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

No que diz respeito à instabilidade dos referentes construídos no texto, percebe-se que o contexto em que emerge o enunciado foi preponderante, assim como o jogo semântico que é perpassado pela instabilidade dos referentes. Ora, imaginamos que, em 2018, também num período de carnaval, alguém perguntasse para um colega: “você pegou a sua máscara?”, provavelmente o interlocutor acionaria o referente máscara de carnaval, pois esse referente, já estabilizado, faria mais sentido para aquela ocasião. No entanto, em um mesmo período, agora em 2021, essa mesma pergunta geraria ou uma dualidade quanto aos tipos de máscaras ou seria atrelado mais de imediato à máscara de proteção. Isso mostra que, mesmo que um referente seja supostamente estabilizado em dado contexto cultural, como da máscara de carnaval, essa estabilidade não é permanente, podendo estar suscetível a novas modificações impulsionadas, sobretudo, por questões sociais e culturais. Isso evidencia o caráter contingencial dos referentes no texto e demonstra que esse princípio ocorre tanto por fatores contextuais como também por constantes negociações dos interlocutores, segundo princípio que iremos explicar.

Cabe asseverar que a instabilidade não pode ser vista como um erro, pois “[...] a *instabilidade é constitutiva* e funda a possibilidade de a interação socialmente estável” (MARCUSCHI, 2007, p. 96). É a partir dessa socialização que essas categorias vão sendo reelaboradas e vão atendendo às necessidades interacionais dos interlocutores.

Para que isso fique mais tácito, recorremos ao exemplo dado por Koch e Elias (2008), no que diz respeito ao objeto de discurso piano. Pensemos que, numa situação de um concerto, o objeto de discurso piano pode assumir a categoria de instrumento musical, categoria essa comumente estabilizada. No entanto, em outras circunstâncias, esse objeto de discurso pode ocupar novas categorias, assim como a máscara no exemplo 3. Imaginemos um contexto de mudança, em que alguém precise carregar os móveis de uma casa para outra e, diante desse ato de locomoção, essa pessoa se depare com um piano. Certamente esse objeto de discurso não deixará de ocupar a categoria de instrumento musical, mas, possivelmente, nesse contexto, assuma, concomitante ou não, uma nova categoria, por exemplo, de móveis pesados.

Com esse exemplo, não queremos dizer que o objeto de discurso saiu definitivamente de uma categoria primária, de instrumento musical, e ocupou uma nova, mas, sim, que, na verdade, esse mesmo objeto de discurso pode ocupar simultaneamente mais de uma categoria a partir de determinados contextos. No exemplo do piano, embora este não deixe de ser um instrumento musical, o fato de ser um móvel pesado acaba por se sobrepor, naquele contexto. Isso marca a dinamicidade já discutida, aqui, sobre como os objetos de

discurso só são significativos quando processados no uso. Com isso, dialogamos com o que diz Marcuschi (2007, p. 93): “[...] as categorias são muito mais *modelos sociais* do que *modelos mentais*”, porque embora determinadas categorias estejam estabilizadas em nossa mente como A ou B, elas só serão efetivadas como tais no contexto de uso, pois, afinal, é no discurso que elas são reelaboradas, negociadas, dotadas de novos sentidos.

Partimos agora para o segundo princípio, a negociação dos interlocutores, que se refere à interação constante entre os interlocutores no processamento do texto, como modo de construir os sentidos a partir da troca interacional, seja discordando, seja colaborando. Segundo Cavalcante *et al.* (2014, p. 35),

Quando produzem e compreendem textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação.

Retornando ao exemplo 3 da máscara, há uma negociação que ocorre entre o locutor-enunciador primeiro do texto, entre o próprio texto e entre os interlocutores-leitores, que acabam assumindo um papel de coparticipantes do texto, e entre o contexto situado. Isso destaca o que Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014) asseveram: o fato de que a construção referencial é fruto de uma constante negociação, e que não necessariamente se dá em interações face a face, mas sim em todas as interações, uma vez que a negociação entre os interlocutores é um princípio essencial e funciona, segundo os autores, como elemento constitutivo da linguagem.

Pensamos que um texto está sendo processado de modo síncrono, isto é, com a presença dos interlocutores que estão a todo momento engajados nessa interação. Nessa ocasião, a negociação se dá de modo simultâneo, ao passo que os participantes vão construindo e negociando os sentidos do texto, naquele instante em que o enunciado vai sendo processado. Agora imaginemos uma outra situação em que o locutor-enunciador primeiro não está frente a frente com um outro enunciador, isto é, um texto que será processado, de modo assíncrono, por outrem. Nessa situação, ainda assim há negociações que serão desempenhadas pelos enunciadores-público. Seja pelo locutor-enunciador primeiro que irá antecipar possíveis questões a serem refletidas pelos enunciadores-público, seja por enunciadores que podem confrontar ou confirmar os levantamentos prévios feitos pelo locutor-enunciador primeiro, em todas as situações interacionais, a negociação estará presente e será elemento constituinte.

Concordamos, portanto, com , Custódio-Filho e Brito (2014) com o fato de que “o trabalho de construção dos referentes é uma atividade partilhada, intersubjetiva. Não se trata de construir versões da realidade ao bel-prazer do locutor, mas sim de submeter a versão à aceitação de outros participantes da interlocução” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO-FILHO; BRITO, 2014, p. 38). O texto, portanto, nunca será um produto acabado, mas sempre aberto a novas reformulações, a novas impressões, a cada momento em que ele é processado. É, por isso, que defendemos, assim como Beuagrande (1997), a ideia de que o texto é um evento comunicativo, um acontecimento processado em cada ato interacional.

O terceiro princípio da referenciação diz respeito à natureza sociocognitiva da referência e diz respeito aos fatores cognitivos e sociais que são mobilizados, conjuntamente, para desvencilhar as trilhas de sentido do texto. Desse modo, a referenciação é uma atividade que é processada pelo aparato cognitivo, “[...] pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem” (CUSTÓDIO-FILHO, 2011, p. 120). No entanto, essa atividade cognitiva não se encontra isolada do social, visto que ambas estão em constante relação. Nesse caminho, destacamos que a referenciação é uma atividade fruto da sociocognição e, ao destacarmos isso, estamos concordando com a perspectiva de que a construção dos referentes no texto “[...] passa por alguma forma de processamento mental, considerando-se que tal trabalho se efetiva a partir de parâmetros sociodiscursivos previamente apreendidos e atualizáveis em cada situação de interação” (CUSTÓDIO-FILHO, 2011, p. 120).

No exemplo 3, do uso da máscara, para que o leitor chegasse ao entendimento de qual máscara seria a mais ideal, ele precisaria preencher as lacunas existentes no texto. E essa ação de colaborar com a construção de sentidos do texto se dá a partir de inferências, mas também a partir de pontes que se ligam com os conhecimentos sócio-históricos e culturais que são conclamados durante o processo discursivo. Percebemos, por exemplo, que, na imagem 3, não há a presença direta do referente Pandemia da Covid-19, no entanto, o seu não aparecimento de modo explícito no texto não impede que o leitor possa acionar os seus conhecimentos contextuais para inferi-lo. Há, portanto, para o entendimento do texto em análise, a mobilização conjunta tanto da dimensão cognitiva, que processa o texto a partir da cognição, assim como da dimensão social, que recorre aos conhecimentos para além da superfície textual. Sobre essa relação cognição e social, Custódio-Filho (2011, p. 120) destaca que

De um lado, o aspecto social põe em relevo a necessidade de se analisarem os referentes linguísticos sob o foco dos vários fatores sociais que interferem na

configuração textual e que se localizam além dos fatores estritamente linguísticos. De outro lado, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando, para tanto, o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua bagagem mental.

Outrossim, Custódio-Filho (2011) aponta em sua tese duas vertentes da referenciação. Segundo o autor supracitado, essas vertentes não se excluem, logo não podem ser vistas como opostas, mas sim, como complementares, apresentando traços que particularizam o modo como cada uma focaliza as suas análises. Não obstante, o autor destaca ainda as diferenças no que concerne às concepções de texto e de discurso para ambas as perspectivas e à consideração de outros elementos, para além do linguístico, para a construção referencial, traço que ganha ênfase na segunda vertente.

Segundo o autor, a proposta da referenciação, na primeira vertente, trouxe inúmeros avanços para os estudos do texto no âmbito da Linguística Textual, sobretudo por ampliar a compreensão acerca das expressões referenciais, vislumbrando as funções que esses processos desempenham para a construção de sentidos nos textos. No entanto, Custódio-Filho (2011) assevera que, nessa perspectiva, não se considera “que a construção dos referentes possa se estabelecer por estruturas e mecanismos não diretamente relacionados à menção referencial” (p. 139), nem se leva em consideração as relações referenciais que podem ocorrer de um texto para o outro, comuns em textos presentes no âmbito digital e que sinalizam para a não-linearidade dos processos referenciais.

É diante dessas lacunas que surge a segunda vertente, com destaque para os estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo grupo Prottexto. Nessa segunda vertente, na qual se encontra situado Custódio-Filho (2011) e com qual nós coadunamos, defende-se, por exemplo, que os referentes são construídos por processos mais amplos e complexos, isto é, para além do universo das expressões referenciais e para além da unidade textual, uma vez que, em muitos textos, notam-se *links* que estabelecem entre si ligações para além da unidade textual. Destaca-se, portanto, que há uma evidência dada à interação e a toda a complexidade que permeia essa ação comunicativa, o que torna os textos também complexos e multifacetados.

É nessa segunda vertente que se destacam os três importantes processos referenciais elaborados por Cavalcante *et al.* (2022), a saber: a introdução referencial, as anáforas e a dêixis. Neste estudo, deter-nos-emos nos dois primeiros, isto é, na introdução referencial e nas anáforas, por serem o foco da nossa análise.

O primeiro processo refere-se, como o próprio nome já anuncia, à estreia de um objeto de discurso no texto. Isso pode se dar de diversas maneiras e a partir de múltiplas semioses, como vimos em exemplos anteriores. Essa multiplicidade na constituição do texto é melhor explanada por Custódio-Filho (2011). O autor faz uma discussão sobre a importância de considerar os vários modos como o texto pode se constituir, seja utilizando aspectos puramente verbais como também outros recursos semióticos. A respeito disso, o autor assevera que “temos, então, que a materialidade textual (elemento que, embora não suficiente, é absolutamente necessário para que os sentidos se construam) pode se organizar sob diferentes combinações intersemióticas” (CUSTÓDIO-FILHO, 2011, p. 65). Essa discussão levantada é importante, uma vez que utilizamos textos que se constituem como multimodais, ou seja, enunciados que constroem seus sentidos a partir da mobilização de diversas semioses, tanto verbais quanto não-verbais.

Na seara da referenciação, essa discussão acerca da multimodalidade dos textos é de suma importância, visto que as expressões referenciais podem, por exemplo, tanto estrear o referente nos textos a partir dos recursos imagéticos, como também desempenharem um importante recurso de recategorização desses referentes no texto. De todo modo, os recursos verbais, visuais, sonoros etc. colaboram para a construção do referente, bem como para a construção de sentido dos textos. Segundo Custódio-Filho (2011), as imagens podem desempenhar papel central em determinados textos, “podendo ocupar o mesmo lugar de construções linguísticas designadas para tanto” (p. 78-79). Desse modo, contemplar apenas o aparato linguístico seria desconsiderar as potencialidades do próprio texto, sobretudo num contexto atual em que os textos digitais ganham tamanho espaço na sociedade e se constituem das mais diversas semioses.

Essa discussão, sob a égide de uma investigação sociocognitivista acerca dos processos referenciais, amplia a amostra de análise dessa teoria, contemplando os mais diversos modos de constituição textual e da relação desses elementos multissemióticos para a unidade de coerência do texto. Vejamos o seguinte exemplo:

Figura 4 - Violência contra a mulher não é só física – Prefeitura de Goiânia



Fonte: Rede Metropolitana de Transporte Coletivo (2022)²⁵

Na imagem 4, a campanha publicitária traz logo acima, em destaque, a seguinte expressão referencial: “violências contra mulher”, em que se estreia no texto o referente em torno dos tipos de violências contra as mulheres. Ao longo do texto, esse referente vai sendo explanado e vão se especificando os tipos de violências que o sexo feminino pode sofrer, seja ela física, psicológica, moral, sexual, patrimonial e econômica. Nesse texto, a introdução referencial “violências” é de suma importância para a construção do sentido de todo o texto, pois funciona como um guia para as trilhas que o leitor irá percorrer no texto. O fato de estar no plural também colabora para o entendimento de que a violência contra a mulher não se dá apenas de um modo, mas pode se apresentar de diversas maneiras, e é nesse caminho de expansão do conceito, em redes referenciais, que o texto progride.

É importante destacar que o objeto de discurso “violências” também é reforçado por outros elementos semióticos, como a cor vermelha, que comumente é utilizada para chamar a atenção e destacar uma informação para o leitor, assim como também nos permite associá-la ao sangue, fluido que, de modo geral, é resultado de violências. Outrossim, as fontes em caixa alta destacam informações mais relevantes para o texto (título, tipos de violência, por exemplo). Outro recurso semiótico deve-se à imagem de fundo, em que uma

²⁵ Disponível em: <https://www.rmtcgoiania.com.br/blog/2018/10/09/violencia-contra-a-mulher-nao-e-so-fisica/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

mulher coloca suas mãos em modo de defesa, podendo simbolizar o ato de defesa frente a uma agressão. Esses recursos imagéticos colaboram para a construção de sentido do texto e não ocupam apenas um papel secundário frente aos elementos verbais, uma vez que todo o texto, ao mobilizar elementos verbais e visuais, compromete-se em construir uma unidade de sentido para o enunciado.

A respeito disso, Cavalcante e Martins (2020) afirmam que os elementos referenciais podem aparecer no texto de diversas formas, “[...] não somente pelo meio linguístico das expressões referenciais. Para a elaboração e reelaboração (sempre colaborativas) dos referentes, aspectos multimodais de toda ordem estão envolvidos e se encontram atrelados a fatores contextuais” (p. 245). Assim sendo, não necessariamente os referentes irão aparecer por via verbal, como vimos nos exemplos analisados nessa seção, mas também a partir de outros aparatos semióticos. Isso mostra como a dinâmica textual é diversificada e, ao mesmo tempo, complexa, pois exige do leitor uma atenção para além das informações que saltam da superfície textual.

O segundo processo, as anáforas ou as recategorizações, dizem respeito à retomada e/ou a recategorização dos objetos de discurso que evoluem ao longo das trilhas textuais. Esse processo pode se dar de modo direto (correferencialmente) ou indireto (inferencialmente - anáfora indireta), em que o primeiro está relacionado à retomada de um referente já estreado anteriormente no texto; enquanto o segundo não retoma diretamente um mesmo referente, mas outro que mantém uma relação semântica e pragmática com ele.

Na imagem 4, o referente “violências” é retomado diretamente pelos tipos de violências apresentados no texto, por um processo de recategorização por hipônimos. Nas especificações dos tipos de violência, o objeto de discurso “violências” não é retomado diretamente no texto, há, portanto, elipses que omitem o termo, no entanto, não se configura como um problema para o entendimento do enunciado, uma vez que fica subentendido que física, psicológica, moral, sexual, patrimonial e econômica estão explanando e definindo os tipos de violência doméstica. Essa relação entre “violências” e os tipos de violências se dá a partir de um processo de anáforas, pois mantém relações entre si e auxilia a progressão do texto, bem como acrescenta informações à expressão referencial introduzida na margem superior do texto.

Outro tipo de anáfora é a encapsuladora. Trata-se de uma expressão referencial que resume ou sintetiza um conteúdo textual pertencente a um mesmo campo semântico. Ainda no exemplo da imagem 4, o referente “violências” também encapsula todos os tipos de violências que serão explanados ao longo do texto. Isto mostra que um mesmo referente pode

desempenhar mais de uma função no texto, reforçando o caráter dinâmico típico das relações referenciais.

Cabe mencionar a importante contribuição de Matos (2018) acerca das redes referenciais, a qual elegemos para a análise de nossa amostra. Segundo a autora, os processos referenciais funcionam como uma rede de nós referenciais em textos, mantendo

[...] uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos. Desta forma, tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência (MATOS, 2018, p. 169).

Nas *fake news* situadas em contextos digitais, assim como qualquer outro texto dessa esfera, as redes referenciais são essenciais para a construção de sentido, uma vez que, a partir de um movimento altamente dinâmico e complexo, os referentes compõem uma rede de relações semânticas que estão para além do seu cotexto e mantêm entre si conexões que se complementam.

Essas redes referenciais se encontram e se interligam (MATOS, 2018) e, no exemplo das *fake news*, podemos defender a ideia de que esses elos de conexões podem recorrer, a partir de uma relação intertextual, a outros textos. Ademais, podemos notar que, quando situadas em redes sociais, essas redes referenciais, a partir da interação dos usuários, atingem uma maior dinamicidade, uma vez que esses suportes digitais permitem múltiplas interações, mobilizando os mais diversos recursos semióticos.

Destacamos, por fim, que todos os processos referenciais observados nos exemplos analisados caminham para o entendimento atual da LT de que todo texto é argumentativo - perspectiva que vem sendo defendida pelo grupo Prottexto -, e o processo de referenciação é uma das principais estratégias argumentativas dos textos. Notamos também que não só os referentes contribuem para a construção argumentativa do texto, mas também a própria organização do perfil de redes sociais em análise, isto é, das informações para além do *tweet* analisado. Isso demonstra a importância de considerá-los no momento de análise, pois é importante avaliar o contexto situado em que emergem esses textos digitais.

Não obstante, é notório que todo o compilado de gêneros que compõem o compósito não se dá de modo aleatório ou imparcial, mas sim, atende a um projeto de dizer. Isso ficou evidente, por exemplo, ao fazermos uma análise acerca do processo referencial que, nos exemplos elencados, caminharam para a ideia de que Lula representa uma ameaça aos

valores cristãos, ao nacionalismo e ao conservadorismo, ideologias marcadamente associadas à página. Esse conflito de valores e oposições ideológicos acabam por ser refletidos nas postagens, bem como nas interações de seus seguidores, que compactuam com os princípios inerentes à página de notícias.

A escolha desses referentes e de toda a organização do *tweet* não se dá de modo imparcial, afinal, cada escolha no discurso é motivada, é proposital, e está perpassada por inúmeros fatores que influenciam essa construção discursiva, “mesmo quando os enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o menos possível” (RABATEL, 2008, p. 70). É nessa direção, que entra a discussão acerca da construção do ponto de vista, que, a partir da escolha dos objetos de discurso representam ponto de vista, tornando-se essa escolha um modo de apreensão da subjetividade (CORTEZ; KOCH, 2013).

Considerar essas pistas textuais é de suma importância, uma vez que elas nos permitem compreender como se estruturam e como se constroem as *fake news* e como as interações em redes sociais colaboram para a sua constituição como uma *fake news*. Dessa forma, destacamos que os estudos centrados na Linguística Textual muito têm a contribuir para o entendimento da natureza desse fenômeno. É o que propomos fazer na seção de análise deste estudo.

No subtópico a seguir, discutimos o conceito de ponto de vista a partir dos estudos de Rabatel (2009; 2016) e Cortez (2011).

2.3 A construção do ponto de vista como indício em práticas discursivas fake news

Neste subtópico, tratamos do caráter argumentativo dos textos, compreendendo este fenômeno como algo constitutivo de todo texto (CAVALCANTE *et al.*, 2022). Outrossim, relacionamos este conceito, observando a interface entre a argumentação e a sua relação com a construção de pontos de vista (doravante PDV). Para isso, no primeiro momento, discutimos o conceito de argumentação a partir de Amossy (2011) e Cavalcante e Martins (2020), e Cavalcante *et al.* (2022) e, em seguida, entramos na discussão sobre o PDV, a partir de Rabatel (2016) e Cortez (2011).

2.3.1 A natureza argumentativa do texto

Compartilhamos da ideia defendida, em especial, pelo grupo Protexto de que todo texto é, em sua natureza, argumentativo. Segundo Amossy (2011, p. 130), em todo discurso

há “a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130). Mesmo que em níveis distintos, a argumentação apresenta-se como elemento constitutivo de todo enunciado, como já mencionado por Cavalcante *et al.* (2022).

Ainda segundo Amossy (2011), a construção argumentativa não se limita unicamente à adesão de um público a uma tese, mas abrange também a organização discursiva planejada e que influencia os modos de pensar, de ver e de sentir, compartilhados entre o enunciador e o seu público (AMOSSY, 2011).

É nessa direção que Amossy (2011) propõe, a partir da interface entre os estudos da retórica e da análise do discurso, uma abordagem da argumentação, a saber: a Abordagem da Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD). Segundo Cavalcante *et al.* (2022), “[...] a TAD propõe um estudo da argumentação situado em um quadro comunicacional e sócio-histórico, visando analisar, na diversidade de gêneros e práticas discursivas, o modo como a argumentação se inscreve nos textos e no interdiscurso” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 104).

Amossy (2011) pontua que a argumentação acontece a partir de modos de organização de duas naturezas distintas, a saber: a dimensão argumentativa e a visada argumentativa. Essa dupla articulação argumentativa se opõe à tradicional perspectiva dicotômica de discursos argumentativos *vs* discursos não argumentativos. Esta última visão restringe a argumentação para aqueles discursos marcadamente argumentativos, como é o caso, por exemplo, do artigo de opinião. No entanto, compartilhamos com Amossy (2011) a ideia de que todo discurso é argumentativo. Nessa direção, os estudos do texto caminham também para essa direção. Em consonância com os estudos do grupo Prottexto, destacamos a ideia de que o texto é argumentativo, em diversos níveis, e esse fator se configura como um princípio constitutivo de todos os textos.

É importante destacar que o princípio da argumentatividade não só apenas é saliente nos textos através dos seus aspectos composicionais, isto é, daqueles textos que trazem marcas prototípicas de enunciados que giram em torno de uma tese, como, por exemplo, o texto dissertativo-argumentativo. Desse modo, Cavalcante *et al.* (2022) salientam que a argumentatividade pode se expressar a partir de outras evidências e marcações, tornando-se, assim, plural. A respeito disso, recorreremos ao que diz Cavalcante *et al.* (2022, p. 102, *grifos dos autores*):

[...] dizemos que a argumentatividade não aparece apenas em textos organizados estruturalmente para a explicitação de uma tese e dos dados que a amparam, porque variados mecanismos linguístico-textuais ajudam a sinalizar para pontos de vista. A proposta da linguística textual sustentada pelo grupo Protexto é que **a argumentatividade possa ser evidenciada por critérios textuais**, como a construção referencial, o uso de intertextualidades, a organização tópica, a articulação das sequências textuais, as marcas de heterogeneidades enunciativas, as estratégias de impolidez, e o que mais se associe a tais critérios.

Entendemos que os textos não se dão argumentativamente nos mesmos níveis, mas sim em estágios distintos, a depender do gênero textual, do espaço em que circula, do propósito comunicativo dos locutores etc. Como mencionado, o artigo de opinião apresenta um alto grau de argumentatividade, uma vez que é um texto próprio dessa natureza, diferente, por exemplo, de um romance. Acontece que, mesmo que neste último, a argumentação não se dê de modo mais explícito, ainda assim há um teor argumentativo na sua constituição, seja devido à escolha do supracitado gênero e não de outro, seja devido às escolhas de expressões referencias em detrimento de outras, seja devido ao estilo ali escolhido e adotado. Em suma, todas essas escolhas operadas no texto pelo locutor demonstram que este age, estrategicamente no seu texto, para cumprir determinado projeto de dizer, e esse agir é de natureza argumentativa.

Há, como dito, discursos que se propõem a gerar no outro um convencimento acerca do que ali é construído. Isto se dá, a partir da elaboração de uma tese que vai sendo organizada, a fim de interferir e influenciar o outro. A isso, Amossy (2017) denomina de visada argumentativa, comumente presente em gêneros discursivos como o artigo de opinião, a carta aberta, o editorial etc.

Já o segundo modo de organização, a dimensão argumentativa, refere-se à natureza constitutiva de todo texto, isto é, ao fato de que todo texto, para Amossy todo discurso, apresenta modos particulares de apresentação do mundo, sendo, portanto, o modo subjetivo e particular em que locutor se coloca frente ao assunto, não para gerar persuasão, mas sim para o locutor gerenciar estrategicamente o seu texto, a fim de construir o seu ponto de vista. Esse ponto de vista se alia mais “à expressão de um modo particular de ver as coisas, que é inerente a todo e qualquer dizer” (MACEDO, 2018, p. 44), pois, afinal, todo texto é, minimamente, atravessado por questões subjetivas do locutor/enunciador, que é também intercruzado e influenciado pelo contexto sociocultural. Essa construção do ponto de vista implica certo modo de ver e pensar determinado assunto ou objeto (AMOSSY, 2012).

É importante destacar que as noções de dimensão argumentativa e visada argumentativa são propostas por Amossy (2018) não como excludentes, mas sim

interconectadas em “um *continuum* de argumentatividade” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 108). Isso se deve ao fato de que todo texto apresenta uma dimensão argumentativa, o que não ocorre, do mesmo modo, com a visada argumentativa, visto que esta dimensão somente ocorre quando se sobressaem traços próprios da sequência argumentativa. Essa distinção, para Cavalcante *et al.* (2018), se dá na seara das relações textuais.

Amossy (2008) apresenta seis modalidades argumentativas, a saber: a demonstrativa, a patêmica, a pedagógica, a de coconstrução, a negociada e a polêmica. A modalidade demonstrativa diz respeito à apresentação de uma tese apoiada em subsídios comprováveis, ou, como veremos em *fake news*, dotados de um suposto “valor de verdade”, “de autenticidade”. A modalidade patêmica é um recurso utilizado pelo locutor para sensibilizar o seu auditório, isto é, “suscitar emoções no interlocutor para obter sua adesão” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 118). Vemos que essa modalidade também é um recurso adotado em *fake news*, uma vez que, como já discutido, os locutores enunciadores dessas práticas discursivas recorrem ao sensacionalismo e, não obstante, para obter adesão do seu público, recorrem ao seu emocional, aos seus valores e ideologias. A modalidade pedagógica funciona a partir do modo como o locutor, por meio de um *ethos* autorizado, constrói-se como alguém investido de um saber sobre algo e, por deter esse saber, assume uma posição superior frente ao seu público, posição acatada por esse. A modalidade de coconstrução e a modalidade negociada funcionam a partir da interação entre os locutores e interlocutores na busca de, em conjunto, sanar os problemas decorrentes da interação, chegando, assim, a um consenso. Amossy (2008) as difere no que diz respeito ao grau de formalidade e à posição hierárquica de que se revestem os locutores, sendo que, no último (modalidade negociada), essa formalidade e hierarquia são mais acentuadas que no primeiro (modalidade de coconstrução). Por fim, a autora destaca a modalidade polêmica, que tem como característica própria, frente às demais, o dissenso, isto é, os locutores e interlocutores não almejam chegar a um consenso, mas sim apresentar argumentos que se opõem, muitas vezes, permeados pela violência. Para essa modalidade, Amossy (2017) pontua três propriedades da polêmica, a saber: “a dicotomização de teses, a polarização de lados antagônicos e a tentativa de desqualificar o outro” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 119).

A primeira propriedade da polêmica, pontuada por Amossy (2017), é a dicotomização de teses, e refere-se à oposição de pontos de vistas frente a um determinado assunto. É, portanto, uma condição necessária para que haja o discurso polêmico. Podemos, por exemplo, observar em *fake news* que, quando estas tratam de vacinação da Covid-19, um dos temas das *fake news* analisado neste estudo, há dois pontos de vista: o discurso

negacionista vs o discurso científico, que implicam também o discurso de direita vs o discurso de esquerda. Vemos que a organização discursivo-textual das *fake news* acerca desse assunto gira em torno de pontos de vista conflitantes. No entanto, no seu cerne, prevalecem os discursos antivacina, negacionista e de direita, que orienta argumentativamente o discurso em dissonância com o discurso oposto, a serviço do propósito de dizer do locutor/enunciador principal.

A segunda propriedade da modalidade polêmica diz respeito à polarização social, que corresponde à posição social assumida pelos locutores/enunciadores ante os pontos de vistas defendidos por cada eixo. Desse modo, cada locutor assume uma tese, defende-a, opondo-se à outra. Cavalcante *et al.* (2022) pontuam que “A modalidade polêmica faz mostrar, assim, uma arena dividida em dois lados que se polarizam na interação” (p. 126). Podemos, por exemplo, mencionar o embate entre a esquerda e a direita, em especial ao longo do período eleitoral brasileiro de 2022.

A terceira propriedade da modalidade polêmica é a desqualificação do outro. Essa propriedade advém da organização discursivo-textual que visa construir um descrédito e atribuí-lo a um oponente, situado num eixo oposto ao do locutor. Nas *fake news*, vemos que os atores sociais desempenham papel importante na organização discursivo-textual desses textos, uma vez que muitas vezes essa figura acaba servindo de pontapé inicial para a construção da mentira. Mencionamos, por exemplo, as *fake news* que se referem diretamente a uma personalidade, como, por exemplo, aquelas sobre políticos como o presidente Lula, em que a mentira é fabricada a partir da figura do presidente. Podemos, por exemplo, mencionar as *fake news*, durante o período eleitoral, que alegavam que o atual presidente Lula iria criar banheiros unissex. Embora Lula se situe num eixo mais progressista, que traz discussões acerca da identidade de gênero e da não-binaridade, esse projeto jamais foi defendido por ele, o que não impediu que fosse, erroneamente, atribuído a ele, com o objetivo de aterrorizar uma população mais alheia a essa discussão, bem como de colocá-lo num papel social de “ameaça” às famílias tradicionais.

Cavalcante *et al.* (2022) destacam que, na modalidade polêmica, há um embate que visa não ao convencimento de um locutor para o outro, mas sim ao convencimento de um terceiro, que está fora da arena de conflitos. Há, portanto, a busca de atrair esse terceiro a adotar um dos polos da polêmica. Observamos que, na análise de *fake news*, a modalidade polêmica se faz presente, sobretudo quando esses textos falsos tratam, em especial, de assuntos como a saúde pública, a religião, a ciência, e, em destaque, a política.

Destacamos que, diante das modalidades propostas por Amossy (2008), expandidas por Cavalcante *et al.* (2022), a modalidade polêmica é a que mais se sobressai frente as outras e, por esse, motivo é contemplada em nossa análise. Enfatizamos que não é foco deste estudo tratar diretamente das modalidades propostas por Amossy (2017), nem se deter profundamente na abordagem da teoria da argumentação no discurso (TAD), no entanto, entendemos que conclamá-las para esta pesquisa se faz necessário, sobretudo, no momento da análise dos dados. Reiteramos, pois, que “[...] argumentar é um meio de agir sobre o outro, tentando fazê-lo aderir a um ponto de vista ou mesmo mudar de direção quanto a seu modo de ver e de sentir em relação a uma questão social” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 113).

Diante do exposto, destacamos que considerar os estudos da argumentação é estar coerente com o entendimento de que todo texto é argumentativo, como já defendido anteriormente. Adiante, discutimos sobre a abordagem enunciativo-interacional postulada por Rabatel (2009; 2016) e Cortez (2011).

2.3.2 O ponto de vista como pistas textuais que identificam fake news

Na obra de Alain Rabatel (2016), intitulada *Homo Narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa, o autor inicia a discussão destacando a sua proposta de abordagem enunciativa do ponto de vista, marcando, assim, uma atualização e, ao mesmo tempo, uma expansão dos estudos proeminentes da abordagem imanentista da narrativa. Desse modo, a abordagem de Rabatel foca numa perspectiva mais interacionista e pragmática do estudo narrativo. Segundo o autor, a ruptura com a abordagem narrativa não se configura um abandono total aos estudos narratológicos, mas convida-os a compor os novos traços teóricos propostos pelo autor que objetivam “apreender, mais finamente, o jogo interacional dos personagens (teorias das interações), bem como os fatores envolvidos na narração (análises pragmáticas dos atos de discurso, do apagamento enunciativo, da argumentação direta e indireta)” (RABATEL, 2016, p. 16).

Ao retomar o título da obra, Rabatel (2016) faz uma reflexão acerca da expressão “*Homo Narrans*”, do latim “homem que narra”, apontando que este homem que narra, não o faz “descarnado” do seu papel, como um mero canal, mas sim como um homem dotado de um “um corpo, um tom, um estilo, uma inscrição em uma história (em todos os sentidos do termo), gostos e desgostos, posições assumidas que só existem por intermédio da maneira de criar mundos e personagens” (RABATEL, 2016, p. 17), sujeito que está sendo constantemente atravessado, não só porque narra, mas porque participa de uma narração,

como processo dialógico. Ao participar dessa tarefa, o sujeito traz a marca da subjetividade, tão cara aos estudos do PDV. Desse modo, Rabatel (2016) destaca a importância de considerar esse sujeito não mais “descarnado da língua”, mas como participante ativo dessa. Para isso, é fundamental considerar a sua relação com o que diz, com o mundo que o circunscreve e com os outros enunciadores que o atravessam e que por ele são atravessados.

Cortez (2011), ao dialogar com Rabatel (1997), traz um importante panorama acerca do que se entendia por focalização, e mostra como esse conceito influenciou para o que hoje entendemos como ponto de vista. Os autores asseveram que, durante muito tempo, o estudo da focalização se limitou à recriação da realidade, em especial no âmbito dos estudos literários, a partir da perspectiva narratológica de Gennete. Desse modo, a focalização era “encarada como um instrumento a serviço do realismo, para o qual a mimese e o verossímil são questões cruciais” (CORTEZ, 2011, p. 31).

Rabatel (1997) e Cortez (2011) problematizam o enfoque dado nos estudos narratológicos, em que viam a focalização comprometida, unicamente, com a representação verossímil da realidade. Rabatel, ao se contrapor a essa perspectiva realista, embora não desconsidere a representação do real como um dos modos de ação da focalização, destaca que essa é apenas uma das inúmeras possibilidades que a focalização pode assumir no discurso.

Ao refletir sobre a perspectiva de focos narrativos, Rabatel (1997) traz à tona a sua proposta acerca dos estudos do PDV, alargando e refinando as reflexões de Gennete, para dizer que os focos narrativos “se imbricam, se autorreferem, se conjugam e assim se individualizam por graus diferenciados de manifestação da subjetividade” (CORTEZ, 2011, p. 32). Sobre esse refinamento teórico, Cortez destaca que Rabatel propõe compreender o PDV não apenas sob

[...] uma questão de foco ou de ângulo de visão na narrativa, ou seja, não se limita à posição interna ou externa que alguém ocupa [...] também não se limita a um procedimento realista de verossimilhança relativo ao olhar do personagem e/ou narrador. **O PDV envolve representação, sendo resultado de uma elaboração conceitual (sociocognitiva e discursiva) que conecta o sujeito focalizador ao objeto de conhecimento**, particularizando um recorte social, histórico e ideológico da realidade ou do conteúdo interpretado (CORTEZ, 2011, p. 34-35, grifo nosso).

Nesse caminho, Cortez (2011) destaca que Rabatel, ao propor uma teoria do PDV, contrapõe-se a uma ideia de objetividade, de neutralidade do objeto representado, visto que, ao lidar com esse objeto de discurso, o locutor-enunciador (doravante L1/E1, nomenclatura proposta por Rabatel) age sobre ele, reconstruindo-o a partir da sua posição sociodiscursiva, do contexto, do gênero utilizado e do seu propósito comunicativo. Desse modo, quando o

L1/E1 opera, mesmo que minimamente no seu texto, ainda assim, ele evidencia pontos de vista, visto que o PDV “guia a interpretação e a referência ou simplesmente um modo de contar os fatos, de apreendê-los e orientá-los argumentativamente” (CORTEZ, 2011, p. 33). Essa perspectiva aproxima-se, portanto, da defesa de Cavalcante *et al.* (2020), em diálogo com Amossy (2017), de que todo texto/discurso é marcado por um caráter argumentativo. Seja em que grau for, a argumentação é um elemento constitutivo de todo enunciado.

Nessa direção, Rabatel (1997) assevera que todas as escolhas operadas no texto/discurso reverberam em modos particulares de compreensão e reelaboração da realidade, e são motivadas por intenções que sinalizam para estratégias argumentativas que guiam o texto. Isso destaca o fato de que “A referência não é jamais neutra, mesmo quando os enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o menos possível” (RABATEL, 2016, p. 104). A nós leitores, é-nos permitido identificar esses modos particulares do L1/E1 a partir de diversos mecanismos textual-discursivos; seja a escolha do gênero do discurso, sejam as escolhas lexicais e nominais, seja a mobilização de outros discursos reportados, por outras perspectivas. Tudo isso evidencia que toda escolha envolve um PDV, e que essa escolha tem

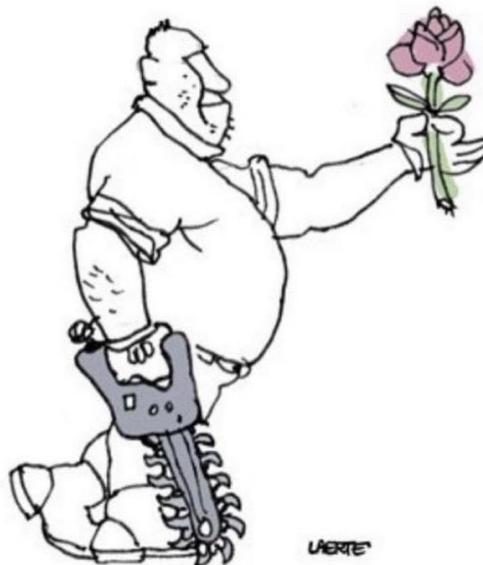
[...] uma memória discursiva que não apenas situa o PDV no entorno sócio-histórico do qual ele emerge, mas também o faz dialogar com outras perspectivas consoantes ou dissonantes. **O PDV é por natureza dialógico**, pois se constitui necessariamente no cruzamento de perspectivas. Essa “**heterogeneidade constitutiva**” engloba tanto a relação narrador-personagem (relação intradiscursiva), como a relação com o leitor/interlocutor (CORTEZ, 2011, p. 35, grifos nossos).

Cortez (2011) destaca que todo texto/discurso comporta PDV, mas que esses não são dados ao leitor, isto é, não são apreendidos quando o enunciado é processado. Se estamos situados numa perspectiva sociocognitiva e interacional de texto, que compreende este como um acontecimento, um evento comunicativo, experimentado a cada vez que é processado, complexo e dinâmico, logo a relação dos interlocutores com esses textos não pode se dar na contramão, isto é, de modo mecânico e simplista. Assim, o leitor, ao acessar o PDV construído no texto, confronta-o com o seu PDV e, como fruto dessa interação, que pode se dar por meio da aceitação do PDV ou da sua recusa, este é reelaborado. Ora, se um leitor, ao interagir com um texto, depara-se com um PDV com o qual não se coaduna, é esperado que ele o confronte, submeta-o a outro PDV, a partir de uma hierarquização, e, a partir desse gerenciamento, possa manter ou ressignificar o seu próprio PDV.

Essa inter-ação marca o dialogismo próprio do PDV. Como vimos, o PDV é um fenômeno dialógico, uma vez que o L1/E1, ao construir o PDV no discurso, o faz sempre permeado por outros PDV. E, ao conclamá-los ao texto, refuta-os, seja assumindo-os, integralmente, ou em partes. De todo modo, esse atravessamento colabora para a construção do seu PDV, representando, com isso, a sua identidade, as suas crenças, seus valores, suas vivências, visto que o fator dialógico do PDV permite-nos chegar à manifestação subjetiva de L1/E1. Ao elencar PDV de outros, L1/E1 assume posições frente a eles, elenca aquele mais importante, aquele menos importante, faz, portanto, todo um gerenciamento, demonstrando, com isso, a sua responsabilidade (ou a falta desta) frente ao que é construído textualmente. Desse modo, “o dialogismo na expressão do PDV consiste em dialogar sob o olhar do outro e sob seu próprio olhar, fazendo com que a manifestação da subjetividade se realize nesse diálogo de L1/E1 com ele mesmo e com os outros enunciadore” (CORTEZ, 2011, p. 67).

Vejamos o exemplo de uma tira publicada pelo perfil “@LarteGenial”, via *Instagram*. Trata-se de um texto da artista Laerte Coutinho, publicado no dia 08 de março de 2023. A publicação concentra mais de 14 mil curtidas, e mais de 150 comentários de seguidores da página, demonstrando, com isso, um significativo impacto nas redes. Por ter sido publicada no dia 8 de março, data que alude ao Dia Internacional da Mulher, o texto traz, portanto, essa temática. Vejamos a imagem a seguir:

Figura 5 - Tira “feliz dia da mulher”



Fonte: Página @LarteGenial (2023)²⁶.

²⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cphj7Nqu-C9/>. Acesso em: 8 jun. 2023.

Na imagem 5, o gênero charge é constituído exclusivamente por linguagem não verbal. Dito isso, aos analisarmos os seus aspectos visuais, temos como tópico central a representação de uma figura masculina. Este personagem traz em uma das mãos erguidas uma rosa e, na outra, uma serra elétrica. Temos, portanto, a introdução referencial via linguagem imagética do “homem”, como aquele que, no dia internacional da mulher, assume uma posição romântica, oferecendo uma rosa, ocultando, assim, a sua ~~outra~~ faceta violenta, representada, no texto, pela serra elétrica, que se encontra na sua outra mão, em posição de menos destaque frente à flor. Essas informações que estão na superfície do texto se ancoram ao contexto sócio-histórico, isto é, situado em um país em que, a cada quatro horas, uma mulher é vítima de violência doméstica²⁷. Essa interação contextual é indispensável para a construção dos sentidos do texto.

O objeto de discurso “rosa”, comumente atrelado à mulher, em especial na data comemorativa ao seu dia, em que as vendas desse objeto passam a ser bastante intensificada, traz à tona a prática cultural de dar flores às mulheres na data do Dia Internacional da Mulher, o que é reforçado pela publicação, na rede social da artista, na data correspondente. Esse símbolo ocupa posição contrária a serra elétrica, pois, enquanto esta reconstrói, simbolicamente, os diversos abusos e violências sofridos pelo sexo feminino, aquele retoma, supostamente, o afeto e a admiração dos homens frente às mulheres, mesmo que, muitas vezes, apenas presentes nessa data comemorativa. O texto, portanto, ao fazer esse jogo de sentidos, violência *vs* afeto, constrói uma crítica social, que pode tanto ser direcionada à violência doméstica, que não pode ser esquecida, mesmo no dia da mulher, pois se trata de uma pauta alarmante e urgente, quanto à hipocrisia do homem que com uma mão bate e com a outra afaga.

No exemplo, temos, portanto, organizados pelo locutor/enunciador-primeiro os seguintes PDV: o discurso machista e violento do homem *vs* o discurso de redenção do homem, sustentado a partir do discurso capitalista amparado na data. Ao mobilizar esses dois PDVs conflitantes, L1/E1 dialoga com o seu próprio PDV, isto é, com a sua crença a respeito dessa data e da atitude de homens frente a ela. É resgatada, portanto, a figura masculina, que acaba funcionando no texto como um enunciador-segundo, que é representada pelo personagem, e que, de toda forma, poderia representar qualquer homem que pratica violência contra a mulher nos dias atuais. Como L1/E1 é uma mulher trans, a representação dessa figura

²⁷ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/no-brasil-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-cada-quatro-horas>. Acesso em: 8 jun. 2023.

masculina do personagem passa por sua ótica, tanto como mulher que vivencia a violência, quanto como alguém que é agraciado por “flores” no dia da mulher.

Esse exemplo demonstra o que anteriormente discutimos, isto é, o fato de que todo PDV é dialógico, pois está constantemente em interação com outros PDV. Na imagem 5, L1/E1 tece uma crítica à hipocrisia que circunscreve a figura masculina, ora como aquele que violenta, ora como aquele que afaga. Essa crítica revela, portanto, do PDV de L1/E1, mas só faz sentido quando inter-relacionada a outros PDV, que no exemplo, são conclamados para tecer uma das possíveis trilhas de sentidos do texto. Desse modo,

Enquanto representação de falas, pensamentos e percepções, o PDV é atravessado por uma tensão dialógica, a partir da qual emerge o PDV de L1/E1. Esse enunciador, ao gerenciar as posições, marca o seu lugar no discurso, por uma postura enunciativa em simetria ou dissimetria em relação aos demais enunciadores (CORTEZ, 2011, p. 85).

Desse modo, reiteramos que L1/E1, da imagem 5, ao representar o seu PDV e o PDV de outros, no caso em dissimetria, uma vez que não coaduna com a visão comercial de dar flores no dia das mulheres, e, nos demais dias do ano, praticar violência contra ela. Ao fazer isso, L1/E1, o faz de uma maneira estratégica, e essas ações corroboram o que defendemos aqui, isto é, todas as escolhas são intencionais e estão intimamente interligadas à orientação argumentativa do texto.

Como observado por Rabatel (1997) e Cortez (2011), o PDV não necessariamente pertence a um L1/E1, pois ele pode se reportar a um outro E2. Essa remissão pode, em muitos casos, ser autorizada ou não. No entanto, compreendemos que, mesmo quando um locutor-enunciador-primeiro reporta um discurso de outrem, ainda assim, opera sobre essa seleção, optando, por exemplo, por qual discurso reportar, a qual trecho desse discurso se deve dar destaque etc. Ao fazer isso, L1/E1 age sobre essa reportagem, colocando, nesse ato, marcas estratégicas que dão sustentação ao seu PDV.

É comum, em *fake news*, vermos casos de imputação a um discurso de outro, e, nesse processo, L1/E1 seleciona trechos que, retirados do seu contexto, comprometem o seu sentido, abrindo possibilidades para outras interpretações que não aquela proposta inicialmente por seu locutor/enunciador de origem. Reiteramos que essa ação é estratégica e está comprometida com o PDV do L1/E1, que, ao fazer essa deturpação, busca reforçar o seu PDV, mesmo que para isso realize uma distorção dos fatos.

A relação entre o locutor e seus enunciadores marca outra característica do dialogismo do PDV, pois, quando o locutor-enunciador, ao exprimir o seu PDV, o faz

direcionando-o a si, temos, um gerenciamento que marca o diálogo do L1/E1 com o seu “eu”, o que Rabatel denomina de autodiálogo; já quando o faz reportando-se ao outro, há o que Rabatel chama de heterodiálogo. Em todas as situações, a representação do PDV ressalta a constante interação de L1/E1 consigo, e/ou com o outro. Nas *fake news* essas categorias se sobressaem. É perceptível, por exemplo, o modo como o L1/E1 gerencia falas para sustentar o seu PDV. Ora, reportando-se a outros enunciadores, estes utilizados enquanto uma voz legítima, para, assim, dar um viés de credibilidade ao que ali está sendo posto; ora colocando-se no texto, a partir de marcas textuais que indicam seus valores, crenças e ideologias. Desse modo, as categorias de autodiálogo e heterodiálogo são caras para este estudo e são melhor observadas na análise do *corpus* deste estudo.

Outrossim, Cortez (2011) destaca que a construção do PDV é de suma importância para a coerência textual, pois, quando o leitor se depara com o(s) PDV no texto, ele assume um papel de co-participante, ao preencher as lacunas e construir os sentidos dos textos. Entretanto, “esse sentido não implica ‘o’ sentido do texto nem uma adesão ao PDV do texto, mas uma reelaboração por parte do leitor. O leitor reinterpreta os PDV apresentados pelo texto à luz de seus conhecimentos e do seu próprio PDV” (CORTEZ, 2011, p. 35). Por isso, enfatizamos que o PDV, além de ser heterogêneo e dialógico, torna-se um importante elemento para a construção dos sentidos dos textos.

A respeito disso, Cortez (2011) elucida que “[...] essa inter-relação entre produção e compreensão atravessa a construção textual do PDV” e coloca o leitor como “coenunciador” do texto. Assim, o PDV tanto orienta o percurso interpretativo do texto, quanto se destaca na construção de sentido realizada pelo leitor. Cortez (2011) pontua alguns elementos textuais que colaboram para a construção do PDV, a saber: a “seleção lexical, tempos verbais, operadores argumentativos, negação, nominalizações, recursos modalizadores, marcas de modalização autonímica, formas do discurso reportado etc” (p. 36). Desse universo mencionado por Cortez (2011), neste estudo, ater-nos-emos às formas nominais, sejam anafóricas ou predicativas, que podem aparecer a partir de escolhas lexicais, nominalizações, reportação e *prise en charge* (doravante PEC).

É nesse limiar que a teoria do PDV se encontra com a teoria da referenciação. A partir da análise desses objetos de discurso, podemos chegar à construção do PDV como um recurso estratégico em *fake news*. Rabatel (2016) destaca que “[...] A referenciação dos objetos do discurso é articulada com a maneira com que o locutor/enunciador posiciona-se em seu discurso” (RABATEL, 2016, p. 77), e essas escolhas, ou a maneira como esses objetos de discursos são elaborados e apresentados no texto, funcionam como um componente essencial

na construção textual e discursiva do PDV. Nesse sentido, o modo como o L1/E1 articula os referentes no texto, sinaliza a sua posição frente ao que ali é construído, o que evidencia, portanto, o seu PDV.

Mais do que observar como L1/E1 modaliza a construção de objetos de discurso no seu texto, é importante observar também o modo como ele articula essa construção. Afinal, esse gerenciamento textual permite identificar como L1/E1 o articula, seja em sincretismo com os enunciadores-segundos (E2) e/ou se posiciona frente ao que é exposto, isto é, em acordo, desacordo ou omissão. Em *fake news*, percebemos que L1/E1 ou mantém simetria com o que é dito, ou mantém desacordo, não sendo comum à sua omissão frente aos fatos apresentados. Outra questão a destacar é o fato de que, ao se reportar a discursos outros, é recorrente o modo como L2/E2 tem o seu discurso deturpado, com a finalidade de servir ao propósito enunciativo de L1/E1, o que traz uma reflexão acerca da proposta de Rabatel. Isto é, Rabatel trata do discurso reportado de outros enunciadores, mas quando essa imputação é deturpada? Quando esse L2/E2 é representado de um modo falso? Acreditamos que essa prática está para além de uma remissão não-autorizada, configurando-se mais como uma característica própria de discursos falsos. Nesse sentido, pensamos que essa discussão, melhor desenvolvida em nossa análise, traz contribuições para os estudos do PDV.

Nesse caminho, as categorias de responsabilidade enunciativa, que implicam PEC e imputação, são importantes para análise das *fake news*.

A respeito do conceito de responsabilidade enunciativa, Rabatel associa-o ao conceito de *prise en charge*, que se insere no guarda-chuva amplo da responsabilidade enunciativa, sendo a PEC um tipo de responsabilidade enunciativa que funciona em um nível mais local do texto, enquanto a responsabilidade enunciativa opera em um nível mais global, envolvendo outras importantes operações enunciativas.

Nessa direção, PEC refere-se a um PDV assumido por L1/E1, responsabilizando-se, integral ou parcialmente, por este, o que implica os conceitos de autodiálogo, isto é, quando L1/E1 assume o PDV e o rearranja a partir de sua percepção; já quando retoma a outro PDV e coloca-se junto a ele, faz-se presente o conceito de heterodiálogo. Já quando L1/E1 traz ao seu texto outros PDV, eximindo-se de assumi-lo como seu, o faz a partir da imputação, que pode se dar em comum acordo, desacordo ou neutralidade, o que marca apenas o conceito de heterodiálogo. Desse modo, ao recorrer à imputação, o L1/E1 “assume a imputação (o ato de atribuir), mas não o conteúdo da imputação, porque esse conteúdo perceptual é atribuído a outro enunciator (pertence ao outro)” (CORTEZ, 2011, p. 78).

De todo modo, as escolhas discursivas gerenciadas por E1/L1, seja de PEC, seja de imputação, evidenciam modos como o locutor quer fazer ver o seu PDV, e isso está intimamente ligado à orientação argumentativa vislumbrada pelo locutor. Em todas as situações, L1/E1 opera escolhas, reorganiza PDV, hierarquiza-os, opera estratégias discursivas na construção do seu PDV, evidenciando aquilo que quer se mostrar ao outro. Essas escolhas e seus respectivos gerenciamentos marcam o lugar do locutor frente ao seu discurso, em que ora assume uma postura enunciativa de simetria, ora o faz a partir da dissimetria. Em todos os casos, o PDV é sempre estratégico e o modo como é construído discursivamente reverbera para isso.

Dito isso, destacamos que os conceitos de responsabilidade enunciativa, em especial, PEC e imputação, somados aos conceitos de autodiálogo e heterodiálogo, são categorias que recorreremos do PDV, que serão cuidadosamente observadas na seção de análise de *fake news*, pois, a nosso ver, essas estratégias discursivas que E1/L1 opera podem comprovar marcas textuais próprias ou recorrentes em *fake news*, isto é, o modo como E1/L1 lida com a manutenção do seu PDV, a partir desses conceitos de autodiálogo, heterodiálogo, PEC e imputação, pode trazer luz para os estudos que buscam compreender melhor a natureza constitutiva das *fake news*. Vemos melhor como essas categorias funcionam em *fake news* na seção de análise.

Por fim, é importante asseverar que nas *fake news* publicadas em redes sociais, percebemos que o posicionamento acerca dos fatos retratados não só é saliente a partir da seleção de objetos de discurso, mas sim perpassa todo o compósito de gêneros ali envolvido, desde a *bio*²⁸ da página, até as cores e as imagens escolhidas para compor o perfil. Com isso, retomamos o que afirma Macedo (2018), em diálogo com Paveau (2017), ao destacar que é preciso, portanto, considerar tanto os aspectos linguísticos, como também a sua relação com os outros textos e elementos presentes no compósito, bem como as relações referenciais que se dão, como sugere Matos (2018), por via de redes referenciais. Destacamos, portanto, que a análise dos dados busca contemplar os aspectos tanto linguísticos quanto os aspectos linguageiros próprios do ambiente digital.

A seguir, apresentamos o percurso metodológico desta pesquisa.

²⁸ *Bio* é uma seção do perfil, comum em redes sociais, reservada para se inserir informações relevantes sobre o usuário. Nesse espaço, o usuário pode apresentar uma breve descrição, informações de contato, hashtags, emojis etc.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa dialoga com o pensamento complexo, por compartilhar da perspectiva de que somos indivíduos incompletos que se constroem ao longo da relação com o mundo, em múltiplas dimensões. Assim sendo, não nos propomos a “dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões” (MORIN, 1998, p. 138), em uma articulação constante que nos permita chegar a uma melhor compreensão do todo.

Devemos considerar que, ao longo do percurso de estudo, estamos suscetíveis a sofrer interferências que podem influenciar diretamente os resultados. Segundo Demo (2014), essa “desordem” caracteriza-se como um “caos estruturado”, uma vez que, ao lidarmos diretamente com a realidade e esta sendo complexa, assim como o próprio pesquisador, não podemos delimitá-la, visto que os sistemas complexos são marcados pela imprevisibilidade e pela não-linearidade, mas podemos melhor compreendê-la na sua dinâmica em curso.

Diante do exposto, esta seção tem como função apresentar o tipo e a natureza da pesquisa, os procedimentos adotados e os instrumentos de coleta de dados que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa e método

Esta pesquisa, como já mencionado, investiga a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização.

Quanto ao tipo de pesquisa que nos possibilita chegar a tal objetivo, Gil (2008) destaca que há três grupos de pesquisas a partir de cada objetivo proposto. O autor pontua os seguintes agrupamentos de pesquisas, a saber: exploratórias, descritivas e explicativas. Neste estudo, adotamos a pesquisa descritivo-explicativa, pois tanto realizamos uma descrição minuciosa dos fenômenos elencados para a análise, no caso as *fake news*, como também identificamos e explicamos os fatores textuais que contribuem para a edificação desses fenômenos escolhidos. Essa associação, a nosso ver, torna a pesquisa mais complexa, mas ao mesmo tempo mais abrangente. Sobre essa relação, Gil (2008) enfatiza que “Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre

variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa” (p. 28).

Além disso, esta pesquisa utiliza-se do método indutivo, que, segundo Gil (1999), configura-se como um modo científico que coloca a observação como elemento fundamental, isto é, necessário para o fazer científico, método que se coaduna com o tipo de pesquisa realizada. Outrossim, neste método, busca-se, primeiramente, identificar os dados particulares que são pertinentes para o desenvolvimento científico, para, em seguida, partir para a sua observação, a fim de compreendê-los e compará-los frente aos seus aspectos mais gerais.

Entendemos que, para chegarmos aos dados escolhidos e sua respectiva análise, precisamos, primeiramente, percorrer um contínuo processo de estudo teórico, a partir da leitura, fichamento e anotações de dissertações, teses e demais textos teóricos que tratem, em especial, da base teórica deste estudo, a saber: o ponto de vista e as redes referenciais. Por isso, este estudo também supõe alguma varredura bibliográfica (GIL, 2008).

Com relação à natureza da pesquisa, esta se alinha a uma abordagem qualitativa, sob um viés interpretativista, que foca na reflexão e na compreensão do fenômeno e da análise dos dados provenientes deles. No entanto, é importante frisar que qualitativo e quantitativo se interrelacionam, pois, assim como Demo (2014), compreendemos que um provém do outro, em uma relação colaborativa.

3.2 Delimitação do universo e da amostra

No universo digital, há inúmeros gêneros discursivos que trazem em seu conteúdo informações falsas sobre os mais diversos assuntos. Podemos mencionar, por exemplo os vídeos, as postagens, as mensagens e correntes de *Whatsapp*, as notícias de sites ou as postagens informativas etc. Diante dessa diversidade de apresentação das *fake news*, elencamos, para esta pesquisa, os dois gêneros textuais, a saber: os *tweets* e as mensagens instantâneas retiradas de redes sociais, como o *Twitter* e o *Telegram*. A escolha desses gêneros se justifica devido à relativa facilidade de acesso, comparada aos demais textos, ao longo da coleta de identificação de *fake news* nessas respectivas redes sociais.

Quanto ao seu conteúdo temático, focamos nas *fake news* que tratem do tema da vacina da Covid-19, e que foram publicadas no período entre 2020 e 2022, momentos que correspondem ao período especulativo acerca da possível vacina, e ao contexto em que a vacina foi anunciada e pode, finalmente, ser acessível à sociedade. Não obstante, somam-se a essa temática, textos falsos que tratam do cenário político brasileiro, em especial sobre o

período eleitoral. Optamos por esses dois temas, uma vez que esta pesquisa transitou em dois períodos importantes do país, a pandemia do Covid-19 e o turbulento período eleitoral de 2022, o que nos mostrou textos potenciais que serviriam para nossa análise. Desse modo, acolhemos o universo textual que nos surgiu e optamos, assim, pela ampliação do tema dos textos em análise, o que, ao final, mostrou-se bastante pertinente.

Entendemos, ao longo do processo desta pesquisa, que identificamos diversos textos falsos em diversas páginas, em diversas redes sociais, tais como o *Twitter*, *Youtube* e *Telegram*, por exemplo. No entanto, ao longo do percurso, muitas páginas saíram do ar, fazendo com que muitos enunciados elencados para a pesquisa se perdessem. Desse modo, diante dessa dificuldade que se edificou ao longo da pesquisa, decidimos utilizar os textos que já tínhamos coletado e que já havíamos analisado ao longo deste escrito.

Percebemos, não obstante, que os textos falsos surgem como um viral, assim como muitos desaparecem na mesma velocidade, tornando-se um desafio ao fazer científico. Assim, primeiramente, havíamos optado por utilizar apenas textos que tratassem da temática da vacinação da Covid-19, no entanto outros textos que julgamos pertinentes e que tratavam da temática do cenário político brasileiro, em especial do período eleitoral, também se mostraram frutíferos para esta pesquisa, passando, portanto, a compor a nossa análise e nossa temática. Outrossim, inicialmente focamos em uma página da rede social *Twitter*, no entanto, vimo-nos diante de um problema, visto que a página elencada saiu do ar, retornando posteriormente.

Desse modo, diante dessa problemática, resolvemos utilizá-la a nosso favor, ao optarmos por trabalhar com uma amostra de textos que já havíamos elencado, dos mais diversos espaços, e dos gêneros *tweets* e mensagem instantânea. Acreditamos que perpassar diversos espaços do ambiente digital não seria um problema, mas sim traria para esta pesquisa uma diversidade de textos e ecossistemas que nos permitiriam compreender como as *fake news* transitam nos múltiplos espaços, observando como essa variedade evidencia marcas próprias desses fenômenos discursivos.

3.3 Descrição do procedimento de seleção e coleta de dados

Para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, é necessário o uso de procedimentos e instrumentos que estejam em consonância com os estudos teóricos utilizados, bem como suportes que subsidiem uma discussão e reflexão acerca das questões que envolvem a investigação. Dessa forma, em nossa investigação, buscamos, primeiramente,

desenvolver as principais fases de uma pesquisa bibliográfica, a saber: a) levantamento bibliográfico; b) leitura e discussão do material; c) fichamento; d) seleção e organização do material coletado. É importante ressaltar que esse percurso não aconteceu de modo linear e isolado, mas perpassou todo o percurso que envolveu a nossa investigação.

Quanto ao espaço de circulação das *fake news*, recorremos a duas redes sociais, a saber: o *Twitter* e o *Telegram*. Isso se justifica pelo fato de que, ao longo de nossa seleção de textos, termos percebido uma grande diversidade de páginas e grupos que compartilhavam notícias falsas sobre a vacinação e sobre as eleições. Ademais, quanto ao *Telegram*, essa rede social, entre todas as demais, evidencia ainda um lento processo de fiscalização e de controle de notícias falsas, chamando, portanto, nossa atenção. Na busca, identificamos diversos grupos que compartilhavam notícias falsas sobre os mais diversos temas. Desses, optamos pelo grupo Reações Adversas, por se tratar de um grupo que focava apenas no tema da vacina da Covid-19, comparado, por exemplo, aos demais grupos que tratavam de temas diversos. Desse modo, transitamos pelos dois *locus* necessários a esta pesquisa: grupos disseminadores de *Fake News* sobre a vacina da COVID-19 e grupos disseminadores de *Fake News* sobre o cenário político da época.

No primeiro momento, identificamos algumas páginas de notícias falsas; em seguida, acompanhamos as suas postagens, o que nos permitiu imergir nesse contexto; por fim, diante de toda a amostra, filtramos aquelas que tratavam da vacina do Covid-19, bem como do cenário político brasileiro, em especial das eleições de 2022. Diante dessa amostra, elencamos os textos que já eram comprovadamente falsos, seja por meio de comparações e pesquisas nossas, seja através de sites de *fact-checking*. Ainda na coleta, demos importância para as *fake news* de maior engajamento social, o que, a nosso ver, representa uma maior ameaça devido ao seu alcance. Para isso, observamos os recursos interacionais típicos dessas redes sociais, tais como: as curtidas, os compartilhamentos, as interações, os comentários etc.

No primeiro momento, selecionamos 20 *fake news* retiradas de redes sociais. Dessas elencamos 7 textos que compõem nossa análise, a saber: 2 *tweets*, interações de usuários com esses respectivos *tweets*, ambos da rede social *Twitter*, 2 mensagens instantâneas via *Telegram* e 1 vídeo-falso do *Youtube*. Soma-se a essa amostra 1 notícia verdadeira publicada no site CNN Brasil, totalizando 8 textos analisados.

Do universo composicional que envolve as *fake news*, buscamos aquelas que compunham-se por linguagens verbais e visuais, e que se revestiam de textos informativos. Optamos por esses tipos de *fake news*, por acreditarmos que são mais nocivas, uma vez que se

camuflam de textos informativos para potencializar o seu propósito argumentativo, isto é, o de propagar inverdades.

Por fim, destacamos que, embora a internet seja um universo amplo, funcionando como um labirinto de interconexões, conseguir identificar os caminhos que nos levassem aos dados almejados foi desafiante, mas não se tornou um impedimento para a nossa pesquisa, pois, como já evidenciado, essas dificuldades nos colocaram diante de uma amostra diversificada, permitindo-nos compreender essas práticas discursivas falsas nos mais variados espaços e nas mais diversas interações, tornando, com isso, esta pesquisa mais rica.

A partir desse recorte do universo em que se encontram as *fake news*, partimos para a análise e a observação dos dados particulares obtidos, para, assim, chegarmos a conclusões gerais. Buscamos, nessa amostra selecionada, investigar a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização para a construção do ponto de vista.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

Os dados são analisados à luz dos pressupostos teóricos elencados para este estudo, e já mencionados no estado da arte. Utilizamos categorias que tratam da construção do ponto de vista e que marquem posicionamentos acerca dos fatos noticiados. Essas marcas, a nosso ver, diferem um *tweet* informativo verdadeiro de um *tweet* informativo falso, pois percebemos neste último marcas textuais que evidenciam a sua identificação. Chegar a esta conclusão só nos foi possível a partir das categorias elencadas.

A pesquisa é dividida em três momentos, a saber: a) A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*. Neste momento, elencamos três categorias de análise: a observação do contexto digital (MARTINS, 2018), as estratégias referenciais, com foco nas introduções referenciais e nas anáforas recategorizadoras e as relações intertextuais. O segundo momento, deve-se a: b) As relações referenciais e a construção do PDV do locutor-enunciador primeiro, em que analisamos a construção do PDV, a partir da abordagem enunciativo-interacional de Rabatel (2009), a partir de escolhas referenciais. Retomamos, portanto, as duas categorias de análise do tópico anterior, a saber: as introduções referenciais e as anáforas recategorizadoras, somando-se com as duas categorias da abordagem de Rabatel (2009), a imputação e a PEC. Neste momento, retomamos o construto teórico acerca do PDV a partir de Rabatel (2009), Cortez (2009) e Lima e Feltes

(2013). O terceiro momento, deve-se à análise da orientação argumentativa em *fake news*, a partir da Teoria da Argumentação no Discurso de Amossy (2009). Nesta, focamos na modalidade polêmica como uma das marcas que evidenciam *fake news*.

No capítulo a seguir, iniciamos a análise de nosso *corpus*.

4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DO PDV EM *FAKE NEWS*

A amostra desta pesquisa é composta por um compósito de gêneros oriundos de páginas e grupos de redes sociais. No total, trabalhamos com 2 *tweets*, interações de usuários com os *tweets*, ambos da rede social *Twitter*, 2 mensagens instantâneas publicadas via *Telegram*, 1 vídeo do Youtube e 1 notícia verdadeira publicada no site da CNN Brasil, totalizando uma amostra de 8 textos publicados no contexto digital, desses, 7 falsos. Julgamos importante essa diversidade textual, uma vez que nos permite ver diversas marcas textuais, em especial, das *fake news*, nas suas mais diversas composições e espaços, enriquecendo, com isso, esta pesquisa.

Esta seção de análise está subdividida em subseções, por uma estratégia didático-metodológica. No entanto, enfatizamos que todas as subseções mantêm entre si relações e, em dado momento da análise, essas categorias se entrecruzam, se imbricam, formando o todo desta análise.

Na primeira subseção, denominada “4.1 A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*”, percorremos um caminho em volta de três principais categoriais que julgamos essenciais para a identificação de textos falsos. A primeira chama-se “4.1.1 As interações no contexto digital”. Neste espaço, discutimos como os aspectos languageiros e não-languageiros, em simetria, como proposto por Paveau (2017), interrelacionam-se e participam ativamente da construção da mentira em *fake news*. Para isso, apoiamo-nos em autores já discutidos no pressuposto teórico, com destaque para Paveau (2017), Silva-Júnior (2020), Martins (2018), Teixeira (2018) e Melo (2022). A segunda categoria de análise, denominada “4.1.2 A mobilização de estratégias de introduções referenciais e anáforas”, direciona-se a analisar como as estratégias referenciais, com foco nas introduções referenciais e nas anáforas recategorizadoras, contribuem para a edificação da mentira e como se constituem enquanto marcas textuais que sinalizam para inverdade. Para isso, dialogamos, em especial, com Cavalcante *et al.* (2022) e Matos (2018) e, no decorrer de toda a análise, traçamos também um diálogo com Cortez (2011), Custódio-Filho (2011), Cortez e Koch (2013), Cavalcante e Martins (2020) e Lima e Feltes (2013). Por fim, nesta subseção, trazemos a terceira categoria acerca das relações intertextuais, denominada de “4.1.3 As relações intertextuais”, momento em que discutimos, a partir de Cavalcante, Pinto e Brito (2018), como o diálogo entre textos colabora para a identificação e a edificação da mentira a partir do locutor.

Na segunda subseção, denominada de “4.2 As relações referenciais e a construção do PDV do locutor-enunciador primeiro”, traçamos uma discussão acerca da noção do PDV, como um conceito marcado pelo caráter dialógico, a partir da abordagem enunciativo-interacional de Rabatel (2009). Nesta direção, discutimos como a construção do PDV, a partir de escolhas referenciais, torna-se uma marca textual identitária em *fake news*, evidenciando modos particulares de ações de L1/E1. Para isso, retomamos as duas categorias de análise da subseção anterior, a saber, as introduções referenciais e as anáforas recategorizadoras, somando-se com as duas categorias da abordagem de Rabatel (2009), a saber, a imputação e a PEC. Nesta subseção, traçamos uma discussão com Rabatel (2009), Cortez (2009) e Lima e Feltes (2013).

Por fim, encerramos esta análise com a terceira subseção, denominada “4.3 A orientação argumentativa em *fake news*”. Nesse momento, discutimos, em consonância com Amossy (2018) a ideia de que todo discurso é argumentativo e, com isso, todo texto também é argumentativo (CAVALCANTE *et al.*, 2022). Defendemos que essa argumentatividade, como um princípio essencial de todo texto, pode ser corporificada a partir de diversos aspectos linguístico-textuais, tais como: a construção referencial, as relações intertextuais, a topicalização, a organização do contexto digital, as estratégias de imputação e PEC etc. Destas categorias, já anteriormente mencionadas, conclamamos a modalidade polêmica como categoria de análise, proposta por Amossy (2018). Além das duas autoras supracitadas, recorreremos também aos estudos de Macedo (2018).

Cabe reiterar que essas divisões não buscam asseverar que esses processos ocorrem de modo separado ou segmentado, uma vez que se trata de um processo altamente complexo e dinâmico. No entanto, para facilitar a análise de nossa amostra, faz-se necessária essa forma de organização. Não obstante, cabe pontuar que, embora estejam divididos em subseções, o diálogo far-se-á constante entre essas categorias durante o desenrolar desta análise.

A seguir, iniciamos a análise das marcas textuais que corroboram para a identificação de *fake news*.

4.1 A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*

Ao longo do nosso capítulo teórico acerca das *fake news* já vimos sinalizando recorrências comuns em *fake news*, que muito chamaram a nossa atenção. Nesta subseção, buscamos, portanto, trazer melhores apontamentos sobre como percebemos as *fake news* a partir de nossa perspectiva teórica, a saber: a LT em diálogo com autores e pesquisas apontados no capítulo teórico acerca das *fake news*, em especial por Silva-Júnior (2020), Teixeira (2018), Paiva (2020) e Melo (2022) e do contexto digital (MARTINS, 2018) em diálogo com Paveau (2017). Diante desse exposto, observamos três traços mais marcantes próprios das *fake news*, que são: as interações do contexto digital, a mobilização de estratégias de introduções referenciais e anáforas recategorizadoras e o processo intertextual. Vejamos como essas três marcas textuais desempenham um papel importante na edificação da mentira em *fake news*.

4.1.1 As interações no contexto digital

Como dito no capítulo teórico em diálogo com Paveau (2017), acerca da noção de simetria entre aspectos languageiros e não-languageiros, é preciso, antes de entrarmos na análise do texto em si, extraído da internet, fazermos, primeiramente, uma análise do seu contexto digital, pois, como já sinalizamos, esta é uma das marcas que apontam para a sua falsidade e está intimamente interligada à construção de sentidos desses textos. Estamos, com isso, falando dos elementos que compõem o ecossistema digital em que situam essas *fake news*, desde a *bio*, o compósito de gêneros que ali coexiste e as respectivas interações com os seus usuários. Enfatizamos que estes assumem um papel importante, tanto para engajar a desinformação, quanto para contribuir com o seu sentido a partir das múltiplas interações, como *likes*, *deslikes*, compartilhar, comentários etc.

Nessa direção, observamos que as *fake news* ganham espaço no contexto digital, pois trazem traços ideológicos que permitem ao seu público, que se encontra também nessa base ideológica, identificar-se com o que ali é exposto, por afinidade. Essa relação ecossistema digital e usuários é de suma importância, pois para que a mentira se prolifere os seguidores precisam perpetuar a sua disseminação, dando, com isso, maior engajamento ao conteúdo publicado, permitindo que chegue em mais espaços e a mais pessoas. Isso ocorre através de interações como “*like*”, “*deslike*”, “compartilhar” e, principalmente, a partir de

comentários do público, em que estes assumem um papel de coconstrução da mentira que ali vai sendo construído e perpetuada.

Se pensamos numa era tecnológica em que os números valem mais do que a qualidade do que é ofertado, é nessa rede de interações, de coconstruções e engajamento social, que as *fake news* ganham força e cumprem mais facilmente o seu propósito. Mesmo que alguns títulos pareçam mais absurdos para aqueles leitores mais críticos e atentos, ainda assim esses enunciados podem ganhar espaço e passar a ter um tom verossímil, e isso se deve também a essas redes de interações que ativamente constroem o efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2013). Isso diferencia as *fake news* de uma notícia verdadeira, por exemplo, pois, quando uma página de informações publica uma notícia, essa não o faz dependendo dos seus usuários, para que o que ali está sendo exposto ganhe *status* de verdade, espera-se, talvez, interações que deem engajamento à publicação, mas não se configurando enquanto um fator preponderante. E, caso haja algum equívoco no fato noticiado, é comum que as páginas de jornais postem uma nota de correção, o que, por exemplo, não faria sentido nas *fake news*, visto que esses equívocos fazem parte intencionalmente da tessitura textual, e são produzidos justamente com o fito de criar um efeito de verdade ao texto falso construído.

Vejamus como isso ocorre a partir do primeiro exemplar analisado. Trata-se de um *print* da página @terrabrasilnot, feito no dia 1º de fevereiro de 2022. Partimos do seu contexto digital mais amplo para podermos chegar a *fake news* e, assim, entendermos melhor como esse texto funciona em relação ao compósito em que está situado. Segundo Cavalcante e Muniz-Lima (2022), apoiadas em Paveau (2017), o compósito de gêneros é um agrupamento de textos tecnodiscursivos, marcado pelas diversas “[...] possibilidades de reunião de gêneros em um mesmo espaço físico de atualização de textos” (p. 5). Entendemos, assim como as autoras, que a relação entre os recursos digitais e o contexto em que o texto se situa contribui para a construção de sentidos do texto e, por esse motivo, precisa ser contemplada em nossa análise.



Fonte: Captura de tela da bio²⁹ do perfil do Terra Brasil Notícias no Twitter (2022).

A partir da análise do perfil, da sua *bio* e dos demais recursos tecnodiscursivos viabilizados pela rede social *Twitter*, podemos observar que a página se propõe a ser um canal de veículo de “informações” e, como o locutor-enunciador primeiro se refere na *bio* “trazer todos os fatos do Brasil e do mundo para nosso leitor” (TERRA BRASIL NOTÍCIAS, 2022, n. p.). No entanto, ainda na *bio*, o sintagma nominal “Deus acima de tudo e de todos”, ao se relacionar com o *slogan* da campanha do ex-presidente Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, demonstra que os fatos serão contados a partir de uma perspectiva ideológica, propensa a beneficiar essa figura política, o que já desperta o primeiro sinal de alerta. Não obstante, a frase utilizada pela página ainda traz um *emoji*³⁰ da bandeira do Brasil, que vem sendo bastante associada aos eleitores bolsonaristas e à direita conservadora brasileira, reforçando aspectos como o nacionalismo, o conservadorismo e o patriotismo. Todas essas informações nos ajudam a compreender que a página, embora se proponha a apresentar “informações” e “notícias”, apresentam-nas a partir de uma perspectiva unilateral, aquela que beneficia a direita brasileira e que conta os fatos a partir da sua visão. Através

²⁹ A *bio* do Twitter serve para apresentar marcas e pessoas aos usuários dessa rede social, corresponde a uma espécie de minibiografia do usuário.

³⁰ Imagem ou ideogramas que são utilizados para expressar sentimentos, emoções etc., sendo bastante comuns em trocas de mensagens eletrônicas.

dessas informações prévias, poderíamos pressupor que a página potencialmente traria informações duvidosas - fato que será confirmado adiante. Isso reforça o que já discutimos, o apontamento de que a mentira já precede a *fake news*, a partir de marcas próprias do contexto digital no qual ela surge. Soma-se a isso, a influência da escolha do gênero.

A partir de Martins (2018) acerca da cultura digital, na imagem 6, já observamos duas práticas mencionadas pelo autor, a saber: as práticas informacionais, que tratam de conteúdos disponibilizados aos leitores, e as práticas relacionais, que se referem ao modo como os usuários se relacionam em rede, como, por exemplo, na criação de uma página que disponibiliza ao público um acervo de textos, no caso do exemplo analisado, textos duvidosos e falsos, permitindo que seus seguidores se relacionem com esses. Novamente, enfatizamos que esses aspectos linguageiros já sinalizam para a mentira, uma vez que trazem marcas de identificação ideológica, apontando para o PDV de L1/E1 primeiro, no caso o dono da página. Esses aspectos certamente influenciarão na construção dos textos ali apresentados.

Partindo da observação do contexto digital da página, vejamos a seguir a *fake news* publicada no dia 30 de agosto de 2021.

Figura 7 - *Tweet* traz *fake news* acerca do ex-presidente Lula



Fonte: Captura de tela de *post* do perfil do Terra Brasil Notícias no *Twitter* (2022).

O texto da imagem 7 é um *tweet*, gênero textual que representa uma mensagem publicada via *Twitter* e que pode conter elementos tecnodiscursivos para além da linguagem verbal, tais como: fotos, GIF, vídeos e até *links* que dão acesso a outros conteúdos. Outrossim, esses textos permitem ainda interações como *retweets*, que funcionam como uma ferramenta de compartilhamento, bem como comentários e curtidas de internautas.

No *tweet* da imagem 7, tivemos, até o dia em que foi acessado, 01 de fevereiro de 2022, o total de 932 *retweets*, 159 comentários e 1.928 curtidas, dados que demonstram um considerável alcance dessa *fake news* na internet. Esses evidenciam as práticas relacionais pontuadas por Martins (2018), isto é, uma rede de nós de interações entre a própria página e os respectivos usuários que mantiveram contato com o *tweet*. É importante ressaltar que essa prática discursiva circulou também em outras redes e plataformas, como, por exemplo, no *WhatsApp*, no *TikTok*, no *Instagram* e no *Youtube*. O vídeo de que trata a *fake news* tem 100 mil visualizações no *Instagram* e 1,6 mil visualizações no *Youtube*, cujo conteúdo ainda se encontra disponível para acesso. Já no *Instagram* foi classificado pela rede social como “vídeo adulterado”, impossibilitando a sua visualização. Cabe, ainda, destacar que essa informação falsa não chegou por si só a esse enorme público, mas foi auxiliada pela cultura do algoritmo, pois esteve em evidência, por exemplo, no *Youtube*, sendo fruto, dessa forma, tanto dos algoritmos (práticas curatoriais e comunicacionais), do engajamento dos usuários (práticas relacionais), como mencionado por Martins (2018).

Como dito, no *Youtube*, esse texto teve maior espaço. Quando comparamos o modo como esse texto foi publicado em ambas as redes, *Youtube* e *Twitter*, percebemos que algumas marcas se repetiram. No *Youtube*, por exemplo, o vídeo aparece em formato de *Shorts*, seção de vídeos curtos de, no máximo, 60 segundos, com foco em vídeos verticais. A proposta do *Youtube* é uma nítida resposta ao uso de *Reels* do *Instagram* e *TikTok*, vídeos curtos que ganharam bastante popularidade nos últimos anos. Essas plataformas, portanto, buscam se adaptar e atender às demandas de usuários cada vez mais interessados em conteúdos breves, prontos para o consumo instantâneo, que não exijam muito da sua atenção e que sejam de fácil compartilhamento.

É nesse contexto de Modernidade Líquida (BAUMAN, 1999), em que os usuários cada vez mais querem usufruir de conteúdos rápidos, que não lhes exijam muito esforço e concentração, que as *fake news* ganham maior espaço. Ora, um vídeo curto de 60 segundos, recortado para atender à proposta do *Shorts* é o melhor cenário para se criar um conteúdo falso e duvidoso, o que chega inclusive a “justificar” a edição e cortes feitos pelo

locutor/enunciador do vídeo, visto que, para essa função, o vídeo integral extrapolaria o tempo máximo. Vejamos o *print* do vídeo publicado no *Youtube* a partir do perfil “Jair Tá On”, há 1 ano, em formato de *Shorts*:

Figura 8 - Lula manda recado a Pastores e padres via Youtube



Fonte: Captura de tela do YouTube Shorts³¹ (2022)³²

Temos no vídeo de origem a presença de dois títulos, o primeiro, na parte inferior, trata-se do título do vídeo denominado “Lula diz que vai ‘regular’ padres e pastores se for eleito” (@Jairtaon4529). Já o segundo é um título inserido via edição no próprio *Youtube*, que possibilita a cada usuário que publica um conteúdo modificar e inserir elementos verbais e visuais aos vídeos. Neste, temos a seguinte legenda “Lula manda recado a Pastores e padres” (@Jairtaon4529). Nota-se que, em ambos os títulos, o referente Lula é o alvo, sendo, portanto, topicalizado introduzindo o referente no texto. Percebemos que, em ambos os casos dos exemplos expostos, o cenário digital em que se encontra o texto participa da sua construção de sentido, uma vez que essas marcas tecnodiscursivas apontam posições ideológicas e

³¹ “O YouTube Shorts é um conteúdo em vídeo de curta duração e em formato vertical, focado em usuários de smartphones”. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/youtube-shorts/>. Acesso em: 12 out. 2022.

³² Imagem capturada da rede social YouTube, no YouTube Shorts do canal Jair tá on, em 12 de outubro de 2022.

políticas que antecedem a mentira do texto. Reforçamos, mais uma vez, que essa é uma das principais marcas textuais das *fake news*.

Vejamos a seguir como os elementos referenciais, em especial a introdução referencial e a anáfora recategorizadora, auxiliam como marcas textuais que sinalizam para a mentira.

4.1.2 A mobilização de estratégias de introduções referenciais e anáforas

Partimos do pressuposto de que as escolhas referenciais nos textos operadas pelo locutor-enunciador evidenciam posições e, desse modo, não são jamais neutras ou imparciais. Cada escolha evidencia ações estratégicas adotadas por L1/E1 para atender ao seu propósito comunicativo. A partir disso, retomamos a imagem 7, com o fito de observar como as escolhas referenciais edificam os sentidos do texto e apontam o PDV de L1/E1.

Figura 9 - Reprodução da Imagem 7



No *tweet* da imagem 7, temos a seguinte mensagem: “Lula diz que vai ‘regular’ padres e pastores se for eleito: ‘vou colocar as coisas no devido lugar’; VEJA VÍDEO” (@terrabrasilnot). Percebemos, nesse exemplo, que o referente introdutório Lula é topicalizado, dando, assim, destaque à figura do político. Esse mesmo referente introdutório passa a ser recategorizado pela sua própria imagem – isto é, se partimos de uma linearidade do texto verbal para um texto não-verbal. É importante notar que a imagem que recategoriza o referente Lula o faz a partir de uma situação em que ele se encontra com uma expressão facial que denota raiva, com testa franzida, com ar de rigidez. O uso dessa imagem não se deu de modo aleatório, na verdade, contribuiu significativamente para o sentido do texto como um todo, isto é, o texto constrói a imagem de uma pessoa “raivosa, vingativa”, apontando-o para uma imagem negativa do presidente. Essa construção falaciosa e fantasiosa, contudo, reforça o conteúdo falso noticiado, uma vez que já apresenta uma personalidade de modo tendencioso, colocando-o numa categoria negativa, a partir do rearranjo textual que envolve tanto o texto verbal quanto o texto não-verbal, o que se confirma na análise a seguir.

Outrossim, observamos nessa postagem que o referente Lula está intimamente ligado a uma categoria que vai sendo construída via redes referenciais, ou seja, daquele que “regula” e “coloca as coisas no devido lugar”, no *tweet*, e como aquele que “manda um recado” a padres e pastores, no *Youtube*. Situado nessa posição ameaçadora ancorada na imagem do presidente, Lula, supostamente, dirige-se a padres e pastores, representantes de duas religiões mais expressivas no nosso país, grupos religiosos que, em sua grande maioria, apoiaram o adversário do atual presidente, o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ainda, na composição dessa rede referencial, destaca-se a posição de vítima onde são colocados os referentes “padres e pastores”, apoiadores do ex-presidente. Esses-referentes de representantes religiosos, por essa razão, estão na “mira” do atual presidente, efeito de sentido construído por meio de redes referenciais que, ao fazer um jogo de sentido entre ameaçador vs vítima, permite aos interlocutores coconstruírem os sentidos ali pretendidos. Entende-se, portanto, que “todo o jogo referencial se presta [...] a gerar efeitos pretendidos pelo projeto de dizer do locutor/enunciador primeiro” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 285).

Embora os referentes Lula e representantes religiosos ocupem posições opostas, estão intimamente interconectados na geração de sentidos do texto. É nessa direção que se torna essencial analisar os referentes dentro de redes referenciais e diante de um cenário textual de interações, pois se trata de “[...] observar as construções textuais sob o olhar do entorno interativo, na medida em que tais entidades são construídas, reformuladas e inter-relacionadas sob a negociação intersubjetiva e simbólica do cenário textual”

(CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 273). Nesse contexto, a *fake news* cria um jogo de sentidos que coloca Lula numa posição negativa por atacar (e punir) representantes de um segmento importante da sociedade. Essa construção de sentido, quando processada pelos leitores da página, passa pelo seu desempenho na edificação do sentido, visto que, ao interagirem com esse texto, podem ou não coconstruir o sentido ali pretendido, expandindo-o e/ou disseminando-o. Um dos modos mais eficientes de fazer isso é por meio dos comentários.

Nesse cenário textual, ao observarmos o modo como o referente Lula é, negativamente, construído no texto, seja pela posição que assume, seja pela imagem negativa escolhida para recategorizá-lo, percebemos que há um jogo referencial muito específico que dá sustentação à mentira construída, mas que só faz sentido quando associados aos outros elementos interacionais próprios da página, como a *bio*, os demais textos que compõem o compósito de gêneros etc., funcionando, assim, como marcas textuais que sinalizam para a mentira. Outrossim, no próprio texto há outros recursos textuais que, somados a esse jogo referencial, colaboram para a identificação da *fake news*, por exemplo, a inadequação no uso das aspas, o sinal de ponto e vírgula utilizado para encerrar o período, e a chamada “VEJA VÍDEO” não seguida de pontuação. Esses elementos formais, embora mais explícitos para a sinalização da mentira, não podem ser desconsiderados, pois também se tornam marcas textuais que evidenciam a mentira produzida no *tweet*, pois se trata de inadequações de formatação, ausência de revisão textual etc., demonstrando, com isso, que o locutor não teve um cuidado, tão comum em textos informativos, na construção do texto, passando um ar de informalidade.

Embora estejamos diante de todas essas marcas textuais que, por si sós, já sinalizam para a mentira, recorreremos ao site de *fact-checking*, por exemplo o portal G1³³, e podemos, a partir disso, concluir que a *fake news* dá a entender que Lula se refere aos religiosos, representando para estes uma ameaça, enquanto no vídeo original, Lula refere-se não aos padres e pastores, mas sim, às Forças Armadas. Há, portanto, a troca do referente mencionado por Lula em seu discurso, que faz toda diferença no discurso do atual presidente, colocando-o numa posição negativa.

É importante também destacar que o fato de o locutor do *tweet* ter construído no texto uma imagem negativa de Lula é um ato estratégico. Observamos essa ação estratégica em *fake news* na subseção “4.3 A orientação argumentativa em *fake news*”. Neste momento da análise, discutimos que uma das estratégias argumentativas no discurso é a tentativa de

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/08/30/e-fake-que-lula-fez-ameaca-a-padres-e-pastores-durante-discurso-em-natal.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2022.

desqualificar a imagem do outro. Isso ocorre porque, uma das ações que L1/E1 pode fazer para construir o seu PDV, é descredibilizar o outro que se encontra em uma posição contrária à sua, em outro eixo ideológico. Essa ação ocorre sobretudo em discursos polêmicos, uma das modalidades defendidas por Amossy (2018), que é explanada na subseção supracitada. Antecipamos, também, que não necessariamente esse descrédito precisa ser direcionado a uma figura humana, mas pode também ser associada a uma ideia, como ocorre, por exemplo, com a vacina da Covid-19. Essas ações sinalizam o dissenso próprio da modalidade polêmica e trazem eixos como: esquerda *vs* direita, ciência *vs* anticiência, vacina *vs* antivacina.

A respeito das relações referenciais, percebemos que estas tanto envolvem aspectos não-linguageiros, como também mantêm relação com a posição em que se situa o locutor-enunciador da página. Chegar ao entendimento de que Lula representa uma ameaça aos religiosos inevitavelmente atravessa toda a malha textual que ali está inserida no texto (imagem 7), pois interconectamos o referente-ameaçador Lula, recategorizado com uma imagem de aspecto rude, à ação de “regular”, mantendo uma relação direta com os referentes-vítimas “padres e pastores” e, caso “seja eleito”, representará uma ameaça a esses referentes-vítimas, uma vez que irá “colocar as coisas no devido lugar”. Com isso, enfatizamos que a construção negativa de Lula se deu em redes referenciais, na interconexão de elementos referenciais que coconstroem a imagem negativa do atual presidente, pois, como assevera Matos (2018), à medida em que esses referentes se entrelaçam no texto, “travam uma multiplicidade de relações entre si” (p. 33), colaborando, assim, para os sentidos do texto.

Como vimos na imagem 7, as evoluções referenciais se deram de modo estratégico, com o fito de difamar a imagem do político e, a partir disso, criar a mentira para ludibriar o leitor-internauta. Isso se deu, em especial, pela inter-relação dos referentes em redes referenciais, mas também pela troca dos referentes (Forças Armadas por padres e pastores), evidenciando uma marca textual recorrente e importante na construção de *fake news*. Isso fica mais evidente ao longo da análise dos demais textos elencados para esta análise.

4.1.3 As relações intertextuais

A intertextualidade é um conceito que diz respeito ao fato de que todo texto traz indícios de outros textos anteriores. Esse conceito foi cunhado pela primeira vez por Julia Kristeva (1964) e tem forte inspiração no conceito do dialogismo bakhtiniano, segundo o qual se concebe que “qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o

surgimento de outros enunciados, quer imediatos, quer distantes” (CAVALCANTE, 2020, p. 146).

Em *fake news*, observamos que essas relações intertextuais são preponderantes para a sua constituição, uma vez que seus autores partem de textos anteriores, deturpando-os, com o fito de impor uma nova versão dos fatos, através da mentira. É importante frisar que nem sempre esse diálogo entre textos se dá de modo simétrico, pois, comprometido com a mentira, o autor do novo-texto modifica os sentidos do texto-fonte, colocando este a serviço do seu projeto de dizer. Segundo Cavalcante (2020),

Em muitos textos, percebem-se indícios tangíveis de uma relação com outros, desde evidências tipográficas, que demarcam fronteiras bem específicas entre um dado texto e algum outro que esteja sendo evocado, até pistas mais sutis que conduzem o leitor à ligação intertextual por meio de inferências. (p. 146)

Para observarmos isso, retomemos a imagem 7, por meio da qual demonstramos como esse recurso é utilizado para a construção de informações falsas, uma vez que nesse exemplo exibido há uma associação direta a um texto anterior, no caso, a uma entrevista cedida por Lula, na cidade de Natal-RN. Revisitamos a imagem 7 a seguir.

Figura 10 - Reprodução da Imagem 7



Fonte: Captura de tela de *post* do perfil do Terra Brasil Notícias no *Twitter* (2022).

O *tweet* em análise, imagem 7, remete-se a um outro texto-fonte, como já dissemos, o vídeo de Lula em um evento, que passou por edição e foi recortado, desconstruindo-se seu sentido real. O vídeo-fonte mostra Lula participando de uma coletiva de imprensa em Natal e se encontra no mesmo ambiente que o vídeo falso, no caso, no *Youtube*. Percebemos que tanto o *tweet* quanto o vídeo publicado no *Youtube* recorrem ao texto da fala de Lula, modificando o seu conteúdo, ora por acréscimo, ora por omissão, como é o caso da *fake news* fabricada e apresentada na imagem 7. Esse diálogo entre-textos, a partir do processo de relações intertextuais, é uma marca essencial em *fake news*.

Cavalcante *et al.* (2022) observam que o uso de relações intertextuais é um recurso estratégico, com o fito de suprir propósitos argumentativos. O uso do vídeo deturpado e editado pelo locutor-enunciador primeiro é estratégico, especialmente porque não se cria um conteúdo inédito, mas parte-se de algo anterior, isto é, da imagem (a partir do vídeo printado) e da fala de um presidente que é oposição, facilitando o processo de construção da mentira, visto que após alguns recortes e edições, a mentira, ao partir do texto-fonte, apresenta-se revestida de uma autenticidade, pois, nesse contexto de edição, quem fala é o próprio presidente.

Na imagem 7, há pistas diretas que ligam a mentira ao texto-fonte, mesmo que haja uma associação deturpada em seu conteúdo, modificando, assim, o seu sentido. Há na verdade uma mudança do referente, como já mencionado, visto que Lula se refere em sua fala às Forças Armadas e não a padres e pastores, como o faz em *fake news* observadas. Essa mentira ainda se apoia em um *hiperlink* do *tweet* que permite ao leitor o acesso a uma notícia postada no site da página e que traz, além do vídeo adulterado, um texto com mais desinformações. Essas redes de acesso a textos anteriores editados criam um mosaico de desinformação que leva o leitor a um labirinto de mentiras, em que, a cada acesso a ele, é apresentada uma nova faceta da mentira, graças, especialmente, à relação intertextual que se dá de modo explícito, a partir das relações de copresença, que “são aquelas em que é possível perceber, por meio distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos de textos previamente produzidos, os quais são encontrados em outros textos” (CAVALCANTE, 2020, p. 147). No exemplo da imagem 7, identificamos a intertextualidade a partir da citação direta, por trazer trechos do vídeo, bem como trechos alterados da fala do presidente, inclusive sendo destacado entre aspas. Essa remissão à fala de Lula entre aspas busca dar ao texto um aspecto de credibilidade, uma vez que se recorre ao outro para sustentar a intenção comunicativa do locutor do texto falso. Há ainda uma remissão, por alusão, à figura de Lula, que é inclusive recategorizado a partir de sua imagem.

Salientamos, portanto, que identificar e analisar os intertextos presentes nas *fake news* se constitui um critério de suma importância para o reconhecimento dessas práticas de desinformação, pois a intertextualidade configura-se como um dos elementos principais desses textos, visto que, a partir da observação dos exemplos analisados, podemos observar como a relação intertextual se tornou fundamental para que a *fake news* construísse a mentira. Pensamos que, melhor do que dizer que algo foi proferido por alguém é trazer o vídeo (adulterado) com essa fala, criando, assim, um efeito de verdade acerca do que ali é noticiado. E, não obstante, o uso desses vídeos curtos em contextos digitais de agilidade e simultaneidade favorece tanto que o leitor consuma esse conteúdo mais rapidamente, como também possa compartilhá-lo com outras pessoas, tornando-o viral e atendendo aos propósitos de cunho político e ideológico dos seus respectivos autores.

Cabe destacar ainda que esse vídeo ganhou força em um contexto pré-eleições, e voltou a circular com mais destaque durante o período eleitoral de 2022. Isso demonstra que o uso das *fake news* foi uma importante ferramenta durante o governo bolsonarista para a tentativa de criar uma imagem negativa de seu principal oponente, Lula, e que essa estratégia perpassou diversos períodos que antecederam as eleições, influenciando-o, decisivamente. É importante, ainda, frisar que, diferente das eleições de 2018, em que Bolsonaro utilizou, comprovadamente, as *fake news*, o que influenciou diretamente na sua primeira vitória, esse mesmo efeito não teve a mesma força em 2022, uma vez que a Justiça Eleitoral buscou criar modos de combater a disseminação de *fake news*, implementando medidas de segurança das redes sociais. Isso, a nosso ver, ainda não foi suficiente, visto que muitas *fake news* ainda circularam no período eleitoral de 2022, prejudicando a democracia.

Como já apontamos, a “notícia” foi classificada por algumas redes de *fact-checking* como mentirosa, uma vez que o texto-fonte foi adulterado, trazendo uma informação que não corresponde ao que foi dito pelo presidente. Segundo o Portal G1, o vídeo foi recortado, afetando o discurso de Lula, que teve o seu conteúdo modificado, gerando, assim, um novo sentido, de modo tendencioso.

O texto falso presente na imagem 07 classifica-se em diversas categorias vistas na seção teórica e propostas por Claire Wardle, com discussões de Teixeira (2018). Trata-se, pois, de um conteúdo enganoso, uma vez que tem como objetivo prejudicar a imagem de outrem; traz um conteúdo falso, ao referir-se ao texto-fonte - no caso, ao vídeo da entrevista de Lula em Natal-RN -, mas com modificações que o tornam enganoso; configura-se como um conteúdo manipulado, por agir em textos imagéticos, recortado e alterado em seu sentido;

e, por fim, trata-se de uma associação falsa, ao trazer títulos e informações que não condizem com a realidade dos fatos.

Vejam os a seguir uma interação que aconteceu a partir da socialização de um usuário com o *tweet*, em que este pode interagir diretamente com o conteúdo publicado, através do recurso “*tweet sua resposta*”, disponibilizado pela rede social. Na ocasião, o comentário fica disponível no *tweet*, somando-se a outros comentários de outros usuários, como uma rede de interações sociais, ou o que Martins (2018) denomina de práticas relacionais. Há, ainda, as opções de responder um comentário de um internauta, retweetar, curtir e visualizar a quantidade de vezes em que cada comentário foi visto. Não obstante, temos a opção de compartilhar o *tweet* em outras redes sociais, como, por exemplo, o *WhatsApp*, *Instagram*, *Telegram* etc. Todas essas interações possibilitadas pela rede social *Twitter* permitem que a troca entre os usuários ocorra de modo mais dinâmico e complexo. Vejamos o exemplo supracitado na Imagem 9.

Figura 11 - Interação via Twitter 01



Fonte: Captura de tela da rede social Twitter (2022).

Na imagem 09, observamos uma resposta de um dos internautas (doravante I1) ao *tweet* original que traz a *fake news*. Nessa interação entre-textos, o referente Lula é retomado, agora no *retweet* de um usuário, o que acaba reverberando na resposta de outro internauta (doravante I2). Essas trocas destacam a importância das relações referenciais e intertextuais entre os textos, em que esses mantêm relações entre si, sobretudo ao se referirem a um

referente em comum, a outros que mantêm entre si relações de sentido. Esse recurso ocorre em redes de conexões interacionais disponíveis pela própria rede social. Isso pode mostrar que, embora cada texto seja único e completo, eles podem manter entre si uma relação referencial e intertextual, o que denominamos de introduções referenciais intertextuais, por estar a estreia do referente relacionada a textos anteriores. Julgamos que esse é um fenômeno muito latente na seara das redes sociais e que chamam a atenção para novas pesquisas na seara da LT.

Isso fica saliente, por exemplo, quando I2 introduz o referente “bandido”, ficando incerto se se refere a Lula, ou a Barroso. De todo modo, essa introdução referencial mantém um nó de conexão com o que já foi publicado no *tweet* principal e com o que foi publicado por I1, reforçando ora que Lula se trata de um bandido, ora que Barroso se trata de um bandido por permitir que o presidente vença as eleições, o que o coloca, segundo I1 e I2, como parte do sistema. Em todo caso, se consideramos que “Esse bandido” se refere a Lula, essa introdução referencial intertextual soma-se ao *tweet* original por confirmação do teor negativo outrora já atrelado a ele, mas também por acréscimo, visto que, além de uma “ameaça” (imagem7), ele passa a ser, potencialmente, um bandido (imagem 9, I2), e, por I1 que o introduz enquanto “criminoso” (imagem 9, I1). Sabemos que o pronome demonstrativo “Esse” comumente é utilizado para se referir a uma expressão anteposta ao pronome, funcionando como um elemento dêitico que faz menção ao que foi dito anteriormente, demonstrando, com isso, a interação de I2 com os textos anteriores.

Nas redes sociais, observamos que a interação entre os textos do cenário textual pode sinalizar para o fato de que as redes referenciais propostas por Matos (2020) podem ultrapassar o próprio texto-fonte, chegando a reverberar em outros textos que mantêm entre si relações referenciais, como, por exemplo, os textos anteriormente analisados, visto que o referente Lula perpassa vários textos que estão conectados e que, de certa forma, complementam-se no sentido, marcando os nós de conexões que se dão em redes referenciais mais amplas.

É importante ainda pontuar que o referente Lula, que, na postagem, é atrelado a uma informação que o insere no rol de ameaça aos religiosos, passa, no comentário de I1 do exemplo 09, a ser introduzido como “criminoso” e, para I2, como “bandido”. Essas expressões referenciais recorrem a episódios sociais anteriores, isto é, a outros eventos textuais, uma vez que o presidente Lula é comumente chamado de bandido por sua oposição, devido ao episódio em que este político foi investigado pela Lava Jato. Isso evidencia que esse resgaste a textos anteriores em *fake news*, a partir de uma relação intertextual por citação

e alusão, estende-se também aos comentários dos internautas, mostrando-se como uma forte estratégia argumentativa para a manutenção da mentira. Todas essas interações intertextuais vão compondo e reverberando a mentira construída na *fake news*, seja conscientemente, seja de modo inconsciente. Ora, a mentira precisa ser disseminada e endossada pelo público para que tenha o impacto social almejado, pois, como já pontuado por Siebert e Pereira (2020), mais do que criar uma realidade, é preciso garantir estratégias para que o evento ganhe *status* de verdade, sendo a sua replicação um dos modos de se fazer isso acontecer.

No contexto digital, defendemos que os textos mantêm entre si relações referenciais intertextuais, em que um mesmo referente pode ser estreado em cada texto a partir de uma introdução referencial intertextual. Essa afirmação já foi sinalizada por Cavalcante e Martins (2020), ao destacarem que “a noção de rede referencial não se restringe aos limites de um texto apenas, mas pode espalhar-se para as alusões feitas nas relações entre os textos do compósito de gêneros” (p. 18). Buscamos, assim, junto com as autoras supracitadas, colaborar com os estudos de Matos (2018), ou mesmo lançar uma luz para estudos futuros que busquem tratar de relações referenciais intertextuais na relação entre textos dentro do compósito de gêneros no qual se situa.

Destacamos que as marcas textuais pontuadas nesta subseção, a saber: as interações tecnodiscursivas próprias do universo digital, a mobilização estratégica de introduções referenciais e anáforas recategorizadoras e as relações intertextuais prosseguem nas subseções de análise a seguir. Com isso, reforçamos que, embora separados metodologicamente em subseções, os critérios mantêm interações entre si.

Vejam os a seguir, a próxima subseção de análise que trata da construção do ponto de vista (doravante PDV) a partir das relações referenciais, a saber: a introdução referencial e as anáforas recategorizadoras.

4.2 As relações referenciais e a construção do ponto de vista do locutor-enunciador primeiro

Se todo texto é, como assumimos com base em Cavalcante *et al.* (2022), argumentativo, isso quer dizer que há pistas textuais que indicam ou sugerem ponto(s) de vista sobre o que é exposto no texto. Rabatel (2009) e Cortez (2011) afirmam que todo PDV é marcado pelo caráter dialógico, afinal se edifica a partir das múltiplas interações. Por isso, não é neutro nem imparcial. A respeito disso, recorremos a Cortez (2011) para quem:

A ideia de um relato “neutro”, “objetivo” ou “não-focalizado”, e mesmo a noção de “focalização zero” não procede quanto à manifestação de subjetividades e de perspectivas que se constituem e se (re)apresentam no discurso. **Sempre haverá na narrativa (e nos diferentes gêneros do discurso) uma perspectiva que guia a interpretação e a referenciação (grifos nosso)**, ou simplesmente um modo de contar os fatos, de apreendê-los e orientá-los argumentativamente (CORTEZ, 2011, p. 10, grifos nossos).

Dessa forma, destacamos, consonante a autora, que não há um PDV neutro e nem pertencente exclusivamente a um locutor/enunciador, visto que a sua manifestação textual é sempre influenciada por PDV anteriores, por vivências textual-discursivas que, inevitavelmente, atravessam o seu dizer. Podemos, por exemplo, destacar, também, fatores de origens sociais, culturais, crenças e valores que circunscrevem, portanto, o PDV e sinalizam posições assumidas no enunciado. E, como já assinalado neste estudo, um dos modos de chegar ao PDV é por meio das escolhas referenciais operadas pelo locutor-enunciador e, a partir dessas seleções, à construção do jogo de sentidos decorrentes desses processos referenciais, uma vez que cada escolha não é posta de modo imparcial ou aleatório, como já sinalizamos, mas sim comprometida com um projeto de dizer de cada locutor-enunciador.

Isso pode ser notado na subseção anterior, em que observamos, a partir dos exemplos elencados, que o locutor-enunciador primeiro (L1/E1) opera sobre o seu texto estrategicamente, a partir de escolhas textuais. Vimos também que a troca do referente é uma estratégia comum em *fake news*. Não obstante, podemos observar em Cavalcante e Martins (2020), em diálogo com Amossy (2011), que todo texto é argumentativo, demonstrando estratégias dos modos de dizer de cada locutor-enunciador. Entendemos, portanto, que a subversão dos referentes na composição da desinformação ocorre de modo estratégico, pois ali foram feitas escolhas motivadas tanto por intenções individuais quanto coletivas. Sobre isso, Cavalcante e Martins (2020) destacam que

Lidamos com os processos referenciais como estratégias argumentativas que buscam atender às tentativas de influência do locutor sobre o interlocutor [...]. A referenciação consta entre as principais estratégias de orientação argumentativa de um texto” (p. 245). Em todo texto, há uma dimensão argumentativa, já que pressupõe um sujeito que atende às coerções sociais e discursivas, mas é intencional e tem livre arbítrio para tentar exercer influência sobre o outro. Para isso, o locutor, supondo-se dono de seu dizer, mobiliza determinadas estratégias argumentativas, bem-sucedidas ou não, que requerem várias escolhas, dentre elas a dos processos referenciais, os quais, articulando todos os referentes em rede, permitem (re)construir a coerência textual (CAVALCANTE; MARTINS, 2020, p. 245).

Essas ações do locutor-enunciador primeiro sobre o seu texto trazem luz ao caráter cognitivo e discursivo próprios dos processos referenciais. Custódio-Filho (2011)

pontua que “o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando, para tanto, o conhecimento [...]” (p. 120), conhecimentos esses que provêm das suas experiências vividas, experimentadas, processadas cognitivamente.

É importante destacar essa discussão acerca das escolhas referenciais, porque lidamos, na nossa análise, com textos falsos, que são, em sua essência, altamente tendenciosos e ideológicos. Essas dimensões se dão a partir das escolhas operadas nesses textos. Então, cada rearranjo textual que compõe esses textos está ali motivado, exercendo uma função muito importante na tessitura da desinformação. Às vezes, como vimos, fragmentos são retirados de um texto anterior, sendo, portanto, deturpados, a serviço de uma mentira fabricada para atender fins políticos e ideológicos, seja do locutor-enunciador primeiro e suas necessidades individuais, sejam de uma posição coletiva e ideológica à qual se filia. Desse modo, a observação dessas escolhas a partir do discurso produzido por E1/L1 é de suma importância, na análise, o que justifica a discussão inicial desta subseção.

Trazemos a próxima *fake news* a ser analisada. Este texto está situado em uma página da rede social *Twitter*, que se autointitula antivacina e se identifica como promotora de “notícias”³⁴. A página chama-se @ColetividadeEvolutiva e tem na sua *bio* um *link* de acesso ao seu site, bem como uma breve descrição, a saber: “O Coletivo Evolutiva publica notícias, análises e opinião, incentiva o discernimento e pensamento crítico...”. Destacamos, assim como na subseção de análise anterior, que essas composições da página de “notícias” são marcas identitárias das *fake news* e, embora tenhamos trabalhado com elas na subseção anterior, destacamos que, em todos os textos analisados, será de suma importância entender a análise ao ecossistema em que surgem esses textos falaciosos.

Elegemos a *fake news* que será apresentada na imagem 10, a seguir, publicada no dia 29 de julho de 2021, para demonstrar a construção da prática social em termos de construção do PDV.

³⁴ Na data do dia 8 de outubro de 2022, a conta encontrava-se suspensa porque, segundo o *Twitter*, por violar as regras da rede social. No entanto, o site encontra-se disponível para acesso: <https://www.coletividade-evolutiva.com.br/>.

Figura 12 - Coletividade Evolutiva: “variante é a própria vacina”



Fonte: Captura de tela de *post* do perfil do Coletividade Evolutiva no Twitter (2022).

Nessa imagem, temos um *tweet* e um *hiperlink* que dá acesso à notícia na íntegra disponibilizada no site do coletivo, funcionando como práticas informacionais (MARTINS, 2018) que disponibilizam aos seus leitores acessos a uma rede de nós em que cada texto leva a outro, num *continuum*, por meio, sobretudo desses *hiperlinks*. Esses gêneros, a saber: o *tweet* e a notícia, estão interconectados via *links* e se complementam, e se inter-relacionam na construção de sentidos, uma vez que o segundo texto traz um maior detalhamento da (des)informação apresentada previamente pelo outro texto, o *tweet*.

Sabemos que, na era da Modernidade Líquida, quanto menor for o tempo que o usuário “gaste” nas redes, melhor será; logo, ao se deparar com um *tweet* que elenca as possíveis principais informações da notícia, o leitor já encontra ali um material mais acessível, aparentemente completo e sucinto, e mais dinâmico, visto que lhe permite observar o que outras pessoas estão comentando acerca do fato, sem que isso demande dele um tempo maior de leitura. Essas práticas relacionais, como pontuado por Martins (2018), funcionam a partir de interações em rede experimentadas e compartilhadas entre cada leitor, o que julgamos importante para a construção de sentidos do texto, visto que cada um ali é comprometido com o *tweet* traz nuances ao que é informado.

Trazemos, mais uma vez, o conceito de Modernidade Líquida (1999), do sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (1921-2017), autor que assevera que cada vez mais a

modernidade é marcada pela fluidez, isto é, preza-se o dinamismo e a rapidez frente a situações que exijam maior aprofundamento ou demandem maior tempo por parte do indivíduo. Nesse sentido, em especial na era da web 2.0, é perceptível que os usuários das redes preconizam o produto pronto para o consumo imediato, para a satisfação instantânea que corresponda aos seus desejos e objetivos, sem que, para isso, necessitem de esforços prolongados (BAUMAN, 2004). É o caso da grande maioria dos leitores das *fake news*, que se furtam a uma simples pesquisada via *Google*, o que já poderia conferir que a informação ali exposta apresenta, minimamente, alguma inconsistência. No entanto, poucos são os usuários que fazem uma averiguação cuidadosa dos conteúdos que circulam nas redes, confirmando o que reza o conceito de Modernidade Líquida.

Dialoga com essa realidade um estudo publicado pela Universidade de Columbia, em parceria com o Instituto Nacional Francês, ao apontar que apenas 59% dos *links* publicados nas redes são acessados pelos internautas. Não obstante, segundo o *Nielsen Norman Group*, em 2013, dos poucos usuários que acessam *links* disponibilizados em redes sociais, 81% restringem-se ao primeiro parágrafo do texto, enquanto 71% chegam ao segundo, 63% ao terceiro e apenas 32% chegam ao quarto parágrafo do texto (NIELSEN, 2013).

Isso mostra que muitos usuários das redes sociais permanecem naquela primeira postagem via *tweet*, e o que é ali colocado, do modo como é posto, é crucial para o que o leitor irá pensar, e para a ação que ele irá tomar, seja de acreditar e compartilhar, seja de refutar e não disseminar aquela informação. E é nesse cenário de relações líquidas e imediatas que as *fakes news* ganham espaços e se tornam práticas altamente eficientes, pois se deparam com muitos leitores que não estão dispostos a conferir o que ali está sendo apresentado e por pressuporem isso, muitas páginas e grupos que compartilham *fake news* utilizam suas produções discursivas de modo tendencioso e estratégico, para selecionar aqueles elementos mais chocantes e alarmantes que de imediato irão atingir o emocional e o engajamento de muitos leitores descuidados.

Apoiados na abordagem enunciativo-interacional de Rabatel (2009), sobre o estudo dos pontos de vista, para esta análise elencamos duas categorias: a imputação e a PEC. É importante, antes de prosseguirmos, abrir um parêntese para explicar melhor o que distingue a PEC de uma imputação. Toda PEC implica engajamento de L1/E1, enquanto a imputação não necessariamente. Na imputação, L1/E1 pode estar de acordo com o PDV de E2, no entanto também pode estar em desacordo ou se mostrar omissa frente a esse.

Pontuamos também que, embora apresentem características próprias, PEC e imputação são modos de atuação da responsabilidade enunciativa, por apresentarem traços em comum.

No corpo do *tweet*, temos o seguinte trecho que se refere ao título da notícia: “‘Variante é a própria vacina’: O CDC finalmente admite que pessoas totalmente vacinadas ‘espalham variantes’ e devem usar máscaras...” (@ColetividadeEvolutiva, 2021). É importante destacar que o referente Covid-19 não está verbalmente escrito nem no *tweet*, nem no título do *hiperlink*, no entanto, a forma nominal “variante”, em relação aos demais referentes presentes na *fake News*, em relação ao contexto, permite-nos chegar ao referente subentendido, Covid-19, e isso é devido ao uso das redes referenciais.

Embora não esteja registrado verbalmente no texto, o referente Covid-19 é um dos tópicos temáticos do *tweet*. Ao leitor, esse resgate de que o texto trata da vacina da Covid-19 e não de outra vacina, por exemplo, vem a partir de formas nominais que fazem parte do mesmo campo semântico que Covid-19 e que aparecem no texto a partir das seguintes escolhas lexicais, a saber: a introdução referencial “variante”, que mantém relação semântica com os referentes “vacina”, “pessoas vacinadas”, “máscaras”, e sendo, por fim, recategorizado pela forma nominal “variante Delta”. Esta última, em especial, é uma anáfora que recategoriza Covid-19/variante, funcionando como uma forma nominal anafórica, a partir de uma relação homonímica, uma vez que a variante Delta é um dos tipos de Covid-19 que surgiram durante o curso da pandemia. Com isso, mesmo que o referente Covid-19 não tenha sido explicitamente textualizado no texto, podemos chegar até ele a partir das trilhas de sentido construídas em redes referenciais, que ancoram o referente Covid-19 a partir de formas nominais que se relacionam com ele, seja por meio de formas nominais predicativas “variante é a própria vacina”, seja por formas nominais anafóricas “variante Delta”, que recategoriza, como já dissemos, o referente “Covid-19”, resgatado por inferência no texto.

Esse labirinto referencial proposto pelo autor da *fake news* funciona, ao nosso ver, como modo de deixar que os leitores-internautas preencham as lacunas de sentidos do texto, participando da mentira como coautor. Desse modo, ao deixar subentendido, o L1/E1 pressupõe que o seu leitor infira que o texto refere à vacina da Covid-19, e possa, engajar-se no texto, ao ir preenchendo as informações subentendidas.

Lima e Feltes (2013) tratam da ancoragem de objetos de discurso que não estão necessariamente explícitos, ou textualmente registrados na superfície do texto. Asseveram que “[...] os referentes não precisam necessariamente estar materializados na forma de uma expressão linguística para ter a sua homologação efetivada no texto/discurso” (p. 54), uma vez

que esse resgate ocorre, como destacamos, por vias contextuais em redes referenciais, como é o caso do texto em análise.

A respeito da importância do contexto para a identificação de referentes implícitos, Hanks (2008) enfatiza que o contexto social, ao ser incorporado ao texto, ocorre em níveis variados, mesmo que funcionem de modo interligado. O autor destaca duas dimensões contextuais, a saber: a emergência (*emergence*) e a incorporação (*embedding*). A primeira dimensão relaciona-se ao aspecto discursivo que salta de imediato no momento em que o texto é processado. Isso pode se concretizar em relação “à interação, à copresença, à temporalidade, em um contexto restrito como um fato sensível (em termos fenomenológicos), social e histórico” (HANKS, 2008, p. 124). Para essa dimensão, o autor traz os conceitos de situação, cenário e campo demonstrativo, que vão, ao longo do curso enunciativo, sendo incorporados uns aos outros.

Na imagem 10, salta de imediato o contexto da pandemia da Covid-19, cenário social que vai sendo resgatado a partir de expressões referenciais que, embora estejam também presentes em outros campos contextuais, como é o caso de “vacinas” e “máscaras”, no texto em análise, não geram dúvidas de que se referem ao contexto específico da Pandemia do Covid-19.

A incorporação, segunda dimensão proposta por Hanks (2008), refere-se aos “aspectos contextuais relacionados ao enquadramento (*framing*) do discurso, sua centração ou seu assentamento (*groundedness*) em quadros teóricos mais amplos” (HANKS, 2008, p. 124). Está relacionada, portanto, a enunciados que incorporam contextos mais amplos àquele enunciado emergente. Somam-se a essa dimensão os conceitos de campo social e *habitus* de Bourdieu (1977), em que o primeiro trata campo social e da sua interferência e determinação ao longo do ato e do processamento enunciativo, enquanto o segundo se refere à aceitação dos atores sociais frente às posições ali postas, seja para assumi-las, seja para refutá-las. É importante destacar que essa incorporação contextual à emergência não se dá como acréscimo, nem como algo à parte, mas funciona de modo conectado em um espiral, que vai sendo desenvolvido ao longo do processo enunciativo, seja a serviço desse, seja impondo limites.

Na imagem 10, podemos destacar que o enunciado resgata contextos mais amplos como, por exemplo, a discussão acerca da procedência da vacina, muito debatida no período em que ela foi anunciada, em especial, em meados de 2020 e que se estendeu mesmo após inúmeros resultados positivos atrelados a ela. Esse contexto que retoma o discurso antivacina

é conclamado no enunciado, por exemplo, quando o referente “vacina” é posto como uma ameaça, a partir de uma fala reportada, que diz que “a variante é a própria vacina”.

Essa segunda expressão referencial “vacina” é introduzida no texto em relação sinonímica com a forma nominal “variante”, em que vacina é colocada não no rol de insumo de proteção, mas como uma nova variante da Covid-19. Percebemos, portanto, que o referente “vacina” já é apresentado com um teor negativo, sendo, portanto, ressignificado, quando pensamos que as vacinas são insumos essenciais para a existência humana. Essas formas nominais já sinalizam para o PDV de L1/E1, isto é, um PDV antivacina, que fica evidente pelo modo como ele rearranja os referentes no texto, ora reportando-se a um E2, ora complementando-o com impressões suas.

Sabemos que, em especial, na época, quando surgiam variantes, a população ficava em pavoroso medo, uma vez que uma nova ameaça, por vezes mais letal, colocava-se posta à sociedade. Desse modo, quando o enunciador retira a expressão “vacina” de um campo semântico até então comumente considerado como algo positivo, uma vez que vem para proteger a população, e leva-o para um campo negativo, pois agora a “vacina” passa a gerar uma nova variante da doença, essa escolha mostra-se bastante tendenciosa, e sinaliza para o PDV de L1/E1 frente ao que ali é posto, resgatando, como já dito, discursos mais amplos, tais como: o negacionismo e os discursos antivacina e anticiência.

A topicalização dada ao referente “A **variante** é a própria vacina”, como uma forma nominal predicativa, não se dá de modo aleatório, mas parte de um propósito argumentativo que busca reforçar o novo campo semântico onde vacina é colocada no texto. Essa associação é construída de modo que L1/E1, estrategicamente, se abstém de passar essa informação de modo direto, uma vez que o faz ao utilizar aspas, apontando, com isso, que essa é uma fala de um enunciador-segundo (E2). Isso acontece a partir da categoria de imputação, que ocorre a partir de um acordo de L1/E1 para com ele.

Para a abordagem enunciativo-interacional, o resgate a outras vozes também faz parte da construção do PDV e interfere na sua construção para o texto. Na imagem 10, o uso do discurso direto é uma estratégia utilizada por L1/E1 para legitimar o “fato” compartilhado ao imputar a voz a um discurso anterior. A respeito disso, Cortez (2011) relata que “[...] as falas, os pensamentos e percepções assinalam pontos de vista, conferindo posição aos enunciadores no discurso” (CORTEZ, 2011, p. 37), uma vez que, ao trazer a voz de um enunciador-segundo ao texto – mesmo que seja fabricada, falsa, como é o caso –, L1/E1 está se revestindo, mesmo que implicitamente, desse dizer, que, de alguma forma, constitui o seu próprio dizer. Sobre isso, Cortez (2011) elucida que

apontar para o outro é voltar-se de algum modo ao ‘eu’ como uma construção do discurso. Por conta disso, a representação não deixa de apontar para a subjetividade de quem representa, vez que falar do outro é uma forma de apresentar a si próprio (mesmo que de forma velada), mobilizar os conhecimentos do ‘eu’ e de outros que respondem por sua posição, através da qual o ‘outro’ é percebido e interpretado (CORTEZ, 2011, p. 47).

É importante observar que na *fake news* em análise, ao reportar o discurso de outrem para a construção da desinformação, L1/E1 o faz a partir de uma coenunciação com o que ali é imputado a outrem. Segundo Cortez (2011), “a PEC pode ser definida como uma operação enunciativa em que o enunciador assume como ‘verdadeira’ a proposição de um enunciado ou aquilo sobre o qual toma posição” (CORTEZ, 2011, p. 76). Observamos na imagem 10 que L1/E1 tanto se reporta a E2 para dar um ar de credibilidade ao que é exposto ali (imputação por acordo), quanto coenuncia, complementando-o com impressões suas (PEC). De todo modo, esse gerenciamento do dizer do outro é mobilizado em prol do seu dizer, do seu PDV.

Como vimos na seção teórica, Charaudeau (2013) destaca dois conceitos pertinentes a esta pesquisa, a saber: valor de verdade e o efeito de verdade. Como já enfatizado, o valor de verdade tem respaldo em instituições científicas e, assim, ganha *status* de legitimidade. Já o efeito de verdade é fruto de uma interação intersubjetiva do indivíduo com o objeto, com o mundo e com o outro, em que esse enunciador busca fabricar uma nova versão do real, a partir de suas crenças, valores e ideologias. Há, neste último, uma ação estratégica, tendenciosa, de constante significação do fato construído. No exemplo em análise, percebemos que L1/E1 transita entre os dois conceitos, pois, ao construir uma desinformação, reveste-a com um efeito de verdade, chegando inclusive a criar um suposto valor de verdade, pois o faz, ancorado institucionalmente, ao se reportar a uma agência científica, a CDC. Não é L1/E1 que passa essa desinformação, mas uma fonte que até então é revestida de legitimidade.

Retornando ao exemplo em análise, observamos que, ao resgatar outras vozes para constituir o PDV da antivacina, L1/E1 reporta-se a um discurso de uma autoridade, no caso a diretora do CDC, a partir de uma suposta consonância com o que é dito. Cortez (2011), a partir dos estudos de Rabatel (2005, 2008), traz uma discussão acerca das posturas enunciativas. Sobre isso, a autora assevera sobre como um discurso principal pode ser reportado e colocado num plano de simetria com o que é dito por L1/E1. Essa ação não se dá num vazio, mas é estratégica, uma vez que “constitui uma espécie de ponto de ancoragem”

(CORTEZ, 2011, p. 85), em que, a partir de um outro convocado, numa posição hierárquica maior, L1/E1 busca alinhar essa voz convocada ao seu PDV acerca do objeto retratado.

Essa ação acontece quando “O principal [voz principal imputada] exerce certa autoridade no discurso e pode corresponder à imagem de si. Em outras palavras, é através do principal que as informações e os enunciadores são selecionados, e os fatos interpretados e organizados no discurso” (CORTEZ, 2011, p. 86). Assim sendo, L1/E1 traz essa voz principal e, em consonância com ela, assume uma coenunciação, visto que há um acordo explícito, como podemos observar na imagem 10, com o que é dito pela diretora que é reportada, em que essa fala funciona como sustentação ao PDV edificado pelo locutor/enunciador-primeiro ao longo do *tweet* por outras expressões referencias de cunho negativo atribuídas à vacina.

Ainda na imagem 10, esse processo de construção do PDV a partir das expressões referenciais se dá por meio da fabricação de uma simetria explícita entre o que é dito por E2 (o que vemos que não é verdadeiro) e o que é posto por L1/E1. No *tweet*, destacamos as expressões referenciais que se referem à fala do enunciador-reportado e que demonstram simetria com o que foi dito. Vejamos: “o CDC **finalmente** admite que **pessoas totalmente vacinadas ‘espalham variantes’** e devem usar **máscaras...**” (grifos nossos). As expressões adverbiais “finalmente” e “totalmente” são exemplos explícitos que marcam um PDV coenunciado por L1/E1, ancorado numa suposta fala de E2. Observamos que essas marcas textuais não são ou não deveriam ser comuns em notícias, visto que se trata de um gênero que deveria ser mais informativo do que argumentativo. Essas expressões referenciais sinalizam para o fato de que L1/E1 parece estar satisfeito com a suposta afirmação de órgãos oficiais, isto é, de que a vacina representa um risco para a humanidade, funcionando como uma variante da doença.

A expressão “totalmente vacinadas” retoma o embate entre vacinados vs não-vacinados, polarização que foi bastante evidente durante o período vacinal, em que muitas pessoas se recusaram a tomar a vacina. Percebe-se que, ao primeiro grupo, isto é, o das pessoas “totalmente vacinadas”, é atrelado um fator negativo, quando essas “espalham variantes”, ou seja, além de tomar a “tal vacina”, ainda colocam em risco aqueles “ajuizados” que se recusaram a tomar. Mais uma vez, há um caso de imputação por acordo e PEC, ao L1/E1 se colocar como coenunciador. Esse gerenciamento de PDV tem a ver com a responsabilidade enunciativa, ou, melhor, com a falta de responsabilidade enunciativa, uma vez que há incongruências com a fala reportada, não correspondendo ao que de fato E2 falou.

Segundo Cortez (2011), em diálogo com Rabatel e Chauvin-Vileno (2006), a responsabilidade enunciativa, como um “comportamento discursivo ligado à ética e à moral”

(CORTEZ, 2011, p. 74-75), trata do modo como o E1/L1 gerencia a diversidade de “fontes enunciativas”. Essa ação perpassa, segundo os autores, tanto a seleção de E2 quanto à organização do PDV desses enunciadores no texto. Nessa interação discursiva, destaca-se a atitude responsiva do E1/L1 frente ao que é enunciado, evidenciando, portanto, a sua responsabilidade frente à enunciação. Segundo Cortez (2011), a respeito da responsabilidade do locutor, este

[...] é responsável pelo gerenciamento das posições, o que envolve: a escolha das nominalizações, a seleção das informações e a hierarquização dos pontos de vista. Como locutor/enunciador, ele é também responsável pela representação discursiva e desempenha um papel crucial no gerenciamento de posições ou, simplesmente, na organização de saberes, pensamentos/percepções e falas que participam da expressão linguística do PDV (CORTEZ, 2011, p. 70).

Ainda no campo semântico da polarização em que se constrói o texto, temos a forma nominal “máscaras” que se soma à dicotomia apresentada, agora como “aqueles que usam máscaras” vs “aqueles que não usam ou são obrigados a usar”. É agregado mais um fator negativo aos indivíduos vacinados, visto que, além de disseminarem variantes, precisam usar máscaras, uma vez que podem representar um risco à população. Essas relações entre objetos de discurso se dão ao que já destacamos aqui, isto é, as redes referenciais, que nos permitem fazer ligações entre os referentes, observando como estes se inter-relacionam e colaboram para os sentidos do texto, em especial, para a construção do PDV de L1/E1.

Ao final do texto, temos o uso das reticências que pode sugerir continuação (embora não tenham se esgotado os caracteres do *tweet*), mas que também, a nosso ver, funciona como um artifício estratégico que convida o leitor a preencher as lacunas do texto e, ao mesmo tempo, estimulá-lo a construir junto a L1/E1 o entendimento de que a vacina da Covid-19 representa um risco à sociedade. Isso demonstra uma outra estratégia de L1/E1, em que este convida seus usuários a coparticiparem do seu enunciado. Essa marca textual já foi observada em exemplos anteriores, em que analisamos como as interações de usuários se tornam essenciais para a confirmação e disseminação da desinformação construída em *fake news*.

Ainda no *tweet*, agora indo para além dos caracteres da postagem, temos a imagem de uma mulher que recategoriza o referente CDC, por meio de uma relação hiperonímica, pois parte do geral “CDC”, como instituição, chegando à presidenta responsável pela suposta fala, que é apresentada anteriormente pela sigla da instituição e que

é, a partir da imagem, apresentada como a enunciadora-responsável pelo dizer, a partir do discurso direto reportado por L1/E1 entre aspas.

Essa remissão entre os dois textos se dá a partir do uso das redes referenciais. Na ocasião, trata-se de Rochelle Walensky, diretora do “CDC”, sigla que não é especificada no *tweet*, bem como não é especificada a sua relação com a sigla (isto é, da *fake news* com o E2), uma vez que a informação de que ela é a diretora da instituição apenas é trazida na notícia do *link*, caso este fosse acessado. Essas ausências no *tweet* sinalizam para a falta de cuidado e credibilidade frente ao que é informado, uma vez que o que ali está sendo posto não está ancorado de modo direto para o leitor, isto é, apresentando o nome da pessoa reportada e da sua relação com a instituição, bem como o nome dessa instituição para além da sigla. Isso se justifica uma vez que o propósito do *tweet* não é o de fato informar, mas sim, o de gerar pânico e desinformação aos leitores, por isso critérios como fontes e dados científicos, tão caros para os conteúdos informativos, desaparecem no meio de tantas informações especulativas. Esses aspectos formais, mais uma vez, aparecem em um exemplo analisado aqui, destacando a recorrência já suspeitada de que em *fake news* há traços de formatação e aspectos formais que demonstram amadorismo e falta de cuidado com a construção do texto, sendo, portanto, marcas que comprovam *fake news*.

Já no *link*, temos novamente o título que aparece nos caracteres do *tweet* e traz mais uma informação, a seguir: “O CDC diz que pessoas totalmente vacinadas espalham a variante Delta e devem usar máscaras: “**Esta nova ciência é preocupante**”” (grifos nossos). O trecho traz a informação já apresentada anteriormente no *tweet*, no entanto, traz um novo trecho que não havia sido mencionado antes, a saber: “Esta nova ciência é preocupante”, a partir de uma imputação. Esse trecho é colocado entre aspas. Desse modo, mais uma vez, L1/E1 reporta-se a E2 e atribui uma fala a esta, embora ele não destaque quem seja, ficando em aberto se pertenceria novamente à diretora do CDC, o que seria contraditório, por se tratar de um órgão científico.

Percebemos, na imagem 10 analisada, que o uso dos referentes colabora para a construção do PDV de L1/E1, que está notoriamente assentado numa perspectiva anticiência e antivacina. Outrossim, cabe observar que a imputação e a PEC funcionaram como estratégias adotadas por L1/E1 para criar um efeito de verdade frente ao que é por ele assumido e desinformado. Expressões como “finalmente” e “pessoas totalmente vacinadas” enfatizam a simetria de L1/E1, configurando-se, portanto, como marcas textual-discursivas que dão descrédito ao fato informado, visto que, em textos informativos, como a notícia, esse uso não é uma marca saliente, aparecendo mais em artigos de opinião ou editoriais.

Outrossim, retomamos mais uma vez o uso das relações intertextuais, uma vez que a *fake news* analisada retoma um texto anterior, um suposto discurso da presidenta do CDC, mesmo que de modo equivocado e tendencioso. Isso é uma ação estratégica de L1/E1, uma vez que utiliza o outro como modo de alicerçar e dar autenticidade para o seu PDV. Ou seja, o seu PDV antivacina é ancorado numa imputação feita a outro E2 que, ao ter o seu PDV adulterado, fica a serviço do PDV de L1/E1. Isso reforça o que já pontuamos anteriormente, o fato de a intertextualidade ser uma das marcas essenciais em *fake news* e, aqui em nossa análise, acaba sendo evidenciado em cada novo exemplo proposto à análise.

Recorrendo às categorias propostas por Claire Wandle, a partir de Teixeira (2018), observamos que a *fake news* da imagem 10 pode ser classificada como um conteúdo falso, por trazer um texto com alterações que o torna falso; conteúdo impostor, ao fazer referência a sites e fontes oficiais de modo equivocado; e associação falsa, ao trazer títulos e legendas que não condizem com as informações do texto, no caso, do intertexto referendado na imagem 10, ao referir-se à sigla CDC de modo tendencioso e falso.

Retomando a imagem 07 apresentada na subseção anterior, percebemos que o uso da imputação também se faz presente. Vejamos o título escrito no *tweet* da imagem 10, para observamos essa recorrência: “Lula diz que vai ‘regular’ padres e pastores se for eleito: ‘vou colocar as coisas no devido lugar’; VEJA VÍDEO” (@terrabrasilnot). Nesse exemplo, não há caso de PEC, visto que L1/E1 não assume para si a fala “ameaçadora” de Lula (E2). Mas há um caso de imputação por desacordo, pois L1/E1 reporta-se a uma fala de outro, eximindo-se de assumi-la ou de ser porta-voz, visto que retoma a partir do discurso direto entre aspas. L1/E1 não coaduna com o que é dito, uma vez que seu PDV se confronta com o suposto PDV de E2, que, como vimos, é falsamente associado.

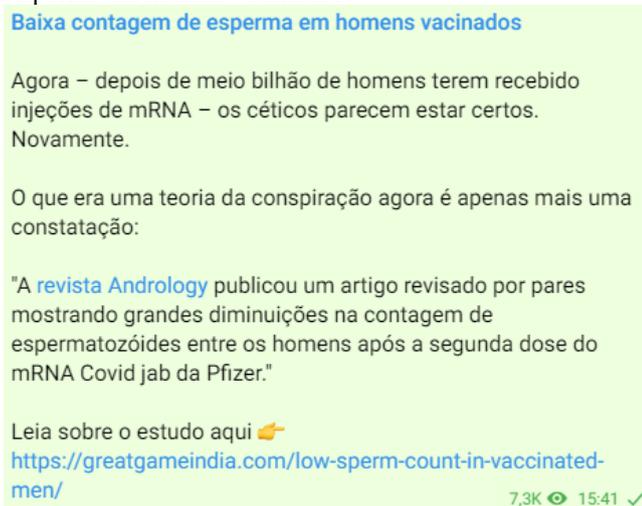
Ainda no exemplo da imagem 07, percebemos que a imputação pelo discurso direto apresenta inadequações formais, uma vez que há um desvio no uso da primeira aspas. São problemas de cunho estrutural que, embora sejam mais fáceis de serem observados, não podem passar despercebidos em nossa análise, pois somam-se a outras marcas textuais. Há ainda, nesse exemplo, uma falta de responsabilidade enunciativa, uma vez que, como já pontuamos, houve uma troca tendenciosa e estratégica do referente “forças armadas” para “padres e pastores”, alterando, com isso, o sentido do texto-fonte.

Antes de apresentarmos a próxima *fake news*, cabe fazermos uma breve contextualização do espaço em que ela foi selecionada, uma vez que, como já pontuado neste escrito, essas informações agregam e contribuem para a construção de sentido.

O exemplo 11 é uma mensagem instantânea publicada em um grupo denominado @reaçõesadversas com 11.834 participantes até a presente a data. O grupo encontra-se na rede social *Telegram*, uma plataforma de troca de mensagens, semelhante ao *WhatsApp*, diferindo-se, em especial, no que diz respeito à maior “liberdade” da circulação dos conteúdos produzidos por seus usuários, sem que essas postagens caiam em diretrizes mais rígidas que venham a inibi-las ou excluí-las da rede. Comumente, essa rede é utilizada para o compartilhamento de filmes, séries e músicas, que são baixados por usuários sem autorização e disponibilizados para o público dentro da própria plataforma, seja em grupos ou em conversas particulares.

Após uma série de restrições impostas por diversas redes sociais no combate à disseminação de notícias falsas, muitos grupos e páginas saíram do ar, fazendo com que os integrantes migrassem para outros espaços, como é o caso do *Telegram*. No próprio grupo, há mensagens que sinalizam para os participantes sobre a “queda” de algumas páginas de conteúdo antivacina e ensinam aos usuários como estes podem acessar os novos espaços em que esses conteúdos se encontram. Eles se referem a essa retaliação das redes como uma censura e se colocam contrários, entendendo que estão sendo impedidos de compartilhar a “verdade” sobre a vacina e sobre outros assuntos relacionados à ciência e à política. Das inúmeras mensagens publicadas no grupo, a grande maioria com mais de 5 mil visualizações, filtramos aquelas que já foram avaliadas por sites de checagem ou quando é fácil recorrer a outra fonte para validação do seu conteúdo, confirmando, portanto, a falsidade do seu conteúdo. Este é o caso da *fake news* a seguir.

Figura 13 - Reações Adversas: “Baixa contagem de esperma em homens vacinados”



Fonte: Captura de tela da rede social *Telegram* (2022).

Como dito anteriormente, a imagem 11 é uma postagem que tem mais de 7 mil visualizações), até o dia em que foi retirada da plataforma, tendo sido publicada no dia 23 de junho de 2022 no grupo @reaçõesadversas. É inegável o alcance que essa postagem, somada às outras *fakes news* presentes no grupo, tem, em especial, pelo alto número de interações. No entanto, esses números de longe são capazes de mapear o real impacto que essas postagens podem gerar na sociedade, uma vez que há diversos usos que fogem dos recursos mapeáveis pelos números apresentados, tais como: o compartilhamento do conteúdo em outras redes, a ação de printar (como fizemos para transpor para esta pesquisa), o envio para outros espaços, a oralização da informação em interações face a face etc. Enfim, é certo que os números estão para além desses que são apresentados na rede, o que torna ainda mais alarmante.

Embora se trate de um gênero mensagem instantânea, este assume um caráter mais informativo do que uma simples troca de mensagens. Tais mensagens instantâneas que comumente apresentam abreviações, são mais curtas e apresentam uma linguagem mais informal. Há, na mensagem, inclusive um título em destaque, o que não é comum de encontrar nesse gênero, a não ser quando o usuário compartilha um *link* informativo e o título do *link* acaba sendo transposto para a mensagem, o que não é o caso da imagem 11, uma vez que o título foi, provavelmente, criado por L1/E1, não apresentando relação com o *link*, que se encontra em inglês. Não obstante, há comentários explícitos de L1/E1 que vão junto ao conteúdo do *link*, construindo um enunciado falso, fabricado, por meio de uma costura que ele faz ao recorrer aos E2 e E3, que são colocados como legítimos. Todo esse recurso interativo é altamente estratégico, evidenciando o PDV antivacina que já está ali presente em todo o grupo, desde a *bio* até as mensagens propostas, todas de críticas à vacina. A reorganização textual também funciona como um convite ao leitor, para que ele perceba o absurdo que é a vacina e os malefícios que ela pode trazer para a sociedade, questão que é apresentada e ancorada pela imputação aos enunciadores segundo e terceiro, quando L1/E1 se reporta a eles, concordando com estes.

O referente “vacina da Covid-19” não aparece no título do texto, mas é estreado pela forma nominal “homens vacinados”. Essa relação com a vacina da Covid-19 se torna mais evidente quando o texto progride. Esse resgate só é possível por se tratar de um contexto emergente e por recorrermos a ele para preenchermos as lacunas do texto. Temos, portanto, uma forma nominal “homens vacinados” que estreia o assunto da vacina, ao fazer uma referência introdutória a outro referente que ainda será registrado no cotexto. Isso ocorre a partir das redes referenciais que irão se interconectar, construindo, com isso, as trilhas de sentidos do PDV pretendido por L1/E1.

No primeiro parágrafo, L1/E1 traz entre travessão o seguinte comentário: “Depois de **meio bilhão** de homens terem recebido **injeções de mRNA**” (grifos nossos). A informação destaca que “meio bilhão” de homens foram vacinados, permite-nos, contextualmente, homologar que o assunto se refere à Covid-19, uma vez que, mais uma vez acessamos o nosso conhecimento de mundo, em especial, o contexto da vacinação da Covid-19, que foi uma das maiores campanhas de vacinação do mundo, ocorrendo em rede, simultaneamente em vários países ao mesmo tempo. Esse movimento inicial cotextual e contextual já seria suficiente para entendermos que o texto trata da vacina da Covid-19, sendo, talvez, mais evidente que a própria expressão referencial posposta a essas informações, ao enunciador trazer a expressão referencial “injeções de mRNA”, uma vez que esse termo é mais técnico e poderia, para alguns leitores, funcionar como uma barreira para se chegar ao entendimento de que mRNA fosse uma das vacinas da Covid-19. Temos, portanto, um exemplo em que as expressões referenciais que se ligam a “injeções de mRNA” e que vêm antes dela, são mais claras do que o referente principal, pois mais facilmente se ancoram ao tema Covid-19, mostrando, com isso, que os processos referenciais são dinâmicos, complexos e funcionam de diversos modos a depender dos mais variados propósitos comunicativos (LIMA; FELTES, 2013, p. 32).

No decorrer do texto, a expressão referencial “injeções de mRNA” é recategorizada a partir do discurso reportado e que é posto no texto, entre aspas, pela expressão “segunda dose do mRNA covid jab Pfizer”, fala atribuída a Revista *Andrology*, mencionado por L1/E1 no corpo do texto. Percebe-se que, embora o *link* colocado para o acesso esteja em inglês, a citação direta feita encontra-se em português e não há uma sinalização se a tradução foi feita por L1/E1 ou se foi retirada de outro local. Não obstante, embora seja mencionado um enunciador legítimo, que pode dar credibilidade ao fato informado, isto é, a Revista *Andrology* (E2), esta não fala diretamente ao leitor, mas é reportada por outro enunciador (E3) que comenta o estudo e que é, portanto, utilizada na mensagem informativa. Ou seja, a mensagem, ao passar um suposto fato, não recorre diretamente ao estudo-fonte, no caso a revista *Andrology*, onde supostamente estaria essa “informação”, mas sim, o faz a partir de um E3 que faz uma interpretação do que poderia ter dito a revista. Há, portanto, um labirinto de desencontros, em que o leitor acaba não sabendo, ao certo, o que de fato disse a revista, pois só pode acessá-la a partir de interpretações de terceiros.

Isso mostra que, assim como na imagem 10, na imagem 11 não há uma curadoria com o que está sendo informado. Ora, esse não é o objetivo das *fake news*, de vez que são textos que não estão comprometidos com a verdade. Numa era digital marcada pela

Modernidade Líquida, em que a cada momento surge um novo conteúdo, não há tempo de se aprofundar na curadoria das informações, por vezes, essa prática nem é posta em questão, visto que o intuito é o de fabricar uma mentira e de gerar, o mais rápido possível, prejuízos à sociedade.

Prosseguindo com a análise da imagem 11, temos o momento em que o L1/E1 se coloca com maior destaque no texto, ao tecer comentários sobre o que ali ele está informando a partir do *link*. “**Agora [...] os cétricos** parecem estar certos. **Novamente**” (grifos nossos). No trecho, temos a expressão nominal “os cétricos”, que pode retomar a polarização costumeira que perpassou o auge da pandemia da Covid-19, bem como a discussão política no país. No caso, temos em cada extremo: aqueles que acreditam na vacina *vs* aqueles que desacreditam, compreendendo-a, portanto, como um perigo à sociedade. A forma nominal “os cétricos” marca a posição assumida por L1/E1, mesmo que ele não se insira, utilizando a primeira pessoa, e colabora para a construção do seu PDV, isto é, daquele que se posiciona contra a vacina, retomando, portanto, o discurso antivacina. É notório mais uma vez que, assim como nos exemplos anteriores, o uso de expressões referenciais, dentro das redes referenciais, é um dos principais modos de construção e apreensão do PDV do enunciador, uma vez que

A construção dos objetos de discurso está diretamente relacionada à construção do ponto de vista. Nesta medida, o ponto de vista inscreve o sujeito, sendo testemunho da relação sujeito-objeto. Mesmo que o sujeito não fale, é possível perceber sua presença pelo modo de apresentação do objeto de discurso e, para isso, a seleção lexical tem um papel muito importante (CORTEZ; KOCH, 2013, p. 13).

Essa presença assumida por L1/E1 frente ao objeto de discurso noticiado aparece também por meio do uso de dois advérbios, a saber: “agora” e “novamente”, como observado no exemplo do texto anterior. Essas expressões referenciais reiteram que “os cétricos” estão corretos quanto à vacina e sinalizam que E1/L1 concorda com essa posição e se encontra ali situado. Essa certeza se dá na relação da apresentação do fato informado por L1/E1 com o *link* reportado, demonstrando que há entre os dois textos uma inter-relação que permite a construção de sentidos, por meio de redes referenciais. Ou seja, o que legitima o fato de que “os cétricos” mais uma vez estão corretos é o estudo que é referenciado via *link*.

Mais adiante, elencamos mais um trecho da mensagem “O que era uma **teoria da conspiração** agora é apenas uma **constatação**” (grifos nosso). Nessa passagem do texto, temos a expressão referencial “teoria da conspiração” que reforça a dicotomia apresentada anteriormente, ao estar atrelada aos que creem, “os cétricos”, isto é, que a vacina não funciona e representa riscos à sociedade. Passa-se, portanto, de uma categoria negativa “teoria da

conspiração”, que é algo que não se comprovou, para uma categoria positiva que recategoriza a primeira a partir da expressão referencial “constatação”, atribuindo à crença dos “céticos” um valor de verdade. Esse valor de verdade, mais uma vez, é ancorado na pesquisa que é comentada por um terceiro (E3) indicada via *link*. Essa relação de L1/E1 com E3 marca a estratégia usada pelo locutor do texto, que constrói o seu PDV a partir do diálogo com o PDV de outro, marcando uma conexão constitutiva entre o L1/E1 com esse outro enunciado, em coenunciação. Cortez e Koch (2013) asseveram que “a apresentação dos objetos passa necessariamente por um jogo dialógico do qual participam diferentes enunciadores” (p. 13).

Desse modo, L1/E1 resgata o PDV de outros, incorporando ao seu PDV. Esse jogo enunciativo traz à tona a marca argumentativa própria da construção referencial nos textos, “que passa não só por um querer-dizer que influencia a construção do sentido, mas também por um jogo enunciativo de afirmação de identidades e posições” (CORTEZ; KOCH, 2013, p. 13).

É importante destacar mais uma vez que o enunciador-segundo reportado está sendo mais uma vez deturpado, primeiro pelo E3, que se reporta a E2, e depois pelo L1/E1, que retoma E2 (Revista *Andrology*) a partir de E3 (blog). Na imagem 11, o enunciador-primeiro, como já dito, retoma uma pesquisa que é interpretada por um enunciador-segundo de modo falso. Nos dois enunciadores que reportam a pesquisa da Revista *Andrology*, há uma deturpação do que de fato é dito por esse enunciador-reportado. Logo, o discurso desse último é representado a partir de uma ótica subjetiva, que está permeada por PDV anticiência e antivacina, que modificam os seus sentidos.

A respeito do *link* utilizado na mensagem, retomamos a pesquisa mencionada anteriormente nesta subseção da Universidade de Columbia em parceria com o Instituto Nacional Francês. A pesquisa apontou, como vimos, que apenas 59% dos *links* publicados são acessados pelos leitores e que, desses, 32% chegam ao quarto parágrafo do texto. Esses dados por si sós já são alarmantes, no entanto, quando pensamos em casos em que esses *links* podem aparecer em outro idioma, como ocorre na imagem 11, esse acesso ao *link* e a sua leitura como modo de averiguação do que ali está sendo informado torna-se ainda mais preocupante, uma vez que poucos leitores chegam ao quarto parágrafo quando o texto se encontra na sua língua-materna, ainda mais quando esse texto em outro idioma. Torna-se ainda mais alarmante e ainda mais difícil, por parte do leitor, o acesso ao que ali está sendo exposto. Essa dificuldade pode servir inclusive como uma estratégia de L1/E1 para dificultar a verificação do que ali está sendo apresentado, e confinar o leitor apenas ao que é dito por L1/E1. Isso se torna ainda mais difícil quando o *link* não leva ao texto original, mas a um texto em inglês de

um enunciador (E3), que comenta o texto original (E2), também em inglês, criando, assim, um labirinto que dificulta a experiência do leitor. Parece, portanto, que tudo isso é criado justamente para impedir o acesso à verificação, facilitando que a mentira se reverbere com maior facilidade.

Por fim, destacamos mais uma vez que marcas textuais apontadas na subseção anterior se fazem novamente presentes na *fake news* em análise. Apontamos que o ecossistema digital em que se encontra a mensagem, no caso o grupo do *Telegram*, já traz uma série de informações que sinalizam a um PDV anticiência e antivacina, bem como a presença de textos apenas com essa finalidade, demonstrando que os “fatos” serão apresentados sob essa ótica. Não obstante, a segunda marca, as relações intertextuais, também se mostraram presentes, visto que mais uma vez a *fake news* parte de um texto anterior, deturpando-o, com finalidades ideológicas de L1/E1. Outrossim, o uso das expressões referenciais em todos os exemplos demonstra o PDV de L1/E1 de modo explícito, ao reportar-se a um E2, mas coconstruindo a desinformação, o que não é comum, por exemplo, quando pensamos em notícias, que são mais informativas do que opinativas.

Na subseção a seguir, analisamos algumas imagens, dando atenção à orientação argumentativa, entendida enquanto um caráter constitutivo de todo enunciado e texto.

4.3 A orientação argumentativa em *fake news*

Nesta pesquisa, defendemos, consoante Amossy (2018), Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2022), que todo texto é argumentativo e que a sua dimensão argumentativa aparece em diversos níveis, a depender do gênero textual, do propósito comunicativo, dos atores sociais e suas respectivas posições etc. No que concerne aos estudos da LT, disciplina na qual nos situamos, podemos, dentre inúmeras oportunidades, apreender esse princípio argumentativo nos textos a partir de diversos aspectos linguístico-textuais, tais como: a construção referencial, as relações intertextuais, a topicalização, a organização do ecossistema digital em que se encontram os textos, o uso de estratégias de imputação e PEC para a construção do PDV etc. Salientamos que, ao longo de nossa análise, observamos que esses aspectos funcionam como marcas próprias de todos os textos, mas que em *fake news* assumem um papel preponderante para a sua constituição, funcionando, portanto, como marcas textuais que sinalizam para a sua identificação.

O uso desses aspectos linguístico-textuais não se dá de modo aleatório ou imparcial, pois, como vimos na discussão teórica, toda escolha evidencia posições e

estratégias por parte do locutor-enunciador primeiro. Não diferente, em *fake news*, todas as escolhas, desde o gênero textual até os elementos tecnodiscursivos constituintes da página de onde esse texto emana, também evidenciam um propósito argumentativo, isto é, o de falsear a realidade dos fatos. É nessa direção que se faz importante o conceito de pós-verdade, em que os boatos tendem a ser mais acreditado do que os fatos.

Vimos nesta análise que, ao recorrer a discursos de autoridades, L1/E1 busca revestir o seu texto de uma certa legitimidade e razão, dando-lhe um aspecto informativo, apresentando-o, por exemplo, como uma notícia ou uma mensagem informativa, comprometida em “alertar” e “informar” o seu público sobre determinados temas, muitos, como vimos, abusando do sensacionalismo. Nessa direção, L1/E1 reveste-se das três provas de persuasão defendidas por Aristóteles, primeiro o *logos* que, segundo Cavalcante *et al.* (2022), “corresponde às operações de raciocínios lógicos” (p. 103). Ao apresentar essas informações enquanto raciocínios lógicos, vimos em exemplos analisados que L1/E1 não sustenta essa imagem informativa por muito tempo, uma vez que, ao buscar apresentar essas “informações”, L1/E1 acaba trazendo marcas textuais próprias das *fake news*, que fogem do gênero textual almejado, comumente a notícia. É no momento da apresentação dos fatos que L1/E1 acaba por se colocar no texto, trazendo mais um aspecto opinativo do que informativo, e isso se dá a partir da imagem que L1/E1 tenta construir sobre si, a partir do que Aristóteles denomina de *ethos*, “[...] um recurso persuasivo importante, principalmente porque gera credibilidade” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 103). E é nesse instante que podemos apreender o seu PDV, seja a partir de relações intertextuais, seja a partir de escolhas referenciais, seja a partir de estratégias como a imputação e a PEC, essas operações eleitas por L1/E1 acabam evidenciando um tom opinativo e especulativo, o que termina por sinalizar para a mentira.

Esse rearranjo textual atinge o leitor ao sensibilizá-lo, recorrendo, portanto, às suas emoções. Nas *fake news*, isso ocorre por meio de temas que são sensíveis ao público, tais como, crenças, política, saúde, economia etc. Desse modo, L1/E1, sabendo disso, e dirigindo-se a um público específico, o faz, estrategicamente, para atingir o *pathos* da sua audiência. É nessa direção que “as opiniões variam de acordo com as emoções que são suscitadas” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 103). De todo modo, todas essas escolhas e marcas evidenciam o propósito argumentativo do texto, seja recorrendo à razão, seja atingindo o emocional de seu público, e é por isso que se faz importante analisar o princípio da argumentatividade, neste capítulo, entendendo que “todas as formas de textualização podem

evidenciar usos estratégicos na construção dos sentidos do texto” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 102).

É importante destacar que, embora L1/E1 aja sobre seu texto, mobilizando estratégias argumentativas com o fito de atender ao seu projeto de dizer, este o faz também influenciado por coerções sociais, pois cada sujeito é também interpelado por discursos de outros, pelo contexto, pela posição assumida, pelos propósitos etc. Trata-se de um sujeito consciente, ao mesmo passo que é constantemente atravessado por esses fatores sociais.

Como já discutido em nosso capítulo teórico, na subseção “2.3.1 A natureza argumentativa do texto”, para a abordagem da teoria da argumentação no discurso (TAD), todo discurso é marcado por uma dimensão argumentativa. Transpondo esse conceito para os textos, Cavalcante *et al.* (2022) afirmam que todo texto também é composto de uma certa argumentação, sendo esse um princípio constitutivo de todo enunciado. Outrossim, a argumentatividade não só aparece em enunciados que giram em torno de uma tese, ou seja, discursos/textos socialmente reconhecidos como argumentativos, o que Amossy (2018) denomina de visada argumentativa, isto é, aqueles que são explicitamente argumentativos, girando em torno de uma tese. Já os discursos/textos que não apresentam uma sequência argumentativa evidente, Amossy (2018) denomina-os de discursos/textos de dimensão argumentativa. Desse modo, em todos os textos há um “*continuum de argumentatividade*” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 108, *grifos dos autores*). Segundo Cavalcante *et al.* (2022), compreender que todo texto é argumentativo é considerar que

- Em todo enunciado, há **pontos de vista** relacionáveis a diferentes enunciadores;
- Tais pontos de vista são gerenciados por um locutor/enunciador principal, que escolhe, **intencionalmente**, como expressar e marcar a voz dos enunciadores, ao **tentar influenciar** o interlocutor e, às vezes, o terceiro;
- Essas tentativas de influência são **estratégicas**, na medida em que fazem parte do projeto de dizer do locutor, que supõe (porque necessita supor) ter controle sobre suas escolhas;
- Algumas formas de textualização, como a **sequência textual argumentativa**, explicitam o ponto de vista central que será defendido com base em um esquema de raciocínio; esse ponto de vista aparecerá, nesta situação, como a opinião central de um enunciador;
- Outras formas de sequência textual (a narrativa, a explicativa, a descritiva e a dialogal), ainda que não cumpra uma macrofunção de demonstrar argumentos em prol de uma opinião central, não deixam de supor uma **orientação argumentativa**, na medida em que também ajudarão o locutor/enunciador a gerenciar pontos de vista (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 98, *grifos dos autores*)

Em consonância com Amossy (2018), no âmbito dos estudos discursivos e, em especial com Cavalcante *et al.* (2022), defendemos que a mobilização de marcas textuais, muitas já analisadas nesta seção, evidenciam pontos de vista de L1/E1, pois este, ao operar

sobre essas escolhas, o faz a serviço de um propósito comunicativo, que, como vimos, é bastante complexo e começa já na constituição da página de que emana esse texto. Desse modo, todas essas estratégias evidenciam o modo como L1/E1 tenta atingir o seu público, ao fabricar uma mentira com valor de verdade. Vimos como esse rearranjo textual funciona nessas práticas discursivas, mas agora, focamos em algumas categorias próprias da TAD, em especial, a modalidade polêmica.

Como já discutimos na subseção “2.3.1 A natureza argumentativa do texto”, a modalidade polêmica para Amossy (2018) tem como principal característica a “[...] confrontação de teses antagônicas, em que se tenta desacreditar o opositor” (MACEDO, 2018, p. 52). Há, portanto, um embate de opiniões, em que não se busca consenso, mas dissenso. É importante destacar que esses temas que são tensionados na arena da discussão, não são temas quaisquer, mas sim aqueles que despertam o interesse público, logo, são temas que suscitam confrontação de teses antagônicas, como adverte Macedo. Ao longo desta análise, pudemos observar alguns discursos que são conclamados nas *fake news* e que remontam a embates ideológicos, tais como: esquerda vs direita, ciência vs anticiência, vacina vs antivacina, marcados pelo caráter interdiscursivo, comum a todo discurso, cujos discursos “rivais” são conclamados para a construção estratégica do PDV do locutor.

Macedo (2018), sobre esses eixos ideológicos, destaca que, no enunciado, L1/E1 assume esse embate, ao se identificar em um desses extremos, marcando um “‘eles’ em relação ao ‘nós’, que permite o estabelecimento de identidades coletivas e a emergência do antagonismo no qual o ‘eles’ é definido como um adversário que deve ser discursivamente combatido pelo ‘nós’” (MACEDO, 2018, p. 61). Esse movimento mencionado pela autora é bastante evidente quando nos debruçamos na análise de *fake news*, em que L1/E1 se posiciona explicitamente acerca de um dos eixos discursivos conflitantes, marcando a sua posição e o avesso ao seu adversário, seja o presidente Lula na imagem 7, seja a vacina na imagem 10. Esses símbolos retomam, respectivamente, a esquerda enquanto oposição política, e a ciência que, associada a esta primeira, acaba, também, representando um polo opositor.

Como vimos, Amossy (2018) destaca três traços marcantes da modalidade polêmica, a saber: a) A dicotomização de teses; b) a polarização social e c) a desqualificação do Oponente. Todos esses traços estão interligados e funcionam como estratégias para edificar o PDV de L1/E1 e, ao mesmo passo, eliminar qualquer força do PDV do adversário. Seguimos, portanto, em nossa análise na observamos de como L1/E1 mobiliza esses traços da modalidade polêmica para construir a mentira.

Vejamos a *fake News* a seguir, retirada do mesmo grupo da rede social *Telegram* da imagem 11, @ReaçõesAdversas. Como já pontuado, trata-se de um grupo com mais de 11 mil participantes e que traz textos que tratam sobre o uso da vacina e as supostas reações adversas decorrentes dela. Trata-se, assim como na imagem 11, de uma mensagem instantânea, revestida de um cunho informativo, fugindo, assim, de uma simples mensagem instantânea típica dessa rede social. É importante frisar que a mensagem foi visualizada por, pelo menos, 6 mil pessoas apenas na rede social, evidenciando o seu impacto social. Vejamos a imagem 12.

Figura 14 - Reações Adversas: “A bicampeã vacinada quase se afogou durante a competição após perder a consciência”



Fonte: Captura de tela da rede social *Telegram* (2022).

A imagem 12 traz, além do texto verbal, outros textos, como algumas fotografias do ocorrido, um vídeo contendo imagens e uma entrevista em inglês da figura principal, Anita Alvarez. Trata-se de uma mensagem falsa. Juntos esses textos funcionam como um compósito de textos, estratégia adotada por L1/E1 para dar ao leitor a sensação de credibilidade, visto que há diversas provas do que ali está sendo “informado”, atendendo à proposta de L1/E1 de fabricar a mentira. Essa construção falsa vai sendo construída a partir da inter-relação desses textos, que constroem um enunciado maior. Brevemente, contextualizamos que há uma mensagem instantânea que, assim como a imagem 11, coloca-se como uma mensagem informativa, contendo título e um resumo do fato informado, de modo que vão sendo costuradas a essas informações as impressões de L1/E1. Há também algumas imagens do acontecimento que envolveu a atleta que, durante uma competição, teve um desmaio e foi

salva por sua técnica; por fim, há um vídeo que traz o momento do ocorrido, bem como algumas imagens desse evento.

A junção desses textos circula em torno de dois fatos principais: primeiro, o ocorrido com a jovem; e, segundo a entrevista em que ela afirma ter tomado a vacina. Este último evento se sobressai e passa a ser utilizado como justificativa pelo ocorrido com a atleta, mesmo que não haja nenhuma evidência que comprove isso, nem por parte da equipe da atleta, nem por parte de especialistas. Soma-se a isso o fato de que nenhuma mídia fez qualquer relação como essa, sendo, portanto, uma associação fabricada, estrategicamente, por L1/E1 para falsear uma realidade, atendendo, portanto, ao seu projeto de dizer.

L1/E1, ao gerenciar o PDV de que a vacina traz reações, como o desmaio de Anita Alvarez, o faz conclamando a própria atleta, em que, no vídeo em inglês acoplado à mensagem, afirma ter tomado a vacina. Isto é, para não ser aquele que afirma, L1/E1 reporta-se a entrevista da atleta, e traz em seu texto o seguinte trecho “[...] mais tarde descobriu-se que o atleta estava **totalmente vacinado**” (@reaçõesadversas, 2022, grifos nossos). Essa reportagem a um discurso do outro, como já mencionado aqui, faz-se de modo estratégico e intencional, isto é, ao retomar um E2, que, como vimos, pode ocorrer por imputação e/ou PEC, L1/E1 coloca-se como aquele que informa, mais do que aquele que diz diretamente a informação, revestindo o seu texto de uma certa credibilidade. Esses rearranjos operados por L1/E1 são estratégias que buscam atender, como já dissemos, ao seu projeto de dizer, gerar a desinformação nas redes, bem como impactar o seu auditório frente ao que ali é construindo e informado.

Observamos na imagem 12 que o discurso polêmico é evidenciado, uma vez que, embora o ocorrido com a atleta não tenha nenhuma ligação comprovada com a vacina da Covid-19, L1/E1, ao fazer essa associação, resgata o embate discursivo vacina vs antivacina e ciências vs anticiência. Esse rearranjo textual evidencia o primeiro traço da modalidade polêmica, isto é, a dicotomização de teses, ao retomar oposições ideológicas sobre o fato informado. Segundo Macedo (2018), “A dicotomização é mais do que uma simples oposição de discursos (que poderia ser superada com vistas ao estabelecimento de um acordo); ela consiste no choque de duas opções antitéticas que se excluem mutuamente” (p. 63-64). Isso é evidente, uma vez que não há uma busca no consenso de que a vacina é positiva, mas sim que traz reações aos vacinados, funcionando como um perigo à sociedade. Como vimos, esse PDV já antecede o texto, quando, por exemplo, observamos as informações identitárias do grupo e a relação desse texto com os demais que ali habitam.

O segundo traço pontuado por Amossy (2018) é a polarização social, “que consiste na divisão dos sujeitos que participam de uma polêmica em grupos, conforme os papéis que desempenham frente às teses e/ou frente ao próprio debate” (MACEDO, 2018, p. 64). Na imagem 12, L1/E1 assume a posição de Proponente, aquele que mobiliza as informações com o fito de defender a tese à qual ele se filia, isto é, ao PDV antivacina e anticiência.

O terceiro e último traço destacado por Amossy (2018) trata-se da desqualificação do Oponente e, a nosso ver, é o traço mais latente dessas práticas discursivas, visto que, em todos os exemplos analisados, observamos que L1/E1 recorre ao descrédito seja ao outro, como foi o caso de Lula, seja a algo, como é o caso da vacina da Covid-19. Na imagem 12, observamos que a vacina da Covid-19 é descredibilizada por L1/E1, ao colocá-la como perigosa, pois gera reações adversas sérias àqueles que foram vacinados. Esse descrédito ao Oponente é uma estratégia importante, pois, para convencer o seu público da mentira ali fabricada, L1/E1 “desqualifica o Oponente, visto como um adversário que representa o mal e que deve ser discursivamente combatido. O adversário precisa ser deslegitimado para que sua tese também o seja” (MACEDO, 2018, p. 66). Vejamos como isso ocorre a partir do uso das redes referenciais na *fake news* em análise.

A associação da vacina da Covid-19 com o ocorrido com a atleta se dá logo no título da mensagem, quando L1/E1 traz o seguinte trecho: “**A bicampeã vacinada** quase se afogou durante a competição após perder a consciência” (@ReaçõesAdversas, 2022, s/p, *grifos nosso*). Ao resgatarmos o contexto pandêmico, momento em que nasce o texto, bem como ao relacioná-lo ao ecossistema em que esse texto surge, no caso, o grupo antivacina presente no *Telegram*, conseguimos mais facilmente recorrer ao referente Covid-19, visto que *vacinada* é um adjetivo amplo, que poderia se tratar de qualquer vacina, mas, com a integração das informações contextuais, mais facilmente o leitor consegue fazer a associação de que a atleta foi vacinada, em especial, pela vacina da Covid-19. Essa informação de que a atleta foi vacinada faz total sentido para o todo textual, uma vez que o enunciado vai sendo construído na direção que aponta a vacina como principal fator que gerou a perda de consciência da atleta. Vemos, no último parágrafo, que a forma nominal no título “bicampeã vacinada”, ancora-se na expressão referencial “vacinação contra a Covid-19”, confirmando ao leitor o que ele já pressupôs no início do texto, de que o que ocorreu com a atleta está intimamente relacionado com o fato de ela ter tomado a vacina, visto que esse é o propósito de L1/E1.

Outrossim, vemos que as escolhas referenciais para recategorizar o referente Anita Alvarez também se dão de modo estratégico. Vejamos o porquê. No primeiro parágrafo, “A bicampeã vacinada” é recategorizada por meio de acréscimo de informações, quando passa a ser mencionada no texto enquanto “A bicampeã olímpica de natação Anita Alvarez”, há, portanto, um maior detalhamento do referente anteriormente apresentado. Ainda no primeiro parágrafo, há a informação de que a “menina” foi salva por seu treinador, o que é uma informação falsa, uma vez que quem salvou Anita foi, na verdade, a sua treinadora, fato que é ilustrado em duas imagens que foram utilizadas na própria mensagem falsa. Mais uma vez, assim como nas imagens 9 e 10, não houve uma curadoria por parte de L1/E1, isto é, este não teve o cuidado de pesquisar e se informar acerca do ocorrido, trazendo imprecisões para o fato narrado que podem ser inclusive confrontados pelo Terceiro, com a simples observação das imagens acopladas por L1/E1 ao seu texto, visto que, como mencionamos, as imagens ilustram uma mulher resgatando Anita e não um homem.

Essas imprecisões prosseguem no texto, por exemplo, quando, no parágrafo segundo, L1/E1 insiste em atribuir a ação de salvar a atleta ao treinador que foi introduzido como o agente no parágrafo primeiro e, no segundo, é recategorizado, agora, como técnico, ainda equivocadamente no masculino. Vejamos: “A equipe e **o técnico de Alvarez** imediatamente fizeram uma declaração de que **o incidente foi devido ao excesso de trabalho**, mais tarde **descobriu-se que o atleta estava totalmente vacinado**” (grifos nosso). Nesse trecho, há ainda outro equívoco, quando Anita é retomada anaforicamente por um artigo masculino e uma expressão adjetiva também no masculino: “**o** atleta que estava totalmente **vacinado**”. Percebe-se ainda que, mesmo “o técnico” e a equipe da atleta tendo dado uma “declaração de que o incidente foi devido ao excesso de trabalho”, ainda assim, isso não foi o suficiente para ser considerado como verdadeiro, visto que “mais tarde descobriu-se que o atleta estava totalmente vacinado”. A pergunta que fica é: quem descobriu mais tarde que ela estava vacinada e fez a relação da vacina com o episódio? Essa informação não fica evidente ao leitor, uma vez que o sujeito da forma verbal “descobriu-se” é indeterminado, o que traz ao texto um teor duvidoso, sem credibilidade.

Essa constatação de que o ocorrido com Anitta se deu devido à vacina da Covid-19 e não à exaustão dos treinos intensos, comum em atletas de esportes de alta intensidade, como dito por sua equipe, veio a partir de uma entrevista que é agregada à postagem, e que se encontra em inglês. No trecho da entrevista, a atleta diz estar feliz por ter tomado a vacina da Covid-19. Essa entrevista (que teve seu trecho anexado à mensagem) não tem relação cronológica com o ocorrido, mas foi suficiente para L1/E1 fabricar a suposição de que o que

fez a atleta desmaiar foi o fato de ela ter tomado as doses da vacina, deslegitimando, inclusive, o discurso reportado da equipe da atleta (E3), funcionando como uma imputação por desacordo. Sobre essa desconsideração por parte de L1/E1, dialogamos com o que diz Charaudeau (2013), ao tratar do conceito de efeito de verdade, que, como vimos, trata-se da ação do sujeito em forjar uma verdade fruto da interação intersubjetiva desse com o fato, com o mundo, com outro, com a cultura, atribuindo a ele um suposto valor de verdade, que mais tem a ver com as suas crenças pessoais, valores morais e ideologias, do que com as evidências em si.

A tese de L1/E1 segue-se no terceiro e último parágrafo, quando a mensagem passa a assumir uma composição mais opinativa. Vejamos: “[...] o número de **efeitos colaterais** após a vacinação contra a **Covid-19** está crescendo, assim como o **número de vítimas**, só que na maioria das vezes falamos de casos que afetam **pessoas famosas**, porque dá alguns tipo de ressonância” (grifos nosso). No trecho em destaque, o ocorrido com a atleta, isto é, o fato de ela ter perdido a consciência é associado a um dos tipos de “efeitos colaterais” da vacina, que se ancora no referente “Covid-19” nesse último parágrafo. Quanto ao objeto de discurso “Anita”, este é introduzido como “bicampeã” e passa a ser recategorizado como “atleta”, ambos os referentes relacionados a sua área de atuação, passando, no terceiro parágrafo, a ser associado à categoria de “vítimas” da vacina que só chegam à mídia por serem “pessoas famosas”. Isso evidencia que o uso dessas formas nominais referentes à atleta não se deu de modo aleatório, mas foi estrategicamente construído no texto com o fito de levar a atleta à categoria de “pessoas famosas”, justificando o discurso de que apenas chegam à mídia os casos de efeitos colaterais da vacina, quando atingem um público que tem visibilidade social, deixando, com isso, subentendido que há muitos casos que não chegam à mídia por não se tratar de pessoas famosas, o que se evidencia no final do texto, quando L1/E1 alerta que “milhares de pessoas estão morrendo sem a devida cobertura na mídia e outras fontes ‘oficiais’”.

Esse movimento de recategorização anafórica atrelado à figura de Anita, que parte de atleta e chega à figura de vítima, para posteriormente chegar a “pessoas famosas”, está intimamente ligado à construção argumentativa do texto, que explicita o PDV de L1/E1, o de que a vacina traz sérios riscos à saúde, inclusive para atletas que têm um hábito de vida mais saudável e um melhor rendimento físico comparado às demais pessoas. Essa associação se dá em redes referenciais, em que L1/E1 vai construindo esse PDV entre as expressões referenciais que se conectam e mantêm entre si relações de sentido. Outrossim, essa construção do referente Anita abre espaço para o leitor pensar que, se a vacina pode

representar risco para atletas e pessoas com melhor rendimento físico, imagine para aqueles que não fazem parte dessa categoria de “atleta” e “bicampeã”. Desse modo, L1/E1 mobiliza tais informações no texto, a partir de formas nominais, para fazer com que o leitor compartilhe do seu PDV, isto é, o de que a vacina é perigosa e traz sérios efeitos colaterais à população.

É importante observar ainda que a desqualificação da vacina da Covid-19 por parte de L1/E1 se dá a partir da mobilização das três provas de persuasão propostas por Aristóteles. Ao tentar trazer argumentos que, ao seu público, podem parecer lógicos, L1/E1 recorre ao *logos*. Essa ação se dá a partir da apresentação do fato, com apoio em outros textos que buscam justificar ou trazer um efeito de verdade ao fato informado, fazendo com que seja reconhecido pelo seu público. Não obstante, L1/E1 recorre também ao *ethos* em duas vias, primeiro quando constrói sobre si a imagem daquele que informa o seu público e que por isso é digno de ser ouvido e acreditado; segundo por construir ao longo do seu texto uma imagem negativa atribuída a Covid-19. Por fim, L1/E1 recorre ao *pathos*. Todo o texto caminha na direção de que L1/E1 quer sensibilizar o seu auditório de que a vacina da Covid-19 traz sérios riscos à saúde, visto que “milhares de pessoas estão morrendo sem a devida cobertura da mídia” (@reaçõesadversas, 2022, *s/p*). Esse trecho final do texto demonstra o pânico gerado pela mensagem, o que afeta diretamente as emoções de seu público, além de tentar subverter uma lógica atribuída ao referente “vacina da Covid-19”, visto que o coloca como responsável por matar milhares de pessoas, tirando a responsabilidade da doença e atribuindo ao imunizante.

Percebemos também que não só a vacina da Covid-19 é descredibilizada por L1/E1, mas também a mídia e as “outras fontes ‘oficiais’” (@reaçõesadversas, 2022, *s/p*). Esta primeira por, segundo L1/E1, subnotificar os “milhares” de casos de mortes; e a segunda, se pensamos em fontes oficiais do Ministério da Saúde ou de instituições científicas, que vem entre aspas como um tom irônico, por mentir para a população sobre os efeitos da vacina, escondendo esses casos, e incitando que a sociedade faça uso dela mesmo que, segundo L1/E1, esteja matando milhares de pessoas. Esse ataque à mídia, as fontes oficiais e à própria vacina da Covid-19 traz à tona a arena de conflitos em que se organiza o texto, evidenciando a modalidade polêmica como uma das marcas de identificação das *fake news*, o que podemos observar em outros exemplos analisados.

Por fim, encerramos esta análise com um exemplo que se trata de uma notícia, ainda sobre o fato ocorrido com Anita Alvarez. Julgamos importante encerrar nossa análise com esse exemplo, para refletirmos sobre como as *fake news*, em especial aquelas que se

revestem do gênero notícia se diferenciam de uma notícia verdadeira. Já pontuamos ao longo desta análise algumas marcas textuais que se mostraram recorrentes em *fake news*, mas agora almejamos confrontá-las com uma notícia verdadeira.

O exemplo a seguir retrata o ocorrido com Anita Alvarez, e foi veiculado pela CNN Brasil, importante canal de informação. O fato foi publicado por meio de uma notícia, gênero comumente utilizado em *fake news*. Com esse exemplo, não queremos estabelecer uma comparação direta entre uma mensagem instantânea, anteriormente analisada, e uma notícia, uma vez que são gêneros totalmente distintos, mas sim, observar como o fato é apresentado em ambos os gêneros, em especial porque a mensagem publicada no grupo do *Telegram* se apresenta como informativo, com o fito de compartilhar um fato com seu público. Desse modo, ambos os gêneros têm uma certa finalidade em comum, informar, ou desinformar como é o caso da *fake news*, um auditório sobre algo relevante. Vejamos alguns trechos da notícia publicada no site CNN Brasil (HAQ, 2022):

Quadro 2 - Notícia sobre Anita Álvarez publicada pela CNN Brasil³⁵

Nadadora Anita Álvarez perde a consciência na piscina e é resgatada por treinadora

No Campeonato Mundial Aquático da Federação Internacional de Natação (Fina), competidora teve de ser resgatada por treinadora ao desmaiar

A nadadora norte-americana Anita Álvarez foi resgatada do fundo da piscina por sua treinadora no Campeonato Mundial Aquático da Federação Internacional de Natação (Fina), em Budapeste, na Hungria, depois de perder a consciência nesta quarta-feira (22).

A treinadora Andrea Fuentes saltou na piscina após perceber que a nadadora artística de 25 anos afundou ao final da sua coreografia na competição livre feminina solo. Fuentes, quatro vezes medalhista olímpica em nado sincronizado, levantou Álvarez até a superfície antes de ajudar a levá-la para a borda da piscina.

Álvarez recebeu ajuda médica ao lado da piscina, informou a Reuters, e posteriormente foi transportada em uma maca.

Esta foi a segunda vez em que Fuentes teve de resgatar Álvarez, segundo a Reuters. A primeira vez ocorreu quando ela saltou em uma piscina durante um evento classificatório olímpico no ano passado, e foi [ela] levada para um lugar seguro, junto com a companheira de natação Lindi Schroeder. [...]

“Anita está bem, os médicos revisaram todos os seus sinais vitais e tudo está normal: frequência cardíaca, oxigênio, níveis de açúcar, pressão arterial, etc...tudo está bem”, disse fontes no comunicado.

“Às vezes nos esquecemos que isso acontece em esportes de alta resistência. Maratonas, ciclismo, cross country...todos vimos imagens que mostram esportistas que não alcançam a meta e outros os ajudam a chegar”, acrescentou Fuentes” (grifos nosso)

Fonte: site CNN Brasil (HAQ, 2022).

³⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/nadadora-anita-alvarez-perde-a-consciencia-na-piscina-e-e-resgatada-por-treinadora/>

Na notícia do exemplo 12, identificamos os principais objetos de discurso que são centrais no texto, a saber: o local onde ocorreu o evento; o que ocorreu; e as duas participantes centrais: a atleta e a treinadora. Inicialmente, o evento é registrado logo no subtítulo da notícia, informação importante para textos noticiosos, sobretudo quando pensamos nas clássicas perguntas norteadoras que comumente são respondidas ainda na lide de uma notícia. Temos, portanto, a seguinte expressão referencial adverbial: “No Campeonato Mundial Aquático da Federação Internacional de Natação (Fina)”, que é novamente retomado no primeiro parágrafo do texto, acrescido da informação acerca do lugar onde esse evento ocorreu, no caso em “Budapeste, na Hungria”. Aqui há uma maior completude acerca do local e do evento onde ocorreu a acidente com a atleta.

Quanto ao ocorrido, temos a introdução referencial no título da notícia da informação de que a nadadora “perdeu a consciência” na piscina. Mais à frente, no subtítulo, essa expressão é recategorizada pelo referente verbal “desmaiar”. O fato é tratado dentro da dimensão do ocorrido, sendo, portanto, algo que chama a atenção do leitor, devido ao perigo passado pela atleta, no entanto, não vemos um teor apelativo ou sensacionalista, como ocorreu nas *fake news* analisadas anteriormente. Outrossim, não há no texto nenhuma relação com o referente “vacina da Covid-19”, como é feito, a saber, na imagem 12, que trata do ocorrido com a atleta, atrelando o fato à vacina. Temos, desse modo, dois objetivos distintos em ambos os textos; a mensagem publicada no Telegram (imagem 12) não tem o fito de informar sobre o que ocorreu de fato com Anita, dado que muitas informações são equivocadas e imprecisas, mas sim de dar um foco ao fato de ela ter sido vacinada, o que aparece logo no título da mensagem “bicampeã vacinada”; já na notícia, o foco é dado no evento em si ocorrido com a atleta.

Certamente se buscássemos uma notícia sobre a entrevista de Lula em Natal, observaríamos, possivelmente, que a notícia iria tratar do evento em si, das suas demais falas, diferente, por exemplo, da *fake news* que focou em uma fala específica, deturpando inclusive o seu conteúdo, ou seja, o fato não era informar sobre um evento em que participou Lula, mas sim o de tentar construir uma imagem negativa sobre ele. Essa é, portanto, uma das principais diferenças, enquanto a notícia verdadeira busca trazer uma maior explanação dos fatos, as *fake news* são fabricadas com foco em pontos específicos dos eventos, sendo, tendenciosamente, alterados com o fim de atender a propósitos particulares de um dado grupo que, como vimos, financia o disparo desses textos. É nesse momento que entra a estratégia argumentativa tão discutida ao longo desta subseção. O modo como L1/E1, em *fake news*,

gera o seu enunciado, evidenciando modos particulares de ver e de transmitir os fatos, é algo bastante particular em *fake news*.

Outrossim, é latente que, na notícia analisada, não há uma organização textual que tenda a despertar a polêmica em seu auditório, bem como não há um sensacionalismo frente ao que é noticiado; diferente, portanto, das *fake news* analisadas. Diferente da imagem 12, a notícia não objetiva promover PDVs conflitantes. Esse fato nos desperta o seguinte questionamento: por que dois textos que tratam do mesmo evento, o fazem de modo tão diferente? Um recorre a um tom alarmista e polêmico, o outro trata-o de um modo mais responsável e sem conflitos. Isso se justifica, mais uma vez, os propósitos comunicativos e estratégicos de cada locutor-enunciador, em que, nas *fake News*, o fito nunca é o de informar sobre algo, mas sempre o de fabricar uma mentira, revestida de um suposto valor de verdade. É sempre na tentativa de prejudicar o outro, mobilizando estratégias que deem sustentação a isso, criando conflitos entre teses. E é por isso que a modalidade polêmica é tão latente em *fake news*.

Nota-se que há uso de expressões adverbiais, assim como foi observado, em especial na imagem 10, quando o L1/E1 trouxe o seguinte trecho: “**Agora** os céticos parecem estar certos. **Novamente**”. No entanto, o uso dessas expressões referenciais no exemplo 13, isto é, na notícia, tem um uso estratégico, distinto do que é usado, por exemplo, na imagem 10. Na notícia, esses usos funcionam como modo de marcar temporalidade e lugar, bem como para colaborar para a progressão do texto, tais como: “em Budapeste, na Hungria”, “depois”, “quarta-feira (22)”, “posteriormente” etc. Já na imagem 10, o uso das expressões adverbiais de modo “agora” e “finalmente” estão mais a serviço do posicionamento de L1/E1 frente ao fato, do que da preocupação em informar o fato em si. Na notícia, há o uso do advérbio de modo “bem”, no entanto, este é usado pelo discurso direto, ao ser levado ao texto a partir do trecho da entrevista da treinadora, entre aspas, que se refere ao estado de saúde de Anita e não é, portanto, utilizado diretamente por L1/E1, mas sim por meio de uma imputação a um E2, como é feito na imagem 10.

Quanto à apresentação do objeto de discurso relacionado à nadadora, esta é apresentada como “nadadora Anita Álvarez”, tendo, assim como na imagem 12, a topicalização da sua função como atleta anteposta, como um modo de destacar aquilo que a faz ser conhecida e ser noticiada. Essa expressão referencial tem, dentre todas as outras, a maior diversidade de recategorização, trazendo expressões como “competidora”, “a nadadora norte-americana Anita Álvarez”, “a nadadora artística de 25 anos”, “Álvarez”, “Ela” por meio de uma elipse e “Anita”. O mesmo não ocorre, por exemplo, com Andrea Fuentes, que é

apresentada como “treinadora” no título e no subtítulo e, ao longo do corpo da notícia, vai sendo recategorizada por expressões como “A treinadora Andrea Fuentes” e “Fuentes”. Há uma diferença nesta última em comparação com a imagem 12, uma vez que, na mensagem, a treinadora é referida como “treinador”, no masculino, e não há uma nomeação, assim como há na notícia, ficando, portanto, uma imprecisão quanto ao fato narrado.

Percebemos que, embora os exemplos 11 e 12 tratem do mesmo assunto, isto é, o evento ocorrido com a nadadora Anita Álvarez, este é construído de modo distinto, a partir de PDV distintos e de propósitos comunicativos também distintos. Enquanto a imagem 12 coloca-se como uma mensagem informativa, na verdade, busca-se, tendenciosamente, construir uma mensagem fabricada que pretende, falsamente, atrelar o ocorrido com a nadadora ao fato de ela ter tomado a vacina. Essa mentira fabricada discursivamente salta-nos a partir da análise da construção referencial elaborada pelo locutoreunciador, das suas escolhas e do modo como ele se relaciona com o fato e com os discursos reportados. Toda essa reorganização discursiva demonstra posições assumidas pelo locutor-enunciador e revela o seu PDV frente àquilo a que ele se propõe informar ou melhor desinformar. Desse modo, coadunamo-nos com Cortez e Koch (2013, p. 10), ao destacarem que

A construção dos objetos de discurso homologa traços de um diálogo interior do sujeito enunciatador consigo mesmo e com os outros, desempenhando papel importante na orientação argumentativa do texto. [...] Os objetos de discurso são reveladores de pontos de vista, e seu modo de apresentação é um meio pelo qual se pode apreender a subjetividade.

É importante frisar que não estamos afirmando que, na notícia, L1/E1 seja completamente imparcial frente ao fato informado, o que iria contra toda a nossa discussão desenvolvida ao longo desta pesquisa. Mas sim, queremos enfatizar que o modo como L1/E1 gera as informações no texto informativo é diferente de como elas são geradas nas *fake news*. E esse modo gerido pelo jornalista, de certo distanciamento, demonstra uma ação estratégica comum em notícias, evidenciando a sua responsabilidade frente ao que ali é exposto, responsabilidade esta que não ocorre em *fake news*. Segundo Macedo, “é a assunção de responsabilidade ou o distanciamento das falas dos enunciadores que indicam se o jornalista também é, ou não, um polemista” (MACEDO, 2018, p. 72). Isto mostra que, na notícia, L1/E1 não cria um discurso polêmico, mas apenas assume a responsabilidade de apresentar os fatos a partir do propósito comunicativo do gênero notícia, o que é diferente nas *fake news* analisadas, que, em todos os casos, polemizam as teses sobre os fatos retratados.

Diante deste capítulo de análise, podemos observar marcas textuais que possibilitam identificar a *fake news*. Percebemos que esses traços são recorrentes e foram observados a partir do contexto situado em que se encontram essas práticas discursivas, isto é, a partir de interações próprias do ecossistema digital. Não propomos aqui sugerir características rígidas e prototípicas desses eventos textuais, mas sim construir uma discussão teórica que nos permita, enquanto pesquisadores, refletir sobre como esses textos se comportam e como se inter-relacionam *in loco*. A proposta é, pois, ampliar os estudos das *fake news*, sob uma ótica da linguística textual. Acreditamos que ao longo desta pesquisa nosso estudo caminhou nessa direção.

Destacamos que, para que chegássemos às marcas textuais almejadas no início desta pesquisa, foi de suma importância traçar um percurso teórico-analítico que, nesta pesquisa, ficou subdividido em três subtópicos de análise, a saber: a) A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*; b) As relações referenciais e a construção do ponto de vista do locutor-enunciador; e, por fim, c) A orientação argumentativa em *fake news*. Reiteramos que, embora divididos em subtópicos, por motivo didático-metodológico, os três subtópicos se encontraram, se integraram e estiveram juntos compondo este momento da análise. Entendemos, pois, que as redes referenciais implicam PDV, e que esses estão interconectados à orientação argumentativa de todo texto. Desse modo, traçamos diálogos entre eles ao longo de toda a análise.

No subtópico “a) A identificação de marcas textuais que colaboram para a identificação de *fake news*”, podemos observar três marcas textuais que nos chamaram bastante atenção. A primeira diz respeito às interações tecnodiscursivas do ecossistema digital em que se encontram as *fake news*. Entendemos, pois, assim como Paveau (2018), que é necessário existir uma simetria entre os aspectos linguageiros e os aspectos tecnológicos próprios desse ambiente digital. Na análise, percebemos que a mentira já inicial na própria composição da página em que o texto emana, iniciando, pois, na *bio*, nas imagens, nos emojis utilizados, nas interações, no público que segue e entre os que são seguidos. Todas essas interações trazem informações acerca do PDV do locutor-enunciador, e o seu propósito argumentativo. A segunda marca textual diz respeito à mobilização estratégica de introduções referenciais e anáforas. Observamos que a mobilização por parte do locutor-enunciador de redes referenciais, tanto de introduções referenciais quanto de anáforas, evidencia um modo particular de apresentação do mundo, enfatizando o seu projeto de dizer. Por fim, a terceira marca textual bastante saliente trata-se das relações intertextuais. Nesta, observamos que o locutor-enunciador sempre recorre a outros textos, seja em acordo, seja em desacordo. E, em

todos os casos analisados, há sempre um uso tendencioso e uma deturpação do que esse texto-fonte de fato quis dizer. Isso evidencia que o projeto de dizer em *fake news* está comprometido em criar uma nova realidade falsa a partir de âncoras em textos anteriores, criando, com isso, um suposto valor de verdade ao que texto falso.

No segundo subtópico “b) As relações referenciais e a construção do ponto de vista do locutor-enunciador”, pudemos observar como as marcas textuais observadas no subtópico foram mobilizadas pelo locutor-enunciador a fim de reforçar o seu ponto de vista. Ainda influenciada pelas relações intertextuais, pudemos refletir sobre como o locutor-enunciador trazia aos seus textos outros textos e outros pontos de vista, a fim de construir o seu próprio ponto de vista. Essa ação ocorreu a partir de estratégias como a imputação e a PEC, e o uso das redes referenciais. Observamos que, ao trazer um discurso-outro ao texto, o locutor-enunciador age de modo irresponsável, modificando de modo tendencioso o que foi dito pelo outro a fim de atender ao seu projeto de dizer, isto é, a desinformação.

Por fim, neste subtópico, denominado “c) A orientação argumentativa em *fake news*”, foi-nos possível perceber que toda a mobilização de marcas textuais anteriormente sinalizadas e identificadas aqui evidenciam a orientação argumentativa, trazendo um aspecto bastante próprio para essas práticas discursivas. Neste, podemos identificar como a modalidade polêmica se faz presente, e como o locutor-enunciador conclama este discurso polêmico com o fito de criar pânico e sensacionalismo para o seu texto falso. Neste último subtópico, todos os anteriores se encontram. É, portanto, a essência constitutiva de todo texto falso, pois toda mentira busca atender um projeto de dizer tanto daquele que produz o texto, quanto também dos aspetos ideológicos e políticos a qual este sujeito se filia.

Trouxemos também diversas discussões sobre as *fake news*, e pudemos observar como esses textos se organizam, dos mais diversos modos e formatos, por exemplo, quando pontuamos chamadas telefônicas e outdoor. Destacamos, com isso, que essas práticas discursivas representam um sério risco à democracia por trazerem mentiras sobre pessoas e ideias, influenciando fortemente o seu público. Vimos que muitas *fake news* trouxeram sérias consequências sobretudo para o âmbito político e científico e é, por esse motivo, que pesquisas como estas se fazem necessárias.

A seguir, apresentamos as conclusões finais desta pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Finalizada (temporariamente) esta pesquisa, trazemos nesta seção as nossas conclusões. Retomamos, para isso, o objetivo geral desta pesquisa, a saber: investigar a construção do ponto de vista nas práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro, por meio do uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização.

Pudemos confirmar, a partir da análise desenvolvida, em consonância com o que afirmam Rabatel (1997) e Cortez (2011), que o PDV é um fenômeno constituinte de todo enunciado e, que todo texto é permeado por PDVs, uma vez que o seu autor apresenta o objeto sempre permeado por um querer-dizer, a partir de uma relação intersubjetiva que envolve tanto esse, quanto o cenário social e o outro. É, portanto, possível chegar a esse PDV a partir de usos referenciais operados por L1/E1 sobre o que ali ele se propõe a criar no seu texto. Diante desse rearranjo textual, foi-nos possível sinalizar marcas textuais que revelam o discurso falso em *fake news*.

Foi-nos possível ainda observar que as expressões referenciais, tais como, as introduções referenciais e as anáforas recategorizadoras, mostraram-se essenciais para a construção do PDV dos locutores-enunciadores dos textos elencados para análise, pois, como vimos, nenhuma escolha operada nos textos se dá num vazio, ou de modo imparcial; todas as escolhas sinalizam para um PDV, um modo particular de apresentar o mundo ao público. Sabemos que essas escolhas são estratégicas e estão comprometidas com o projeto de dizer de cada L1/E1. Não obstante, essa apresentação do mundo via linguagem em *fake news* traz particularidades que muito nos chamaram atenção ao longo do curso de análise.

Compartilhamos da ideia de as *fake news* se configuram enquanto práticas discursivas que reverberam para a mentira. Esses textos movimentam as redes sociais, que utilizam de assuntos polêmicos e sensacionalistas para sensibilizar o seu público. Trata-se de uma prática bastante rentável, uma vez que implica coparticipação do leitor no seu processo de disseminação. Desse modo, esses textos perpassam diversos espaços e redes, cumprindo o seu compromisso de passar a desinformação para o maior número de pessoas. Essas mentiras estão, pois, comprometidas com ideologias, e buscam atender determinados objetivos políticos e econômicos, tais como a direita, o movimento antivacina etc.

Diante desse cenário preocupante, buscamos nesta pesquisa mais do que tentar mapear características dessas práticas discursivas; tentamos trazer contribuições para que os internautas possam repensá-las. Nosso intuito foi trazer contribuições teóricas para lançar luz

para os estudos que buscam tratar desses textos falsos. Acreditamos, com isso, que a linguística textual muito tem a colaborar com os estudos que envolvem a *fake news*, sendo esta pesquisa um meio para isso.

Podemos observar, portanto, que as *fake news* embora busquem se apresentar enquanto textos informativos, o fazem recorrendo ao sensacionalismo, tratando de temas importantes como a saúde e a política, a partir de uma perspectiva polêmica. É notório que esses textos buscam atender a determinadas grupos políticos e ideológicos, pois, trazem em seus conteúdos questões polarizantes que retomam os dois eixos políticos conflitantes em nosso país, a saber: esquerda *vs* direita. Observamos que os temas mais recorrentes são aqueles que envolvem a ciência, a vacina, a economia e a política, sempre a partir de uma perspectiva ideológica. É nesse momento de exposição do fato, que L1/E1 deixa transparecer a sua posição, e o grupo político-ideológico no qual se situa. Para chegarmos nessa conclusão, partimos dos aspectos linguístico-textuais apontados ao longo de nossa análise e que aparecem em nossas questões de pesquisa, as quais retomamos aqui, que abarcam os objetivos já descritos.

A primeira questão de pesquisa: “De que modo o uso de redes referenciais, com foco na introdução referencial e na recategorização, constrói o ponto de vista em práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro?”. Na busca pela resposta a essa questão, pudemos observar que a construção do PDV de vista em práticas discursivas *fake news* ocorre a partir de redes referenciais, pois embora L1/E1 busque tratar de um tópico em específico, como, por exemplo, a vacina da Covid-19, o faz na integração com outros referentes que mantêm entre si relações de sentidos. Essas escolhas e interações marcam posições de L1/E1 frente ao que é informado, evidenciando o seu PDV que, nos exemplos analisados, situava-se em um discurso antivacina. Chegar a esse PDV a partir das redes referenciais, permitiu-nos identificar o rearranjo textual elaborado por L1/E1 para a construção da mentira, seja tratando do assunto de modo sensacionalista, seja tornando-o polêmico, seja trazendo suas impressões de modo explícito, distanciando o seu texto de um gênero informativo, e, assim, aproximando-o de um teor mais opinativo e que mais apela ao *phatos*, isto é, as emoções do seu auditório, do que da *logos*, a razão lógica do que é informado. Outrossim, destacamos que a mentira produzida por L1/E1 é ancorada em discursos de outros, quando este traz a seu texto essas outras fontes com o fito de dar credibilidade ao que é informado, criando um suposto efeito de verdade. Isso ficou evidente a partir das categorias observadas, a saber: a imputação e a PEC, em que evidenciam a (falta de) responsabilidade enunciativa de L1/E1 frente ao que é desinformado.

A segunda questão de pesquisa: “De que maneira as formas de introdução do referente, expressas pelas linguagens verbal, por meio das expressões nominais, e não verbal, por meio de recursos multissemióticos, a partir de pistas contextuais e contextuais, contribuem para a construção do ponto de vista das práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro?”, possibilitou-nos constatar que a construção do PDV perpassa uma série de mobilizações desempenhadas por L1/E1. Podemos pontuar que, por meio das análises, foi possível perceber que o cenário digital no qual se situam esses textos falsos têm como objetivo maior a desinformação. O *lócus*, portanto, antecipa a mentira que é construída no texto, pois traz marcas identitárias que já sinalizam a ótica que será dada ao texto falso. Isso implica dizer que essas relações perpassam todo o compósito de gêneros presentes na página, revelando que a introdução do referente pode se dar entre textos, a partir das redes referenciais, o que denominamos de introdução referencial intertextual. Outrossim, observamos que as relações intertextuais se tornam marcas importantes em *fake news*, uma vez que todos os exemplos analisados retomavam textos anteriores [verdadeiros], seja deturpando-o, seja operando alterações referenciais, como foi o caso da troca do referente “Forças Armadas” por “padres e pastores”.

A terceira questão de pesquisa: “De que modo as redes referenciais recategorizadoras, por meio das linguagens verbal e não-verbal, colaboram para a construção do ponto de vista do locutor-enunciador primeiro e, assim, identificam práticas discursivas *fake news* sobre a vacinação da Covid-19 e sobre o cenário político brasileiro?”, permitiu-nos observar no curso da análise que as recategorizações evidenciaram o PDV de L1/E1, pois, constatamos que esse processo de retomada do referente era feito de modo tendencioso e negativo, configurando-se como uma marca latente que evidenciava a *fake news*. Vimos, por exemplo, o uso de imagens que trazia aspectos negativos para se referir ao referente do texto, corroborando com a mentira ali apresentada. Desse modo, as recategorizações serviam de base para a construção da mentira, uma vez que nesse instante L1/E1 se colocava no texto de modo mais explícito, evidenciando mais um teor opinativo do que informativo. Não diferente, esse processo referencial de recategorização ocorre também em redes referenciais e mantém entre os referentes relações de sentidos, sendo essenciais para a manutenção da mentira no texto.

A última questão de pesquisa: “Como a inter-relação entre as formas referenciais recategorizadoras expressas a partir de linguagens verbal e multissemiótica constroem contextos argumentativos em práticas discursivas *fake news* da Covid-19?”, possibilitou-nos refletir que as ações de L1/E1 no seu texto evidenciavam o seu propósito argumentativo, isto

é, o de gerar pânico nos internautas por meio da mentira sobre determinado assunto. Podemos notar que, em todas as *fake news*, L1/E1 recorreu à modalidade polêmica, uma vez que trouxe embates políticos e ideológicos como pano de fundo para o fato desinformado, gerando, portanto, tensões que vão sendo explanadas pelos seus leitores ao longo das interações possibilitadas via redes sociais. Outrossim, o uso de fontes para o texto, mesmo que de modo equivocado, também se evidenciou como estratégia, uma vez que L1/E1 via essa imputação como um modo de dar autenticidade à mentira informada. Nesse contexto, lembramos Charaudeau (2013) ao alertar que o efeito de verdade é oriundo de interações intersubjetivas promovidas por L1/E1 com outros enunciadores-segundos, buscando, com isso, construir uma nova versão do real a partir da sua ótica política e ideológica, sendo, portanto, um ato estratégico quando L1/E1 busca dar um *status* de verdade ao que ali é exposto, seja por meio de imputação e PEC, seja a partir de menções a outras fontes.

O percurso trilhado, nesta pesquisa, tanto em termos de incursões teóricas quanto em termos de análise dos dados, mostrou-nos a impossibilidade de abarcar todo potencial investigativo que gira em torno do objeto de pesquisa sobre o qual nos debruçamos. Trata-se de um campo bastante fértil para pesquisas, mas também, bastante escorregadio. Nesse percurso, deparamo-nos com grandes desafios teóricos, como a necessidade de abordar diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, particularmente quanto ao *locus* de coleta de dados, que é fugidio.

Por essa razão, esta pesquisa abre caminho para futuros estudos que possam aprofundar as discussões aqui realizadas, como por exemplo, aquelas que tratam das relações intertextuais em *fake news* e da sinalização de que, potencialmente, as redes referenciais podem ocorrer para além do texto, a partir de relações intertextuais. Reconhecemos os limites desta pesquisa, mas acreditamos que lançamos luz para novas reflexões que venham a somar com os estudos das práticas discursivas *fake news*. Enfatizamos que nosso objetivo não foi trazer um apanhado de características para esse fenômeno discursivo, mas propor novas discussões e olhares.

Por fim, dialogamos com Santaella (2020), por acreditarmos que esta pesquisa se soma a outras, tornando-se importante, uma vez que entender como esses textos falsos agem e quais efeitos criam é “[...] necessário para se evitar que o uso da expressão continue na nebulosa retórica em que anda perambulando” (p. 11). Desse modo, julgamos que nossa discussão teórica trouxe novos contornos para melhor compreender como funcionam e agem as *fake news* no cenário digital.

REFERÊNCIAS

- ALTARES, G. A longa história das notícias falsas: utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga. **El País**, Caderno Cultura, 18 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em: 10 out. 2022.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (org.). **Análises do discurso hoje**, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011. Acesso em: 7 out. 2022.
- AMOSSY, R. **L'Argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2012. 346 p.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coord. de trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Trad. Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.
- ARENDT, H. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BEAUGRANDE, R. W. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood: Ablex, 1997.
- BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- BRAIT, B. O texto nas reflexões do Círculo e de Bakhtin. *In*: BATISTA, R.de O. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 13-30.
- BLANCHOT, M. **A parte do fogo**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial v. 14, n. 12, 2016.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos** - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p. 25-39, set. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO-FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M.; PINTO, R.; BRITO, M. A. Polêmica e argumentação: Interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. **Diacrítica**, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2018. Disponível em: https://novaresearch.unl.pt/files/12217411/POL_MICA_E_ARGUMENTA_O.pdf. Acesso em: 6 nov. 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *In: MARQUESI, S. C. et al. (Con)textos Linguísticos*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação: em síntese. *In: LIMA, A. H.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. de S. Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 2, p. 237- 272. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/linguistica-geral-2>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CAVALCANTE, M. M.; MUNIZ-LIMA, I. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 1-21, set.-dez./2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/2328/853>. Acesso em: 7 nov. 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. Trad. de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CORTEZ, S. L. . Référenciation et construction du point de vue: l'établissement de la visée argumentative du texte. **Lenguaje** (Universidad del Valle) , v. 37, p. 233-254, 2009. Disponível em: <https://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php/lenguaje/article/download/4889/7027>. Acesso em: 12 out. 2022.

CORTEZ, S. L. **A construção textual-discursiva do ponto de vista: vozes, referenciação e formas nominais**. 2011. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de

Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/cervo/detalhe/796133>. Acesso em: 21 out. 2022.

CORTEZ, S. L.; KOCH, I. G. V. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. *In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.). Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 9-29.

COSTA, M. H. A. Linguagem como locução e aprendizagem como cognição situada. **Linguagem em Foco**, v. 2, p. 151-167, 2010. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1727>. Acesso em: 22 out. 2022.

COSTA, M. H. A; MONTEIRO, B. C. B; ALVES, L. E. P. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, [S. l.], v. 18, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5360/3931>. Acesso em: 22 out. 2022.

CUSTÓDIO-FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2014.

FRANCO, C. de P. Por uma abordagem complexa de leitura. *In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011, p. 26-48.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HAQ, S. N. Nadadora Anita Álvarez perde a consciência na piscina e é resgatada por treinadora. **CNN Brasil**, [S. l.], 23 jun. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/nadadora-anita-alvarez-perde-a-consciencia-na-piscina-e-e-resgatada-por-treinadora/>. Acesso em: 7 out. 2022.

HANKS, W. F. O que é contexto? *In: HANKS, W. F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. (Orgs.). BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169- 203.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, S. M. C.; FELTES, H. P. M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. *In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs.). Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, I. C. **Modos de interação em contexto digital**. Orientadora: Mônica Magalhães Cavalcante. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64516>. Acesso em: 21 out. 2022.

LUPA. Agência Lupa. Como a Lupa faz suas checagens? **UOL**, 15 out. 2015. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens>. Acesso em: 15 out. 2022.

MACEDO, P. S. A. de. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento De Letras Vernáculas – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/38840>. Acesso em: 7 out. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

MARTINS, D. L. As práticas da cultura digital. **Revista do centro de pesquisa e formação**, n. 7, São Paulo, novembro, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.tainacan.org/repositorio-de-pesquisa/as-praticas-da-cultura-digital/>. Acesso em: 11 out. 2022.

MATOS, J. G. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento De Letras Vernáculas – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/35419>. Acesso em: 9 set. 2022.

MELO, U. M. B. de F. **Feita sob medida**: estrutura de uma notícia falsa e seu papel no convencimento do eleitor. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44709>. Acesso em: 12 set. 2022.

MIDGLEY, N. **Word of the year 2016 is...** Oxford, 8 nov. 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 26 jan. 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998.

NIELSEN, J. **Website Reading**: It (Sometimes) Does Happen. Nielsen Norman Group, 2013. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/website-reading>. Acesso em 6 nov. 2022.

OLIVEIRA, D. L. de. **Leitura de fake news em sala de aula**: tecendo inferências a partir das pistas (con)textuais, discutindo os efeitos de sentido e assumindo posicionamentos. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/04/DISSERTA%C3%87%C3%83O_D%C3%89BORA-LEITE-DE-OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 10 out. 2022..

OLIVEIRA, J. Bolsonaro é “líder e porta-voz” das ‘fake news’ no país, diz relatório final da CPI da Pandemia. **El País**, 20 out. 2021. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

PAIVA, F. J. de O. Você sabe o que é fake news? Nunca vi e nem li, mas só ouço falar... **Revista Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 3, 2020. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1233>. Acesso em: 11 out. 2022.

PAVEAU, M-A. **L’analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/pdf/2554>. Acesso em: 11 out. 2022.

PAVEAU, M-A. La linguistique hors d’elle-même. Vers une postlinguistique. **Les Carnets du Cediscor [En ligne]**, 14, p. 104-110, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/cediscor.1478>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cediscor/1478>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PELLANDA, E. C. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

RABATEL, A. **Une histoire du point de vue**. Metz: Université de Metz, 1997.

RABATEL, A. Une catégorie transversale, le point de vue, **Le Français aujourd’hui**, n° 151, p. 57-68, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/lfa.151.0057>. Acesso em: 12 nov. 2022.

RABATEL, A. **Homo narrans, pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit**. Limoges: Lambert-Lucas, 2008.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... **Langue Française**, 162. p. 71-87, 2009.

RABATEL, A.; CHAUVIN-VILENO, A. La question de la responsabilité dans l’écriture de presse. **Semen. Revue de sémio-linguistique des textes et discours**, n. 22, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/2792>. Acesso em: 2 out. 2022.

RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. São Paulo: Cortez, 2016.

TERRA BRASIL NOTÍCIAS. Bio. Mossoró, RN, abr. 2020. Twitter: @TerraBrasilnot. Disponível em: <https://twitter.com/TerraBrasilnot>. Acesso em: 1º fev. 2022.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Rev. Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354/14373>. Acesso em: 2 out. 2022.

SANTAELLA, L. A semiótica das *fake news*. **VERBUM**, v. 9, n. 2, p. 9-25, set, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50522>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SIEBERT, S; PEREIRA, I. V. A pós-verdade como acontecimento discursivo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA-JÚNIOR, J. P. **Uma prática discursiva da mentira: sexualidade, moral e verdade em *fake news* checadas pelo site e-farsas**. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18451?locale=pt_BR. Acesso em: 21 out. 2022

TEIXEIRA, A. **Fake news contra a vida: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21972?mod=e=full>. Acesso em: 10 out. 2022.